LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E ARISTÓTELES:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XI

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E ARISTÓTELES:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XI

Estudo Comparado XI da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 31 de outubro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o pensamento de Aristóteles, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. Aristóteles é exposto pelas obras, no grego das edições de Oxford conferido pela Perseus Digital Library e localizado por Bekker — Ética a Nicômaco, Política, Da alma, Física, Metafísica, Ética a Eudemo, Da geração dos animais — e pela tradição que o lê. O estudo encontra oito pontos de contato (a virtude que se vive e as Virtudes dos Pilares; o aprender fazendo e as práticas do cânon; o amigo como outro si e o Abrigo; o amigo no infortúnio e a Vigília; a equidade e a Regra da Misericórdia; a prudência do particular e a Bússola; o animal político e as Águas Comuns; o ócio e o sabbath do fluxo) e oito fronteiras (felicidade como atividade e valor como dado; o hábito que forma e o que encobre; a mediania e o veto; a amizade entre iguais e o Abrigo assimétrico; infortúnio, erro, injustiça e a dupla noite–lobo; a hierarquia das vidas e o não ranking; o escravo por natureza e o valor intrínseco; o nome: o motor, o intelecto e a Luz). Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”, reúne o que Aristóteles oferece ao tratado da justiça, à Regra de Vida e às Fichas da série e entrega ao fundador onze questões, das quais oito novas foram decididas em 31 de outubro de 2026, com a fórmula. Toda citação traz localização de Bekker e marcador de verificação; nenhuma edição brasileira foi aberta por inteiro.

Palavras-chave: Aristóteles; Lumen Fluens; virtude; hábito; amizade; justiça; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with the thought of Aristotle, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. Aristotle is expounded from the works, in the Greek of the Oxford editions checked through the Perseus Digital Library and located by Bekker — Nicomachean Ethics, Politics, De anima, Physics, Metaphysics, Eudemian Ethics, Generation of Animals — and from the tradition that reads him. The study finds eight points of contact (the virtue that is lived and the Virtues of the Pillars; learning by doing and the practices of the canon; the friend as another self and the Shelter; the friend in misfortune and the Vigil; equity and the Rule of Mercy; the prudence of the particular and the Compass; the political animal and the Common Waters; leisure and the sabbath of the flow) and eight borders (happiness as activity and value as given; the habit that forms and the habit that covers; the mean and the veto; friendship between equals and the asymmetric Shelter; misfortune, error, injustice and the night–wolf pair; the hierarchy of lives and non-ranking; the slave by nature and intrinsic value; the name: the mover, the intellect and the Light). It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from Aristotle the exercise and refuses the measure”, gathers what Aristotle offers to the treatise on justice, to the Rule of Life and to the series’ Fichas, and hands the founder eleven questions, eight of them new and decided on 31 October 2026 together with the formula. Every quotation carries a Bekker location and a verification marker; no Brazilian edition was opened in full.

Keywords: Aristotle; Lumen Fluens; virtue; habit; friendship; justice; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt] / [V-en] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola
[V-gr]	citação de Aristóteles conferida no grego da edição Oxford (Bywater/Ross, via Perseus)
[V-extr]	citação de autor da tradição conferida em edição estrangeira
[V via secundária]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, a partir do francês, do espanhol ou do inglês
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, numeradas como no Prólogo daquele estudo
decisão n.º 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, numeradas como no Prólogo daquele estudo
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII, entregue no mesmo dia
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
hexis	a disposição adquirida pelo hábito, posta diante das Virtudes dos Pilares
phronesis	a prudência, que percebe o particular, posta diante da Bússola
mesotes	a mediania, definição da virtude, que a fórmula não recusa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 11
1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 31 de outubro de 2026) 14
1.3 O que o IX e o X anteciparam 15
2 ARISTÓTELES EM SUA MELHOR FORMA 17
2.1 Uma vida e uma escola 17
2.2 O bem humano e a felicidade 17
2.3 A virtude e o hábito 19
2.4 A escolha, a deliberação e a responsabilidade 20
2.5 A justiça e a equidade 20
2.6 A prudência e as virtudes do pensamento 21
2.7 A amizade 22
2.8 O prazer, a contemplação e o ócio 22
2.9 A alma, forma do corpo, e o intelecto 23
2.10 O movimento, o tempo e o motor 24
2.11 A cidade e o que ela deixa de fora 25
2.12 O que o leitor leva daqui 26
3 ONDE NOS TOCAMOS 28
3.1 A virtude que se vive e as virtudes dos Pilares 28
3.2 “Aprendemos fazendo” e as práticas do cânon 29
3.3 O amigo como outro si e o Abrigo 30
3.4 O amigo no infortúnio e a Vigília 31
3.5 A equidade e a Regra da Misericórdia 32
3.6 A prudência do particular e a Bússola 32
3.7 O animal político e as Águas Comuns 33
3.8 O ócio e o sabbath do fluxo 34
4 ONDE NOS SEPARAMOS 36
4.1 Felicidade como atividade, valor como dado 36
4.2 O hábito que forma e o que encobre 37
4.3 A mediania e o veto 39
4.4 A amizade entre iguais e o Abrigo assimétrico 40
4.5 Infortúnio, erro, injustiça e a dupla noite–lobo 41
4.6 A hierarquia das vidas e o não ranking 42
4.7 O escravo por natureza e o valor intrínseco 43
4.8 O nome: o motor, o intelecto e a Luz 44

5 ARISTÓTELES E AS CASAS QUE JÁ VISITAMOS **46**
5.1 O estoicismo e a recusa do meio-termo 46
5.2 O cristianismo: Tomás e Agostinho 47
5.3 Hegel: o mestre do gênero humano 48
5.4 O existencialismo: Heidegger, Kierkegaard, Jaspers 49
5.5 Levinas e Ricoeur 50
5.6 Platão: o que Aristóteles responde por dentro 51
5.7 Buber e Arendt 51
5.8 O que não há: budismo, vedanta, taoísmo 52
5.9 O padrão 52

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO **54**
6.1 Agostinho 54
6.2 Hannah Arendt 56
6.3 Gabriel Marcel e Karl Jaspers 57
6.4 Charles Taylor 58

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS **60**
7.1 O que o estudo encontrou 60
7.2 A fórmula 61
7.3 Questões abertas 62
7.4 O que Aristóteles oferece 64
7.5 A lamparina 64

REFERÊNCIAS **66**

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO **77**

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES **95**

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO **100**

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux (o valor e as Virtudes dos Pilares), a Mutatio, o Corpus, a Bússola, o Abrigo, a Vigília, as Águas Comuns, a Regra da Misericórdia e o sabbath do fluxo
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 31 de outubro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 30 de outubro de 2026.

Aristóteles é o segundo clássico da série, na ordem que o fundador fixou em 23 de outubro de 2026: Platão, Aristóteles, Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisões do fundador de 23 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo IX, n.º 11). Dois estudos o anunciaram. O IX o abriu pela pequena ética de Ricoeur (Estudo IX, 5.2): a vida boa como atividade da alma segundo a virtude, a virtude adquirida pelo hábito, o amigo como outro si. O X o abriu por Platão e deixou três portas (Estudo X, 5.1): o hábito que forma, contra o hábito que encobre do Tratado da Luz Interior; a alma como forma do corpo, terceira voz entre a prisão e o templo; e a crítica ao Bem separado, porque o bem se diz de muitos modos (*Ética* I, 6, 1096a23–29; ver 2.2). A terceira porta, o corpo, já tem decisão: “Só templo: o corpo não encobre a luz” (decisão n.º 6 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X), e o estudo não a reabre (ver 5.6).

Com Platão a série testou uma doutrina da luz diante de um filósofo da luz; com Aristóteles testa uma doutrina do dado diante de um filósofo da aquisição. O cânon diz que o valor “é intrínseco, anterior a qualquer conquista” e que a luz “se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”); Aristóteles diz que a virtude se adquire pelo hábito e que a felicidade é atividade de uma vida inteira. O teste passa pelo que se faz todos os dias.

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: Aristóteles entra no Lumen Fluens pelo exercício e pela amizade, e encontra duas fronteiras, a da medida e a do nome. Entra pelo exercício, porque “tornamo-nos justos praticando atos justos” (*Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3) [V-gr; V-pt], e o cânon prescreve quatro práticas, uma por Pilar, e diz da Disponibilidade que “se treina movendo” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”; ver 3.2). Entra pela amizade, porque o amigo é *allos autos*, “outro si mesmo” (*Ética* IX, 4, 1166a29–32; ver 2.7) [V-gr; V-en; tradução do estudo], e o cânon diz “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”; ver 5.7) e que a luz é “pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.3).

Encontra a fronteira da medida, porque Aristóteles gradua. A felicidade é atividade e não posse, pede uma vida completa e depende em parte da sorte (*Ética* I, 7, 1098a16–20; I,

10, 1100a10–12; ver 2.2 e 4.1). As vidas se ordenam, a contemplativa à frente (*Ética* X, 7–8; ver 4.6). E a *Política* mede até o homem, no escravo por natureza e na mulher (*Política* I, 4 e 13; ver 2.11 e 4.7). O cânon põe o valor da pessoa antes de qualquer medida: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”), e “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). E encontra a fronteira do nome, porque Aristóteles dá nome ao divino de que fala, o motor que “produz movimento sendo amada” (*Metafísica* XII, 7, 1072b3; ver 2.10) [V-gr; V-en; tradução do estudo], e compara o intelecto à luz (*Da alma* III, 5, 430a; ver 2.9); o cânon deixa a Luz sem nome, e o estudo não faz do motor nem do intelecto o nome dela; o Bem de Platão não o foi (decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X), e a pergunta pelos de Aristóteles é (an) (4.8).

O estudo propõe ao fundador uma fórmula, e só ele pode adotá-la (7.2): **o Lumen Fluens aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida.** Aceita o exercício, no sentido de 3.2: a virtude se vive em atos repetidos, e a prática do cânon é “condição de sua visibilidade” — a da luz — “para quem a carrega” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”) [leitura do estudo]. Recusa a medida: nenhuma atividade, vida ou natureza mede o valor de uma pessoa; “medida” nomeia aqui o que gradua pessoas, e não a mediania, que o cânon não tem e que o estudo não propõe recusar (4.3). O que mais a fórmula diga depende de perguntas que o capítulo 7 reúne — sobretudo de (ag), se as Virtudes dos Pilares são hábitos no sentido de Aristóteles sem que o valor dependa delas, e de (al), se a fronteira do escravo por natureza consta como fronteira da série.

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. Aristóteles diz o que está nas obras, citado e localizado por Bekker, com o livro e o capítulo: a *Ética a Nicômaco* antes de tudo, a *Política*, o *Da alma*, a *Física*, a *Metafísica*, a *Ética a Eudemo*, o *Da geração dos animais*. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Zingano, Angioni, Hobuss, Aubenque, Ross, Hardie, Cooper, Irwin, Kraut, Broadie, Nussbaum, MacIntyre, Reale, Berti, Shields, Lear, Kenny, e os leitores brasileiros e portugueses por cujas páginas muitas passagens chegaram até aqui. O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, Regra da Misericórdia, Examinar, sabbath do fluxo.

“Nas fontes do cânon” quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a X entram como leitura

anterior do estudo e se citam como tais. O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. O grego foi conferido nos textos de Oxford da Perseus Digital Library (Bywater para a *Ética a Nicômaco*; Ross para a *Política*, a *Física* e a *Metafísica*), com o inglês de Rackham, Ross, Smith, Hardie e Gaye, Tredennick e Jowett à vista. O grego do *Da alma* e do *Da geração dos animais* vem do First1KGreek (Bekker), que não traz as colunas: elas vêm da tradição e não foram conferidas linha a linha, e por isso essas duas obras se citam só com a coluna. A *Ética a Eudemo* é a de Susemihl (1884). As linhas da *Ética* e da *Metafísica* I foram interpoladas dos marcos da Perseus, com margem de uma ou duas.

Das edições brasileiras de referência, nenhuma foi aberta por inteiro: o português da *Ética a Nicômaco* vem, quase sempre, da tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, feita do inglês de Ross, lida em digitalização com ruído e sem conferência de página (ela numera VI, 7 o trecho que o estudo cita como VI, 8); Zingano, Castro Caeiro, Gama Kury, Hobuss e outros chegam por intermédio de quem os cita, em fragmento curto; a *Política* em português vem só por intermediários; a *Ética a Eudemo*, em espanhol; a *Metafísica* de Reale e Perine, por digitalização ruidosa; o *Da alma* II, 1, por um fragmento de Angioni; a *Física* III, 1–3, por Barbosa. Onde não havia tradução conferida, o estudo traduziu do grego ou do inglês e o diz.

Por isso [V-gr] indica que a passagem foi conferida no grego; [V-en], no inglês, com o tradutor nas Fontes; [V-pt], na tradução portuguesa de Vallandro e Bornheim; [V-pt via secundária: autor], que a tradução portuguesa foi lida dentro de outro texto; [V-es], na edição espanhola; [V-lat], no latim de Tomás. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Nas Fontes de cada capítulo a ordem dos marcadores é fixa: grego, inglês, português ou espanhol; depois a natureza (tradução do estudo, paráfrase). As teses dos intérpretes vêm, quase todas, como [tese a confirmar], sem página: a pesquisa de fontes confirmou a existência das obras e não leu o conteúdo. A passagem do intelecto que “resta entrar de fora” (*Da geração dos animais* II, 3, 736b) leva [tese a confirmar]. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera (2.12) e cada capítulo repete onde trabalha. “Luz”, em Aristóteles, é comparação: o intelecto agente é “como a luz”; “a Lux” é a de cada pessoa, e fica sem nome. “Alma” é a *psyche*; o cânon a usa duas vezes, numa só prática (“manter a alma flexível”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática”).

“Hábito” é o *ethos* que forma, em Aristóteles, e o “por hábito” que encobre, no Tratado da Luz Interior; a Meditação tem ainda o “hábito abandonado que você retoma” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”). “Virtude” é a disposição adquirida e a “Virtude” de cada Pilar, dita pelo que é. “Bem” é o bem humano, e os “bens” das Águas Comuns.

“Justiça” é a de *Ética* V, e a justiça devida ao lobo, nomeada e não formulada. “Meio” é a *mesotes*; o cânon não tem meio-termo. “Amigo” é o da *philia*; a letra do cânon diz casa, braços, “o outro”, e “amizade” não ocorre em fonte alguma. “Ato” é a *energeia*, e o ato do lobo. “Terceiro” ganha, com o terceiro caso do dano de *Ética* V, 8, mais um sentido na série. “Há” é o “há perdão” de Ricoeur (Estudo IX), e nada tem com o ser de Aristóteles. O grego vai transliterado, em itálico, só nos termos consagrados, com a tradução na primeira ocorrência.

“Fonte” e “eterno” não servem como letra do cânon para dar nome à Luz: “eterno” tem a letra de “O eterno dança no tempo” (Cânon v1.2, “Origem”), e “fonte” é palavra do próprio fundador nas decisões sobre o Estudo X, não letra de doutrina.

Quando um capítulo diz que Aristóteles não trata de algo, a afirmação vale só para as obras e passagens que o estudo leu.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. Aristóteles é exposto primeiro em sua melhor forma, pelas obras, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ele deixa de fora — o escravo, a mulher, a fortuna — é dito com clareza no mesmo capítulo. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3) e onde se separa dele (capítulo 4), e o capítulo 4 é o único que numera as perguntas, de (ag) a (an).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou recebeu de Aristóteles ou lhe opôs: o estoicismo, o cristianismo por Tomás, Hegel, o existencialismo, Levinas e Ricoeur, Platão por dentro, Buber e Arendt; e, com honestidade, o que não há: o Oriente. Dele sai um padrão, de que o estudo tira um método: o toque do cânon com o Aristóteles da virtude, do hábito e da amizade e o toque com o da alma, do tempo e do motor não são o mesmo toque. O capítulo 6 abre as portas seguintes: Agostinho, o Estudo XII, com o dobro do espaço; Arendt; Marcel e Jaspers; Taylor. O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões que o estudo deixa abertas, numa só lista, e o que Aristóteles oferece à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (como no Prólogo do IX, n.º 1 a 13) e de 23 de outubro sobre o Estudo X (como no Prólogo do X, n.º 1 a 10) valem como palavra dele e não são reabertas. As duas listas de 23 de outubro vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas foi tomada sobre Aristóteles: as sobre o X respondem a Platão, as sobre o IX a

Ricoeur, as de 19 a Levinas, as de 17 a Hegel. Quando o estudo as relaciona a Aristóteles, pergunta se a leitura vale, e marca.

Duas ficam como marcos: “A Lux é valor; a capacidade é poder” (decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX) e “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz” (decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X). A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 31 de outubro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre o Estudo IX, das de 23 de outubro sobre o Estudo X e das de 31 de outubro sobre o Estudo XII, tomadas no mesmo dia que estas. As duas listas de 31 de outubro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como “decisão n.º N de 31 de outubro sobre o Estudo XI”. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida. O exercício é a prática que treina e move, sem dar o valor; a medida recusada é o que gradua pessoas — a felicidade que pede uma vida inteira e a sorte, as vidas em graus, o escravo por natureza —, e não a mediania.
2. **As Virtudes dos Pilares são hábitos no sentido de Aristóteles** (questão (ag)): adquiridas pela prática, sem que o valor da pessoa dependa delas. A letra ganha a teoria do que a prática faz; o valor continua fora dela. A condição da fórmula está cumprida.
3. **Duas palavras, e há hábito que revela** (questão (ah)): o hábito que encobre, do Tratado da Luz Interior, e o hábito que forma, de Aristóteles, não são a mesma coisa; o cânon admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma.
4. **A Bússola percebe o particular e veta** (questão (ai)): o veto não é cego; percebe o caso, como a prudência de Aristóteles, e veta a partir dele. A decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X, sobre a fonte do veto, fica como está.
5. **A amizade fica toda nas Águas Comuns** (questão (aj)): o Abrigo não pede retorno em ponto algum. A decisão n.º 5 de 19 de outubro — assimétricas no Abrigo, recíprocas no rio — fica como está.
6. **A tríade de *Ética* V, 8 é material do tratado da justiça** (questão (ak)): infortúnio, erro e injustiça entram ao lado das peças de Ricoeur e de Levinas e da cura de Platão, sem ordem escolhida; (g) continua aberta até o tratado.

7. **A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série** (questão (al)): padrão para os clássicos que virão, e não só deste estudo. A herdada (k) continua à espera de Marx.
8. **O sabbath do fluxo é um não-ato** (questão (am)): não é contemplação, e não há graus de vida que sejam graus de pessoa.
9. **O intelecto agente "como a luz" é estrutura, nunca nome da Luz** (questão (an)): a comparação pode ser tomada como estrutura, ao lado da Luz sem nome, como a decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X leu o sol; nem o intelecto, nem o motor, nem o divino em nós dão nome à Luz.
10. **Registros adotados**: a Ficha do Estudo VII alcança a *hexis* de Aristóteles ao mesmo título que a *Bildung* de Hegel, por serem ambas "formadas"; a distinção de Arendt entre o político e o social fica registrada desde já junto às razões do nome "Águas Comuns", sem esperar o estudo dela.
11. **Publicação** como o Estudo X: integral, resumo trilíngue e nota de decisões.

Continuam abertas (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

1.3 O que o IX e o X anteciparam

Os dois estudos escreveram a prévia de Aristóteles antes da pesquisa de fontes do estudo, e ela confirmou o essencial e ajustou quatro coisas. O IX pôs a virtude adquirida contra a Lux que não se adquire e remeteu a pergunta à sua questão (u) (Estudo IX, 5.2); mas a letra de (u) e a decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX falam da "capacidade" de Ricoeur, e não dizem se a virtude de Aristóteles é esse esforço [leitura do estudo]. O estudo não reabre (u): pergunta, com a letra (ag) (4.2), o que a decisão não disse, como a pergunta do sol recebeu (aa) no Estudo X. O IX anotou ainda a *phronesis* a vários, como figura para a Bússola, e a honra por mérito de *Ética* IV, 3 contra o valor "anterior a qualquer conquista" (Estudo IX, 5.2); o estudo as retoma em 4.3 e 3.1.

O X anotou que "o hábito que encobre e o que forma não são o mesmo" e deixou ao XI a tarefa de medi-los "sem que se diga que o hábito forma a Lux" (Estudo X, 5.1). A medida está em 4.2, e confirma o aviso: a letra do cânon tem uma só ocorrência de "hábito" como causa do encobrimento (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve") e uma, neutra, numa Meditação; "adquirir", "habituar" e "caráter" não ocorrem. O estudo não diz que o hábito forma a Lux; pergunta, em (ah), se são duas palavras ou uma.

O X disse também que a crítica de Aristóteles ao Bem separado daria à decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X um interlocutor que já recusa o nome único. A letra confirma: o bem "tem tantos sentidos quanto 'ser'" (*Ética* I, 6, 1096a23–29; ver 2.2) [V-en; tradução do estudo]. Mas Aristóteles dá outro nome ao divino, o motor que move como o

amado, e compara o intelecto à luz; o estudo não estende a decisão a ele, e pergunta em (an) se a comparação pode ser tomada como estrutura (4.8).

O X deixou ainda a porta do corpo, a alma como forma, terceira voz entre a prisão e o templo (Estudo X, 5.1); a decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X respondeu “Só templo: o corpo não encobre a luz”, e o estudo não a reabre (ver 5.6).

Uma correção de letra: o Estudo IX, 3.1, leu no Tratado da Luz Interior “um valor, que o sono, a doença, o esquecimento e o fracasso não tocam”; a letra do Tratado é “Uma pessoa dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” (“Fundamentação”), dita a propósito de Tomás. Este estudo cita cada uma pelo que é (4.1).

2 ARISTÓTELES EM SUA MELHOR FORMA

Fala aqui Aristóteles; a tradição entra, com intérprete nomeado, para situar; o cânon só é apontado em 1.12. O percurso segue a ordem do pensamento: o bem humano, a virtude, a escolha, a justiça, a prudência, a amizade, a contemplação; depois a alma, o movimento, o tempo e a cidade. Aristóteles é o segundo clássico, por decisão do fundador (n.º 11 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX).

2.1 Uma vida e uma escola

Do homem se tem o que a *Stanford Encyclopedia of Philosophy* e a *Internet Encyclopedia of Philosophy* recolhem, e muito vem de Diógenes Laércio, fonte de confiabilidade questionada; onde elas divergem, o estudo dá as duas versões.

Aristóteles nasceu em 384 a.C. em Estagira, na região macedônica; o pai, Nicômaco, teria sido médico do rei Amintas (Diógenes Laércio, *Vidas* V, 1). Foi a Atenas por volta dos dezessete anos, para a Academia de Platão: a *Stanford* diz “cerca de dezessete” e a permanência até a morte de Platão, em 347; a *Internet* fala de vinte anos de estudo (Diógenes Laércio, V, 9), o que dá 367–347. Seguiu para Assos e as versões se separam de novo: a *Stanford* põe dois anos em Lesbos, com Teofrasto; a *Internet* fala de Atarneu sob Hérmias, e de Pítias como sobrinha ou filha adotiva dele [V via secundária].

Em 343 foi a Pela, a pedido de Filipe, ensinar Alexandre, de treze anos. Em 335 voltou a Atenas e fundou o Liceu; os seus ficaram chamados peripatéticos, provavelmente pelo passeio coberto. Em 323 deixou Atenas, talvez por acusação de impiedade (Diógenes Laércio, V, 5). Morreu em Cálcis em 322, de causas naturais, aos 63 anos, segundo as mesmas enciclopédias [V via secundária].

O que chegou de sua obra não são os diálogos publicados, perdidos, mas os tratados de escola. A ordem entre a *Ética a Nicômaco* e a *Ética a Eudemo* é discutida (Kenny; Rowe) [tese a confirmar], e os livros V–VII da primeira são comuns à segunda, onde são IV–VI: diz-se uma vez, aqui, e o estudo cita esses livros pela *Nicômaco*. A *Magna Moralia* não entra [autenticidade disputada].

Da vida pouco se fixa; da obra, a *Ética* começa pelo fim a que tudo se dirige.

2.2 O bem humano e a felicidade

A *Ética a Nicômaco* abre pelo fim, e o nome com que o chama já é objeto de disputa.

Aristóteles diz que “toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer” (*Ética a Nicômaco* I, 1, 1094a1–4) [V-gr; V-pt]. Se há um fim desejado por ele mesmo, e o resto em vista dele, não se vai ao infinito, pois seria “inútil e vão” o desejar, e esse fim “será o bem, ou antes, o sumo bem” (I, 2,

1094a19–23) [V-gr; V-pt]. O vulgo e os cultos o chamam *eudaimonia* (‘felicidade’) e “identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz. Diferem, porém, quanto ao que seja a felicidade” (I, 4, 1095a18–21) [V-gr; V-pt]. A tradução já é escolha: a *Stanford* registra a disputa entre ‘happiness’, ‘flourishing’ e ‘living well’ [V via secundária].

A resposta vem pelo argumento da função: o bem do flautista está no desempenho de sua função, e a do homem é “uma atividade da alma que segue ou que implica um princípio racional” (*Ética* I, 7, 1097b25–1098a8) [V-gr; V-pt]. Daí a definição: “o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa […] Porquanto uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco” (I, 7, 1098a16–20) [V-gr; V-pt]. Não diz que a felicidade é virtude: diz atividade, e pede uma vida inteira [leitura do estudo]. A *Ética a Eudemo* a repete: “a atividade de uma vida perfeita em concordância com a virtude perfeita” (*Ética a Eudemo* II, 1, 1219a38–39) [V-gr; V-en; V-es; tradução do estudo].

A atividade tem uma consequência que o texto desenha duas vezes. Se o fim fosse a posse da virtude, ela estaria em quem dorme: “pode acontecer que seja virtuoso quem está dormindo, quem leva uma vida inteira de inatividade […] ninguém jamais considerará feliz um homem que vive de tal maneira” (*Ética* I, 5, 1095b32–1096a2) [V-gr; V-pt]. E: “pode existir o estado de ânimo sem produzir nenhum bom resultado, como no homem que dorme ou que permanece inativo; mas a atividade virtuosa, não” (I, 8, 1098b32–1099a3) [V-gr; V-pt]. A disposição (*hexis*) pode existir sem produzir bem; o ato (*energeia*) não. Por isso a felicidade é atividade, e não posse.

A vida boa depende, porém, do que não depende de nós. “Há coisas cuja ausência empana a felicidade, como a nobreza de nascimento, uma boa descendência, a beleza” (*Ética* I, 8, 1099a31–33) [V-gr; V-pt]. Aristóteles pergunta se a felicidade vem do ensino, do hábito, de uma providência divina ou do acaso (I, 9, 1099b9–11), e responde que, se não é dom dos deuses, vem da virtude e do esforço (I, 9, 1099b14–20). Do dito de Sólon — “ninguém deverá ser considerado feliz enquanto viver, e será preciso ver o fim” — diz que é estranho “sobretudo para nós, que dizemos ser a felicidade uma espécie de atividade” (I, 10, 1100a10–12) [V-gr; V-pt]; recusa-o em sua forma literal e passa a pesar a sorte (*tyche*). Mesmo na adversidade, “a nobreza de um homem se deixa ver, quando aceita com resignação muitos grandes infortúnios”, e “nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado, porquanto jamais praticará atos odiosos e vis” (I, 10, 1100b30–36) [V-gr; V-pt].

A tradição lê aqui uma tensão. Nussbaum faz da fragilidade da vida boa diante da sorte o centro de sua leitura (*A fragilidade da bondade*, 1986) [tese a confirmar]. E contra uma Ideia única do Bem, I, 6 diz que “‘bem’ tem tantos sentidos quanto ‘ser’ […] não pode ser algo universal e comum a todos” (*Ética* I, 6, 1096a23–29) [V-en; tradução do estudo]. A ética começa pela vida humana, e não por um bem separado.

A felicidade é atividade segundo a virtude; resta ver como a virtude se faz.

2.3 A virtude e o hábito

O livro II dá à virtude de caráter um nome que já é uma tese, e uma regra de formação.

Aristóteles diz que “a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação da palavra (hábito) […] nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza […] somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito” (*Ética* II, 1, 1103a17–26) [V-gr; V-pt]. O adjetivo ‘de caráter’ vem de *ethos*, ‘hábito’. A virtude moral não é natural nem contrária à natureza: temos a capacidade (*dynamis*) de recebê-la, e ela se completa pelo hábito; a virtude intelectual nasce do ensino (II, 1, 1103a14–16). As disposições nascem de atividades semelhantes, e o mesmo mecanismo gera o vício (II, 1, 1103b6–7).

A formação segue o modo das artes: “as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos […] E não é coisa de somenos que desde a nossa juventude nos habituemos desta ou daquela maneira. Tem, pelo contrário, imensa importância, ou melhor: tudo depende disso” (*Ética* II, 1, 1103a31–b25) [V-gr; V-pt].

Há uma aparente circularidade: quem faz o que o justo faz já não é justo? A resposta distingue o ato do modo do ato. O agente precisa, “em primeiro lugar”, ter “conhecimento do que faz; em segundo, deve escolher os atos, e escolhê-los por eles mesmos; e em terceiro, sua ação deve proceder de um caráter firme e imutável” (*Ética* II, 4, 1105a31–b12) [V-gr; V-pt]. Sem a prática, ninguém chegaria sequer a tornar-se bom; quem só discute a virtude é como o doente que ouve o médico e não o obedece (II, 4, 1105b12–18).

A definição vem em II, 6: “A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática” (*Ética* II, 6, 1106b36–1107a2) [V-gr; V-pt]. Em grego, uma *hexis* (disposição estável) ligada à escolha (*prohairesis*), numa mediania (*mesotes*) relativa a nós. A mediania não é aritmética, mas relativa a nós.

Aristóteles precisa o alcance: “no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo […] nem toda ação e paixão admite um meio-termo, pois algumas têm nomes que já de si mesmos implicam maldade, como o despeito, o despudor, a inveja […] Nelas jamais pode haver retidão, mas unicamente o erro” (*Ética* II, 6, 1107a6–15) [V-gr; V-pt]. A tradição lê a mediania com cautela: Kraut separa nela duas teses [tese a confirmar]. Entre as virtudes particulares, a magnanimidade é a de quem se considera digno de grandes coisas, e com razão (*Ética* IV, 3, 1123b2–3).

A virtude escolhe; resta ver como se escolhe e quanto disso depende de nós.

2.4 A escolha, a deliberação e a responsabilidade

O livro III pergunta o que torna uma ação nossa, e a resposta passa pelo voluntário, pela deliberação e pela escolha.

Aristóteles diz que só às ações voluntárias se dispensa louvor e censura; as involuntárias, que são “aquelas coisas que ocorrem sob compulsão ou por ignorância”, merecem “perdão e às vezes piedade”, e “o voluntário parece ser aquilo cujo princípio motor se encontra no próprio agente que tenha conhecimento das circunstâncias particulares do ato” (*Ética* III, 1, 1109b30–1111a24) [V-gr; V-pt]. Delibera-se sobre meios, e a escolha é o passo seguinte. “Não deliberamos acerca de fins, mas a respeito de meios. Um médico, por exemplo, não delibera se há de curar ou não” (*Ética* III, 3, 1112b12–15) [V-gr; V-pt]. A escolha, a *prohairesis*, é “um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance; porque, após decidir em resultado de uma deliberação, desejamos de acordo com o que deliberamos” (III, 3, 1113a11–13) [V-gr; V-pt]. O fim é objeto do querer: desejamos ser felizes, mas não ‘escolhemos’ ser felizes (III, 2, 1111b26–30). O homem bom se distingue por “perceber a verdade em cada classe de coisas, como quem é delas a norma e a medida” (III, 4, 1113a29–33) [V-gr; V-pt].

Daí a responsabilidade pelo caráter. “Quando depende de nós o agir, também depende o não agir […] pois são as atividades exercidas sobre objetos particulares que fazem o caráter correspondente” (*Ética* III, 5, 1113b6–1114a10) [V-gr; V-pt]. Somos responsáveis por ter-nos tornado descuidados, injustos ou intemperantes; mas, uma vez formado, o injusto não deixa de sê-lo só por querer (III, 5, 1114a12–21). É a contrapartida de II, 1: o que o hábito forma, a escolha repetida confirma.

Quem escolhe o faz entre outros, e o que cada um deve ao outro é matéria da justiça.

2.5 A justiça e a equidade

O livro V trata do que se deve ao outro e traz duas peças que a série vai reencontrar: a gradação do dano e a correção da lei.

Aristóteles diz que a justiça geral “não é parte da virtude, mas a virtude inteira”: voltada a outro, é justiça; tomada como disposição sem mais, é virtude; e o melhor não é quem a usa para si, mas para com outro, “pois isso é obra difícil” (*Ética* V, 1–2, 1129b25–1130a10) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. A particular se divide. Na distributiva, o justo é “meio e igual, relativo a algo e a alguém”, e todos concordam que se distribui segundo o mérito, sem concordar sobre o que é mérito (V, 3, 1131a15–26) [V-gr; tradução do estudo]. Na corretiva, o juiz olha só o dano: “não importa se um homem de bem despojou um mau ou um mau um homem de bem” (V, 4, 1132a1–8) [V-gr; tradução do estudo].

A gradação do dano está em V, 8. Aristóteles distingue: “quando o dano ocorre de modo imprevisível, é infortúnio; quando não de modo imprevisível, mas sem vício, é erro — pois erra quando o princípio da causa está nele, e sofre infortúnio quando vem de fora;

quando age sabendo, mas sem ter deliberado antes, é ato injusto […] quando por escolha, é injusto e perverso" (*Ética* V, 8, 1135b11–25) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. O ato de ira cabe no terceiro caso da gradação do dano: não começa quem age por ira, mas quem a provocou, "pois a ira nasce de uma injustiça aparente" (V, 8, 1135b25–29) [V-gr; tradução do estudo]. Só o injusto de caráter age por *prohairesis*.

A correção da lei está em V, 10. "O equitativo é justo, mas não o justo segundo a lei: é retificação do justo legal"; quando a lei fala em universal e o caso foge dele, é correto "corrigir a omissão, o que o próprio legislador diria se ali estivesse presente" (*Ética* V, 10, 1137b11–24) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. A medida se adapta como a régua de chumbo de Lesbos, na versão de Hobuss: "tal régua se adapta à forma da pedra, e não é rígida, assim como um decreto se adapta aos fatos" (V, 10, 1137b30–32) [V-pt via secundária]. Hobuss lê aí que a equidade (*epieikeia*) corrige a lei sem abolir a regra [V via secundária].

O justo pede olho para o caso, e quem o tem é, para Aristóteles, o prudente.

2.6 A prudência e as virtudes do pensamento

O livro VI dá nome ao saber que a virtude de caráter pressupõe, e o livro VII, ao seu fracasso.

Aristóteles põe entre as disposições do pensamento a arte, a ciência, a sabedoria e o intelecto [paráfrase; localização a confirmar], e entre elas a *phronesis* ('prudência'), que Vallandro e Bornheim traduzem por "sabedoria prática": "o poder deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele, não sob um aspecto particular […] mas sobre aquelas que contribuem para a vida boa em geral" (*Ética* VI, 5, 1140a26–b6) [V-gr; V-pt]. Não é ciência nem arte, porque o fim da ação (*praxis*) é a própria boa ação, e o do fazer (*poiesis*) é outro (VI, 4–5, 1140a1–b7). Aubenque lê nela o saber do contingente (*A prudência em Aristóteles*, 1963) [tese a confirmar]. E ela é do particular: "Deve também reconhecer os particulares, pois ela é prática, e a ação versa sobre os particulares" (VI, 8, 1141b15–17) [V-gr; V-pt].

A reciprocidade com o caráter fecha o livro: "não é possível ser bom na acepção estrita do termo sem sabedoria prática, nem possuir tal sabedoria sem virtude moral" (*Ética* VI, 13, 1144b28–32) [V-gr; V-pt]. Sócrates reaparece em VII, 2, a propósito da fraqueza da vontade (*akrasia*): "Ninguém, depois de julgar — afirmava —, age contrariando o que julgou melhor […]. Ora, esta opinião contradiz nitidamente os fatos observados" (VII, 2, 1145b25–29) [V-gr; V-pt]. Aristóteles toma a *akrasia* como fato e pergunta de que ignorância se trata (VII, 3, 1147b9–17).

Quem age bem sabe o particular; resta ver com quem se vive bem.

2.7 A amizade

Os livros VIII e IX põem a amizade no limiar da vida boa e a fazem laço da cidade.

Aristóteles diz que a amizade (*philia*) "é uma virtude, ou com virtude, e é ainda o mais necessário para a vida: sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que tivesse todos os outros bens" (*Ética* VIII, 1, 1155a3–6) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. A *philia* parece o laço da cidade: "entre amigos não há necessidade de justiça, ao passo que, sendo justos, ainda precisam de amizade" (VIII, 1, 1155a22–28) [V-gr; tradução do estudo]. A definição pede benevolência recíproca e sabida, na versão de Zingano: "Em cada caso de amizade há afeição recíproca e consciente" (VIII, 2, 1156a8–9) [V-pt via secundária].

Há três amizades. Quem ama pela utilidade ou pelo prazer "não ama o outro em si mesmo, mas enquanto dele lhe vem um bem" (*Ética* VIII, 3, 1156a10–19) [V-gr; tradução do estudo]. A perfeita é a "dos bons e semelhantes na virtude", rara, e pede tempo, pois não se conhece o outro "antes de ter consumido com ele o famoso sal" (VIII, 3, 1156b7–32) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. Entre desiguais, o afeto iguala pela proporção (VIII, 7, 1158b11–33); a amizade "parece consistir mais em amar que em ser amado" (VIII, 8, 1159a27–33) [V-gr; tradução do estudo]; e os amigos não querem para o amigo o maior dos bens, que seria ser deus, "pois já não serão amigos" (VIII, 7, 1158b33–1159a12) [V-gr; tradução do estudo]. Zingano lê as três por semelhança, e não como espécies de um gênero [V via secundária].

O amigo é "outro si mesmo" (*allos autos*; *Ética* IX, 4, 1166a29–32) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. O feliz precisa de amigos porque o homem é "político e feito para conviver" (IX, 9, 1169b16–19) [V-gr; tradução do estudo]; conviver é co-perceber, partilha de *logos* e pensamento, "não como nos rebanhos, que pastam no mesmo lugar" (IX, 9, 1170b10–14) [V-gr; tradução do estudo]. Na desgraça, "a própria presença dos amigos é agradável, na boa e na má sorte; os que sofrem se aliviam quando os amigos sofrem com eles" (IX, 11, 1171a27–30) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. Kraut, na *Stanford*, chama o argumento do "outro eu" em IX, 9 o mais fraco [V via secundária].

Da amizade se passa ao que, para Aristóteles, a vida boa tem de mais alto.

2.8 O prazer, a contemplação e o ócio

O livro X fecha a *Ética* com a atividade mais alta, e X, 7 é o lugar onde a leitura se divide.

Aristóteles diz que "relaxação, por conseguinte, não é um fim, pois nós a cultivamos com vistas na atividade" (*Ética* X, 6, 1176b36–1177a3) [V-gr; V-pt]. Se a felicidade é atividade segundo a virtude, "será razoável que ela esteja também em concordância com a mais alta virtude; e essa será a do que existe de melhor em nós" (X, 7, 1177a12–18) [V-gr; V-pt], seja o *nous* ('intelecto'), seja o que governa por natureza e tem noção do belo e do

divino. O ócio (*schole*) é o fim do trabalho: “Pensa-se que a felicidade depende dos lazeres; porquanto trabalhamos para poder ter momentos de ócio” (X, 7, 1177b4–6) [V-gr; V-pt].

Segue-se: “se a razão é divina em comparação com o homem, a vida conforme à razão é divina em comparação com a vida humana”, e pede: “na medida em que isso for possível, procuremos tornar-nos imortais” (*Ética* X, 7, 1177b26–34) [V-gr; V-pt]. Por eliminação das virtudes de caráter, a atividade de Deus “deve ser contemplativa; e das atividades humanas, a que mais afinidade tem com esta é a que mais deve participar da felicidade” (X, 8, 1178b8–24) [V-gr; V-pt]. O divino é matéria do pensamento de Aristóteles, apresentada com respeito.

A vida segundo o caráter é feliz “em segundo lugar”, porque suas atividades são humanas, e “podemos praticar atos nobres sem sermos donos da terra e do mar” (*Ética* X, 8, 1178a9–10; 1179a3–5) [V-gr; V-pt]. O argumento, enfim, não basta: é preciso “um caráter que tenha certa afinidade com a virtude, amando o que é nobre e detestando o que é vil” (X, 9, 1179b29–31) [V-gr; V-pt]. O desejo de saber vem de antes, da *Metafísica*: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (*Metafísica* I, 1, 980a21–22) [V-gr; V-en; V-pt]; a filosofia nasce “por causa da admiração” (I, 2, 982b11–19) [V-gr; V-en; V-pt].

A tradição divide a *Ética* em duas leituras: a dominante, em que a contemplação (*theoria*) é o fim, e a inclusiva, em que a vida boa é um conjunto de fins. Hardie a formulou [data e título a confirmar]; Cooper defende a inclusiva, e Broadie lê a relação entre a vida prática e a contemplativa [tese a confirmar]. O estudo não decide entre elas.

Quem contempla tem alma, e é dela que Aristóteles fala em outro tratado.

2.9 A alma, forma do corpo, e o intelecto

A “atividade da alma” da *Ética* recebe no *Da alma* uma definição que não a separa do corpo.

Aristóteles diz que a alma (*psyche*) é “o primeiro grau de efetividade de um corpo natural que tem a vida em potência” (*Da alma* II, 1, 412a) [V-en; tradução do estudo]; Angioni a traduz “efetividade primeira de corpo” [V-pt]. Perguntar se alma e corpo são um é tão sem sentido quanto perguntar se a cera e a figura do selo são uma só coisa (II, 1, 412b) [V-en; paráfrase]. O estudo lê aí a distinção entre graus de ato que a *Ética* já fazia em I, 5 e I, 8 [leitura do estudo]: “estar acordado corresponde ao saber em ato, dormir ao saber possuído mas não empregado” (II, 1, 412a) [V-en; tradução do estudo].

Há uma ressalva, em esboço: “nada se esclarece quanto a saber se a alma não poderia ser ato de seu corpo no sentido em que o marinheiro é ato do navio” (*Da alma* II, 1, 413a) [V-en; tradução do estudo]. Ross, Shields, Nussbaum e Rorty discutem se a alma como forma vale para todas as partes dela [tese a confirmar].

O pensar tem tratamento à parte. O intelecto possível é como uma tabuinha em que nada está escrito (*Da alma* III, 4, 429b–430a) [V-en; paráfrase]. Há outro, e é nele que

aparece a luz, na versão portuguesa de uma dissertação da PUC-Rio (autor e ano a confirmar): “E tal é o intelecto, de um lado, por tornar-se todas as coisas e, de outro, por produzir todas as coisas, como uma certa disposição, por exemplo, como a luz. Pois faz de cores em potência cores em atividade” (III, 5, 430a) [V-pt via secundária]. A luz é aqui comparação, não identidade, e é a única vez que a palavra aparece na passagem. Esse intelecto é “separado, impassível e sem mistura, sendo por substância atividade” (III, 5, 430a) [V-pt via secundária], e “só isto é imortal e eterno”, sem memória pessoal (III, 5, 430a) [V-en; tradução do estudo]. A tradição o lê de modos opostos: em Tomás, potência de cada alma; em Averróis, um só para todos [tese a confirmar].

Em *Da geração dos animais* II, 3, segundo o grego e o inglês que Connell recolhe, só o intelecto “resta entrar de fora” (*thyrathen*) e é divino, pois sua atividade nada tem em comum com a do corpo (736b) [V via secundária; tradução do estudo; tese a confirmar]. Connell argumenta que as leituras dualistas descontextualizam a frase da embriologia. Não é doutrina do *Da alma*.

A forma do corpo vive no tempo, e é do tempo e do movimento que Aristóteles fala na *Física*.

2.10 O movimento, o tempo e o motor

A *Física* e a *Metafísica* dão ao movimento, ao tempo e ao primeiro motor as definições que a tradição repete.

Aristóteles diz que o movimento é “o ato (*entelecheia*) do ente em potência enquanto tal, como a do alterável enquanto alterável, é alteração” (*Física* III, 1, 201a10–13) [V-gr; V-pt]: o ato incompleto do que ainda pode. A *Metafísica* o contrasta com o ato que já tem o fim: “é a mesma coisa que ao mesmo tempo viu e vê, ou pensa e pensou. A esta sorte chamo ato (*energeia*), e à outra, movimento” (*Metafísica* IX, 6, 1048b33–35) [V-en; tradução do estudo]. O tempo depende do movimento e é “número do movimento segundo o antes e o depois” (*Física* IV, 11, 219b1–2) [V-gr; V-en; tradução do estudo].

O tempo não cria: “Em tempo todas as coisas nascem e perecem; […] o tempo é, em si, antes condição de destruição que de geração” (*Física* IV, 12, 221a30–b3) [V-en; tradução do estudo], “pois é número de mudança, e a mudança remove o que é” (IV, 13, 222b16–19) [V-en; tradução do estudo]. E deixa uma dificuldade: sem alma que conte, haveria tempo? (IV, 14, 223a21–29). A tradição a lê como ponte entre o tempo e a alma [tese a confirmar].

O movimento eterno pede um motor imóvel (*Física* VIII, 9) [V-en; paráfrase; localização a confirmar]. Na *Metafísica*, o motor “move como amado”: “a causa final produz movimento sendo amada” (*Metafísica* XII, 7, 1072b3) [V-gr; V-en; tradução do estudo], em grego *kinei hos eromenon*. “A vida também pertence a Deus; pois o ato do pensamento é vida, e Deus é esse ato” (XII, 7, 1072b26–28) [V-en; tradução do estudo], e

esse pensamento é “pensamento do pensamento” (XII, 9, 1074b33–35) [V-gr; V-en; tradução do estudo]: não tem o mundo por objeto. Ross lê o motor como causa final, Berti a *Física* VIII e a *Metafísica* XII como uma só linha, Reale em XII, 7–9 o ápice do sistema [tese a confirmar]. A teologia de Aristóteles é matéria do pensamento dele, apresentada com respeito.

O que se move no tempo vive em comum, e a comunidade tem, para Aristóteles, um nome.

2.11 A cidade e o que ela deixa de fora

A *Política* diz o que a cidade é e para quê, e diz, com a mesma clareza, quem não participa dela.

Aristóteles diz que a cidade “nasce em vista do viver, existe em vista do viver bem; por isso toda cidade existe por natureza” (*Política* I, 2, 1252b27–1253a1) [V-gr; tradução do estudo]. “O homem é por natureza um animal político; e aquele que, por natureza, e não por mero acaso, vive fora da comunidade política, é naturalmente inferior ou superior ao homem, como um animal ou um deus” (I, 2, 1253a1–3), na versão de Gama Kury que Silva cita [V-gr; V-pt via secundária]. A partilha do *logos*, que mostra o útil e o nocivo, o justo e o injusto, “faz casa e cidade” (I, 2, 1253a7–18) [V-gr; tradução do estudo].

A cidade é para mais que viver, senão “haveria cidade de escravos e de outros animais, e não há, porque estes não participam da *eudaimonia* nem da vida segundo escolha” (*Política* III, 9, 1280a31–34) [V-gr; tradução do estudo], e “a escolha de conviver é amizade” (III, 9, 1280b29–1281a4) [V-gr; tradução do estudo]. O bem da cidade “parece maior e mais perfeito” que o de um só (*Ética* I, 2, 1094b7–10) [V-gr; V-en; tradução do estudo].

A mesma obra diz quem não participa. Aristóteles registra primeiro a objeção: para outros, o domínio do senhor é contra a natureza, “pois só por lei um é escravo e outro livre, por natureza nada os difere; por isso não é justo, é violento” (*Política* I, 3, 1253b18–23) [V-gr; tradução do estudo]. E responde: “quem, sendo homem, não pertence por natureza a si mesmo, mas a outro, esse é escravo por natureza” (I, 4, 1254a14–17) [V-gr; tradução do estudo]; é aquele “que pode pertencer a outro […] e também aquele que participa da razão o suficiente para a aprender sem, contudo, a possuir” (I, 5, 1254b20), na versão de Vega que Vahl cita [V-gr; V-pt via secundária]; e “é claro que há por natureza uns livres e outros escravos, para os quais é útil e justo ser escravo” (I, 5, 1255a1–3) [V-gr; tradução do estudo].

Admite que a natureza nem sempre distingue os corpos (I, 5–6, 1254b27–1255a3), e diz que há “amizade entre senhor e escravo […] entre os que o são por natureza” (I, 6, 1255b4–15) [V-gr; tradução do estudo]. Na *Ética* as duas faces estão juntas: “enquanto

escravo, não há amizade com ele; enquanto homem, há" (*Ética* VIII, 11, 1161b1–8) [V-gr; V-en; tradução do estudo].

Quanto à mulher: "o macho é por natureza mais apto a mandar que a fêmea, salvo se algo se constituiu contra a natureza" (*Política* I, 12, 1259b1–4) [V-gr; tradução do estudo]; "o escravo não tem de todo a faculdade deliberativa; a mulher a tem, mas sem autoridade; a criança a tem, mas incompleta" (I, 13, 1260a10–14) [V-gr; tradução do estudo]. Erram, diz ele, os que privam os escravos de *logos*: "deve-se advertir os escravos mais que as crianças" (I, 13, 1260b3–8) [V-gr; tradução do estudo].

A tradição lê o escravo natural de dois modos. Borçin, que reúne as leituras, distingue duas: Frank e Bodéüs o fazem humano com deficiência eliminável por hábito; Schofield, Lear e Garnsey, sub-humano com defeito ineliminável, contra a natureza; e propõe uma terceira, humano com deficiência racional inerente e ineliminável [V via secundária]. Miller observa, na *Stanford*, que a falta de faculdade deliberativa (*Política* I, 13, 1260a12) é afirmada sem evidência, e que a da mulher foi lida por alguns como ironia [V via secundária]. O estudo registra a letra e as duas leituras, sem atenuar e sem acrescentar; a fronteira com o cânon é do capítulo 4.

Com a cidade fecha-se o percurso; resta dizer o que dele se leva.

2.12 O que o leitor leva daqui

O que os capítulos 3 e 4 testarão fica aqui nomeado, sem desenvolvimento.

De Aristóteles, o leitor leva: a felicidade é atividade e não posse, pede uma vida completa e depende em parte da sorte; a virtude de caráter é disposição formada por atividades semelhantes, numa mediania; a escolha é dos meios, e o voluntário se mede pela força e pela ignorância; a justiça tem três danos, e a equidade corrige a lei no caso; a prudência percebe o particular; o amigo é outro si; a contemplação é a atividade mais alta; a alma é forma do corpo, e o intelecto é "como a luz" por comparação; o tempo destrói mais do que gera; o escravo fica fora da cidade.

O cânon responde nos capítulos 3 e 4. Duas decisões do fundador ficam como marcos, e nenhuma foi tomada sobre Aristóteles: a n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX (a Lux é valor; a capacidade é poder) e a n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X (o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz). Relacioná-las a ele é pergunta, e não consequência.

Os homônimos ficam avisados. "Alma" é a *psyche*; o cânon a usa duas vezes, numa só prática ("manter a alma flexível", Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III, "Prática"). "Hábito" é o que forma, em Aristóteles, e o que encobre, no Tratado da Luz Interior. "Virtude" é a disposição adquirida e a "Virtude" de cada Pilar. "Luz" é a comparação do intelecto e a Lux de cada pessoa; a Luz fica sem nome, e o motor imóvel não vira nome dela. "Bem" é o bem humano de Aristóteles e os "bens" das Águas Comuns. "Justiça" é a de *Ética* V e a justiça devida ao lobo, nomeada e não formulada. "Meio" é a *mesotes*, e o

cânon não traz meio-termo. “Amigo” é o da *philia*, e a letra do cânon diz casa, braços e “o outro”. “Ato” é a *energeia* e o ato do lobo. “Terceiro” é o terceiro caso do dano, o das instituições de Ricoeur e o devido das Águas Comuns. “Há” é o “há perdão” de Ricoeur (Estudo IX), que nada tem com o ser de Aristóteles.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) sobre oito pontos que nascem destes encontros: a virtude como hábito, o hábito que revela, a Bússola, o Abrigo, a tríade do dano, o escravo natural, o sabbath do fluxo e a comparação do intelecto com a luz. Os capítulos 3 e 4 põem essas frases ao lado do cânon.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Toque não é identidade. Nas oito aproximações abaixo, o estudo procura os pontos em que a letra do cânon anda ao lado de Aristóteles e diz até onde cada um vai. Aristóteles fala pelo que diz, com obra, livro, capítulo e coluna de Bekker; a tradição lê, por intérprete nomeado; o cânon responde pela letra; o que passa disso vem marcado como do estudo. As decisões do fundador vão pelo número e pelo estudo do Prólogo; nenhuma foi tomada sobre Aristóteles, e servem aqui de método e de limite, não de apoio. O que separa fica para o capítulo 4.

3.1 A virtude que se vive e as virtudes dos Pilares

Aristóteles e o cânon nomeiam virtudes e as ligam a práticas. O que cada lado entende por “virtude” é o que se mede aqui: a virtude moral de Aristóteles, adquirida, e a “Virtude” de cada Pilar, nomeada pelo rótulo do próprio Pilar.

Aristóteles diz que a virtude moral é “adquirida em resultado do hábito” (*ethos*), a ponto de o nome dela nascer do dele (*Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a17–26; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. Define-a como *hexis* (“disposição”, estado estável de quem age): “uma disposição de caráter relacionada com a escolha” (II, 6, 1106b36–1107a2; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. E exige que o ato brote desse estado: quem age como o justo age sabendo, escolhendo o ato por ele mesmo e fazendo-o “proceder de um caráter firme e imutável” (II, 4, 1105a31–b12; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. A virtude é o que a pessoa se tornou pelo que fez. Terence Irwin lê as virtudes sob a *eudaimonia* (“felicidade”), o fim que as organiza [tese a confirmar]; a letra do cânon não traz um fim último que ordene as quatro Virtudes.

O cânon responde com uma Virtude por Pilar: “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude”); “Humildade grata: reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele” (II, “Virtude”); “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (III, “Virtude”); “Presença: estar inteiro onde o corpo está” (IV, “Virtude”). A frase mais próxima de uma teoria da virtude está no Tratado, dita a propósito de Tomás: “a virtude aperfeiçoa o que já existe, não cria do nada aquilo que aperfeiçoa” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). E a decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, dita a propósito de Ricoeur: “A Lux não se conquista; o esforço parte da luz”.

A forma é comum: a virtude se vive e se exerce, e cada Pilar tem “um princípio, uma virtude e uma prática” (Catecismo, 6). A Disponibilidade, “prontidão interior”, é a palavra do cânon que mais se aproxima de uma disposição, e a Integridade lembra o ato que procede do que o agente é [leitura do estudo]. A Presença não tem par nas passagens lidas. O Estudo IX, 5.2, separou da honra medida pelo mérito (*Ética* IV, 3, 1123b) o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, e o estudo lê a Humildade grata como a

palavra do cânon mais próxima desse ponto [hipótese do estudo]. O magnânimo, em Aristóteles, é quem “com razão se considera digno de grandes coisas” (IV, 3, 1123b2–3) [V-gr; V-pt]. A letra do cânon não diz nenhuma Virtude “adquirida”, “estável” nem “mediania”, não nomeia vício vizinho e não ordena as quatro sob um fim: diz cada uma pelo que é, não pelo modo como se obtém.

O estudo propõe, para teste, que a fronteira não passe entre virtude e Lux, mas entre o que a virtude faz (forma a vida) e o que não faz (não dá nem tira o valor) [hipótese do estudo]. Pergunta ao fundador (ver 7.3) se as Virtudes dos Pilares podem ser lidas como hábitos no sentido de Aristóteles, adquiridas pela prática, sem que o valor da pessoa dependa delas; a pergunta é medida em 3.2. Se a virtude se vive, vive-se em atos repetidos, e é por aí que Aristóteles a faz nascer: a seção seguinte põe esse mecanismo ao lado das práticas do cânon.

3.2 “Aprendemos fazendo” e as práticas do cânon

Aristóteles ensina que a virtude se aprende exercendo-a; o cânon prescreve quatro práticas, uma por Pilar (Catecismo, 6), e dá o nome de exercício só à da Mutatio. Aqui “hábito” é o que forma (*ethos*); o “por hábito” do Tratado, que encobre, fica para 3.2.

Aristóteles diz que “tornamo-nos justos praticando atos justos” (*Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3) [V-gr; V-pt]: o mecanismo é o das artes, em que se aprende fazendo, e importa muito habituar-se de um modo ou de outro “desde a nossa juventude”. O mecanismo corta para os dois lados: pelas mesmas causas e meios a virtude se gera e se destrói (1103b6–7). Alasdair MacIntyre lê a virtude como a qualidade que sustenta práticas e uma vida narrada [tese a confirmar].

O cânon responde com quatro práticas. No Pilar I: “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”). No II: “Antes de decisões importantes, perguntar: o que recebi que me trouxe até aqui? O que estou deixando para quem vem depois?” (II, “Prática”). No III, o da Mutatio: “Uma vez por semana, mudar deliberadamente algo pequeno — rota, rotina, abordagem — para manter a alma flexível” (III, “Prática”), onde “alma” é a palavra do cânon e não a *psyche* de Aristóteles. No IV: “Um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (IV, “Prática”). Só a prática da Mutatio é dita exercício: “O que se exercita é a disponibilidade” (Catecismo, 16) e “a disponibilidade se treina movendo”, “como quem exercita um músculo que não quer deixar atrofiar” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”). Nos outros Pilares a letra diz só que há uma prática. A mesma Meditação traz o outro gume: a rotina “pode virar prisão sem grades”.

O mecanismo é o mesmo nos dois lados: a repetição forma, e o gesto repetido pode prender. O aviso do cânon sobre a rotina é irmão do de Aristóteles, para quem o mesmo

hábito também destrói [leitura do estudo]. Mas a letra diz “exercita” e “treina”, e só da Disponibilidade; não diz “hábito”, “caráter” nem “segunda natureza”. E dá à prática outro ofício: “A prática, portanto, não é condição de existência da luz, mas condição de sua visibilidade para quem a carrega” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). Em Aristóteles a prática faz a *hexis*; no cânon serve à visibilidade [leitura do estudo].

A decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX, dita da capacidade de Ricoeur, fixa que “o esforço parte da luz”; o estudo lê a prática do cânon ao lado dessa frase [leitura do estudo]. Quem lê com Aristóteles pode ler as quatro práticas como hábitos das Virtudes; o cânon não o diz [hipótese do estudo], e o Estudo X, 5.1, deixou ao XI a tarefa de medir o hábito que forma contra o que encobre “sem que se diga que o hábito forma a Lux”. A pergunta que resta, a da virtude como hábito, está em 3.1 e em 3.2. A prática, até aqui, é de cada um consigo; Aristóteles dedica dois livros ao outro.

3.3 O amigo como outro si e o Abrigo

Aristóteles dedica dois livros da *Ética* à amizade (*philia*); o cânon não tem a palavra, mas tem a casa: diz “casa”, “braços”, “o outro”.

Aristóteles diz que o amigo é *allos autos*, “outro si mesmo” (*Ética a Nicômaco* IX, 4, 1166a29–32; ver 2.7) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. A base é a benevolência: ao amigo “se deve querer o bem por causa dele” (VIII, 2, 1155b31) [V-gr; tradução do estudo]. Viver junto é partilhar palavras e pensamento, e não, como o gado, “pastar no mesmo lugar” (IX, 9, 1170b10–14; ver 2.7). O outro continua outro: os amigos não querem para os amigos o maior dos bens, que fossem deuses, “pois já não seriam amigos” (VIII, 7, 1158b33–1159a12) [V-gr; tradução do estudo]. Marco Zingano lê a amizade como benevolência prática, recíproca e consciente [paráfrase]; Paul Ricoeur vê na necessidade de amigos uma “carência ou falta ligada à própria relação do si com sua própria existência” (*O si-mesmo como um outro*, 7.º estudo) [V-pt via secundária: Cenci e Dalbosco].

O cânon responde com o Abrigo: “braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só, confidência para quem precisa de um coração que segure o seu” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). A decisão n.º 3 de 17 de outubro de 2026 diz que “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”, e a n.º 3 de 19 de outubro de 2026, que “o Abrigo revela e nada exige”. E a luz é “pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”).

Três coisas ficam em comum. O outro não é meio: quer-se o bem dele por ele, e o Abrigo nada exige. A pessoa não se fecha: o que “a abre” encontra, em Aristóteles, a recusa do solitário que se basta (ver 3.7). E o outro continua outro: a decisão n.º 4 de 19 de outubro diz que “ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague” [leitura do estudo].

A letra muda onde o amigo de Aristóteles é bom e igual, e quem o Abrigo recebe é definido pelo cansaço e pela solidão, não pela virtude. O cânon não diz “outro si”: o outro vê, não espelha, e o Examinar é prática de cada um [leitura do estudo]. A assimetria do Abrigo e a reciprocidade do rio (decisão n.º 5 de 19 de outubro) ficam para 3.4. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o Abrigo pede reciprocidade em algum ponto, ou se a amizade de Aristóteles fica toda nas Águas Comuns. Resta ver o que a presença do outro faz quando o dia corre mal.

3.4 O amigo no infortúnio e a Vigília

No livro IX Aristóteles trata do amigo na prosperidade e no infortúnio, e a Vigília diz o que se promete na noite: a forma é vizinha, e a promessa muda.

Aristóteles diz que “a própria presença dos amigos é agradável” e que “os que sofrem se aliviam quando os amigos sofrem com eles” (*Ética a Nicômaco* IX, 11, 1171a27–30; ver 2.7) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. O mesmo capítulo guarda uma tensão: os de natureza varonil evitam afligir os amigos com a própria dor (1171b5–12), num contraste de gênero que não entra aqui, e ir de bom grado, sem ser chamado, aos que estão em desgraça é mais nobre e mais agradável para os dois (1171b20) [paráfrase; localização a confirmar]. Martha Nussbaum põe a amizade entre os bens relacionais que tornam a vida boa vulnerável: quem tem amigos tem o que a sorte pode tirar [tese a confirmar].

O cânon responde: “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e a mesma seção diz: “A noite é o mal que ninguém causou — diante dela, vela-se”. O Tratado define a presença: “não dissipa a noite, devolve a quem está nela um lugar” (Tratado da Vigília, “Definição”). Os amigos de Jó fazem primeiro o que a Vigília reconhece, “presença antes da fala”; “Depois falam, de culpa e de uma manhã prometida sob condição” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). Pela decisão n.º 2 de 19 de outubro, “a Vigília nasce da luz de quem vela”.

Nos dois lados a presença do outro vale por si, antes de qualquer explicação, e alivia sem curar: o que Aristóteles chama alívio o Tratado chama devolver um lugar. O amigo que vai sem ser chamado é vizinho de uma Vigília que nasce da luz de quem vela, e não do chamado [hipótese do estudo]. A promessa muda em dois pontos. Aristóteles fala do amigo, de quem tem amigos; a Vigília diz “ninguém”, sem condição de companhia, e promete presença e luz, não vitória. E o cânon separa a noite do lobo: diante do mal que alguém inflige, “não se vela: resiste-se” (Cânon v1.2, “A Vigília”). O estudo não recolheu, nas passagens lidas de IX, 11, o que Aristóteles diria do amigo diante do mal infligido por outro [leitura do estudo]; a fronteira é medida em 3.5. A presença do amigo é vizinha da Vigília, não a sua letra. Falta ver o que uma e outra dizem da regra que falha.

3.5 A equidade e a Regra da Misericórdia

A equidade e a Regra da Misericórdia partilham um gesto: a regra cede onde o caso a ultrapassa. “Justiça” é aqui a virtude de *Ética* V; a justiça devida ao lobo está nomeada e não formulada, e a letra não a diz de nenhuma das espécies de *Ética* V.

Aristóteles diz que “o equitativo é justo, mas não o justo segundo a lei: é retificação do justo legal” (*Ética a Nicômaco* V, 10, 1137b11–13; ver 2.5) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. A lei fala em universal; quando o caso foge, corrige-se a omissão como o próprio legislador faria se estivesse presente (1137b20–24), e a falha está na natureza da matéria prática, não na lei nem no legislador (1137b17–19).

O cânon responde: “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). Quem retoma é o rio, e a decisão n.º 4 de 17 de outubro o diz: “não o Abrigo”. A regra se ajusta: “Ajustar a regra se necessário — a regra serve à vida, não o contrário” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação (trimestral)”). E o endereço é fechado: a Misericórdia fala “a quem falhou consigo mesmo” (Disputatio, 3, “Respondeo”) e “nunca falou do mal cometido contra outrem” (Disputatio, 4, “Ad tertium”); a decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo IX mantém: “a Regra da Misericórdia continua reflexiva”.

Nos dois lados a regra serve à vida e, quando o geral falha no particular, a resposta não é abolir a regra: é ajustá-la ao caso ou recomeçar com ela [leitura do estudo]. A diferença é de coisa. A equidade corrige a lei da cidade e é uma *hexis*: “essa disposição é a equidade, uma espécie de justiça” (V, 10, 1137b34–1138a3) [V-gr; tradução do estudo]. A Misericórdia corrige o ânimo de quem falhou na própria regra, sem lei nem juiz, e não supõe estado estável que o fracasso quebre: falhar na regra é falhar na prática, não no caráter [leitura do estudo].

O que se deve a quem foi atingido pelo lobo é a justiça devida de que trata a herdada (g), do Estudo VII, 6.3, aberta até o tratado. As decisões n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo IX e n.º 5 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X nomeiam Ricoeur, Levinas e Platão como material desse tratado, e Aristóteles não consta. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a equidade pode entrar ali como mais uma peça, sem ordem escolhida; a tríade de Aristóteles ao lado da dupla noite e lobo é medida em 3.5. Resta o gesto de olhar o caso, onde a prudência de Aristóteles encontra a pergunta da Bússola.

3.6 A prudência do particular e a Bússola

A pergunta da Bússola e a prudência de Aristóteles olham para o mesmo lugar, o caso concreto. “Escolha” e “decisão” têm aqui dois usos: a *prohairesis* (“escolha deliberada”) de Aristóteles e o rótulo do elemento Bússola; o estudo não chama a Bússola de escolha.

Aristóteles diz que a prudência deve “reconhecer os particulares”, pois a ação versa sobre eles (*Ética a Nicômaco* VI, 8, 1141b15–17; ver 2.6) [V-gr; V-pt; V-en]. A *phronesis* (“prudência”, “sabedoria prática”) é o poder de “deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele” (VI, 5, 1140a26–b6; ver 2.6) [V-gr; V-pt]. Percebe o último termo da ação (VI, 8, 1142a23–30) [paráfrase; localização a confirmar], e o homem bom vê a verdade em cada classe de coisas como “norma e medida” (III, 4, 1113a29–33; ver 2.4) [V-gr; V-pt]. Pierre Aubenque lê a prudência como saber do contingente, em tensão com a ciência do necessário [tese a confirmar].

O cânon responde: “Diante de qualquer caminho — um lugar, uma relação, uma oportunidade, um negócio — a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou”, e “a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”). “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). A decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X estabelece: “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”, e dá por respondida a pergunta herdada sobre a fonte do veto.

Os dois falam do caso: os caminhos que a pergunta cita são particulares, e ela se faz em primeira pessoa; o prudente é quem vê, e a Bússola é de quem caminha. Nenhum dos dois é regra geral aplicada de fora [leitura do estudo]. A diferença é de função. A *phronesis* delibera sobre meios para a vida boa e determina a mediania por um “princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática” (II, 6, 1106b36–1107a2; ver 2.3) [V-gr; V-pt]; a Bússola não diz o que fazer e não pergunta o que é bom, só se a luz está lá.

Aristóteles não tem voz que dissuada, e a decisão n.º 7 sobre o Estudo X, tomada sobre Platão, não se estende a ele [leitura do estudo]. A pergunta nova não reabre a decisão: é o que a Luz faz quando veta. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a Bússola percebe o particular, como a prudência, ou só veta; o veto contra a mediania é medido em 3.3. Fora do eu, a pergunta se alarga ao rio, e é lá que Aristóteles põe a cidade.

3.7 O animal político e as Águas Comuns

Aristóteles põe o homem na cidade; o cânon o põe no rio. A “cidade” de Aristóteles é a comunidade política, palavra que a letra do cânon não tem.

Aristóteles diz que o homem é “por natureza um animal político”, e que quem vive fora da comunidade política por natureza, e não por acaso, é “um animal ou um deus” (*Política* I, 2, 1253a1–3; ver 2.11) [V-pt via secundária: Silva]. Nem o feliz é solitário: o homem é “político e feito para conviver” (*Ética a Nicômaco* IX, 9, 1169b16–19; ver 2.7) [V-gr; tradução do estudo]. A amizade “parece manter unidas as cidades” (VIII, 1, 1155a22–28) [V-gr; tradução do estudo], e a cidade se mantém “pela retribuição proporcional” (V, 5, 1132b33–34) [V-gr; tradução do estudo].

O cânon responde: “Ninguém navega um rio privado. […] devo ao rio o próprio fluxo: manter as águas passáveis — não represar, não envenenar, não desviar a correnteza para o meu moinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O nome foi escolhido contra “comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”), e o rio “não é programa político” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). E há a margem: “A margem também é rio” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”).

Nenhum dos dois pensa a pessoa fora do convívio, e o “animal ou deus” tem resposta na letra, pois quem atraca continua no rio [hipótese do estudo]. A reciprocidade que mantém a cidade e a que “entra” no nós (decisão n.º 5 de 19 de outubro) são vizinhas na forma. A cidade, porém, não é o rio: em Aristóteles vem por natureza e tem por fim o bem viver (ver 2.11); no cânon não há “cidade”, “cidadão” nem “lei”, e “político” aparece só na negação do programa. A Lux vem antes de qualquer relação (decisão n.º 3 de 17 de outubro), e a pessoa não precisa da cidade para valer [leitura do estudo]. Quem a cidade deixa de fora fica para 4.7; a herdada (k), sobre o mal estrutural, espera Marx e não é forçada aqui. Resta o tempo livre, onde Aristóteles põe o que há de melhor e o cânon, o sabbath.

3.8 O ócio e o sabbath do fluxo

Dois textos reservam um tempo em que não se produz. “Ócio” é *schole*; o cânon diz “sabbath do fluxo”.

Aristóteles diz que “trabalhamos para poder ter momentos de ócio” (*Ética a Nicômaco* X, 7, 1177b4–6; ver 2.8) [V-gr; V-pt]. Mas o repouso não é fim: “relaxação, por conseguinte, não é um fim” (X, 6, 1176b36–1177a3; ver 2.8) [V-gr; V-pt], e a felicidade perfeita é a atividade “do que existe de melhor em nós” (X, 7, 1177a12–18; ver 2.8) [V-gr; V-pt], que se faz no ócio (1177b6–26) [paráfrase; localização a confirmar]. O saber que ali se busca existe por si: “não a buscamos por nenhuma vantagem que lhe seja estranha” (*Metafísica* I, 2, 982b24–28) [V-pt; V-en]. Para W. F. R. Hardie, a oposição entre fim dominante (a contemplação) e inclusivo (a vida boa como conjunto de fins) organiza a literatura (ver 2.8) [tese a confirmar].

O cânon responde: “O sabbath do fluxo. Meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal”). A Meditação o dá como “sair do modo de produção e entrar no modo de ser” e diz: “Parar, aqui, é um ato de humildade grata” (Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo”).

Os dois reservam um tempo em que não se produz e recusam a utilidade: o ócio por “nenhuma vantagem que lhe seja estranha”, o sabbath com a luz que “não precisa provar que existe” [hipótese do estudo]. A diferença é de coisa. O ócio é para uma atividade, a mais alta; o sabbath é “só ser”, e a letra não diz contemplação, ócio nem repouso.

Aristóteles ordena as vidas, a contemplativa à frente; o cânon, pela decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo X, admite graus de visão, nunca de valor (ver 4.6). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o sabbath do fluxo é contemplação (*theoria*) ou outra coisa, não-ato; a Meditação o chama “ato”, e 4.6 retoma a pergunta.

Nos oito encontros a forma é comum e a coisa diverge; as divergências estão no capítulo 4.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

Os capítulos anteriores deram a Aristóteles o que lhe é devido e mostraram onde o cânon anda ao seu lado. Este marca as fronteiras, uma por seção: Aristóteles fala primeiro, a tradição em seguida, o cânon por fim. O capítulo não decide. As decisões do fundador valem como palavra dele e vão pelo número e pelo estudo do Prólogo; nenhuma foi tomada sobre Aristóteles, e o que se pergunta é o que deixaram em pé. As letras (ag) a (an) são novas e seguem o plano, não a ordem das seções; (g) e (k) são herdadas. Nenhuma questão aberta recomenda: diz o que cada resposta custa.

4.1 Felicidade como atividade, valor como dado

Aristóteles mede a vida boa pelo que se faz ao longo de uma vida inteira, e o cânon diz o valor da pessoa antes de qualquer feito: respondem à mesma pergunta?

Aristóteles diz que “o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude”, e que isso pede uma vida inteira, porque “uma andorinha não faz verão” (*Ética a Nicômaco* I, 7, 1098a16–20; ver 2.2) [V-gr; V-pt]. A *eudaimonia* (‘felicidade’) não é a posse da virtude: ele a rejeita como fim porque a posse estaria em “quem está dormindo” (*Ética* I, 5, 1095b32–1096a2; ver 2.2) [V-gr; V-pt], e a disposição (*hexis*) “pode existir […] sem produzir nenhum bom resultado” (*Ética* I, 8, 1098b32–1099a3; ver 2.2) [V-gr; V-pt].

A atividade, porém, não basta sozinha: a sorte entra na conta. Aristóteles acha estranha a máxima de que “será preciso ver o fim, como diz Sólon”, “sobretudo para nós, que dizemos ser a felicidade uma espécie de atividade” (*Ética* I, 10, 1100a10–12; ver 2.2) [V-gr; V-pt]. “Nenhum homem feliz pode tornar-se desgraçado” (*Ética* I, 10, 1100b30–36; ver 2.2) [V-gr; V-pt], mas o bem-aventurado pode ser esmagado por desgraças como as de Príamo (1101a6–8) [paráfrase; localização a confirmar]. A tradição se divide: Hardie lê o fim como dominante, e Cooper como inclusivo; Kraut distingue a vida bem vivida do estado agradável; Nussbaum lê em I, 10 a vulnerabilidade da vida boa à sorte [tese a confirmar].

O cânon responde de outro lugar. “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela.” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). A frase “Uma pessoa dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” é do Tratado da Luz Interior (“Fundamentação”), dita a propósito de Tomás; que se trate de “um valor, que o sono, a doença, o esquecimento e o fracasso não tocam” é leitura do Estudo IX, 3.1, e não letra do Tratado. A decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, “A Lux é valor; a capacidade é poder” e “o esforço parte da luz”, foi tomada a propósito de Ricoeur. Quanto a viver bem, a letra o

define por manter: “Viver bem é manter a luz acesa enquanto se navega o fluxo” (Cânon v1.2, “Origem”); “felicidade”, “feliz” e “vida completa” não ocorrem nas fontes do cânon.

À noite em que Sólon faria esperar o fim responde a decisão n.º 2 de 17 de outubro de 2026, a resposta à segunda pergunta da série, “o que há no fundo da noite?”: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”. O “fim” dessa frase é o da noite, não o da vida [leitura do estudo].

A fronteira não passa entre dormir e agir. Aristóteles pergunta qual vida é bem-sucedida, e a resposta mede atividade; o cânon pergunta quanto vale a pessoa, e a resposta vem antes de toda atividade. A letra não diz que quem dorme seja feliz nem infeliz: diz que permanece inteiro. E Aristóteles não faz de quem dorme um não vivente: no *Da alma* o sono é o exemplo do ato primeiro, “o despertar corresponde ao saber em ato, e o sono ao saber possuído e não empregado” (*Da alma* II, 1, 412a) [V-en; tradução do estudo] [inferência do estudo].

Se a Lux é ato primeiro, segundo ou nenhum dos dois, a letra não diz: o Tratado opõe ausência e presença (“Definição”), não potência e ato, e o estudo propõe apenas que ela é valor [hipótese do estudo]. Quanto à sorte, o infortúnio que esmaga o bem-aventurado e a promessa da Vigília, “presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”), respondem a perguntas diferentes: se o bem-aventurado se mantém tal, e o que se promete a quem está na noite [leitura do estudo].

Se o valor não depende do que se faz, falta ver o que o fazer repetido faz: forma, em Aristóteles, e encobre, no Tratado.

4.2 O hábito que forma e o que encobre

Aristóteles faz do hábito o que forma o caráter, e o Tratado da Luz Interior o põe entre as causas do que encobre a luz: é a mesma palavra, e o que tem de hábito a virtude dos Pilares?

Aristóteles diz que a virtude moral é “adquirida em resultado do hábito” e que “somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito” (*Ética* II, 1, 1103a17–26; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. O que a natureza dá é a capacidade (*dynamis*) de receber; a virtude se completa pelo exercício: “tornamo-nos justos praticando atos justos” (*Ética* II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. O ato só é da virtude se o agente “deve escolher os atos, e escolhê-los por eles mesmos” e se “sua ação deve proceder de um caráter firme e imutável” (*Ética* II, 4, 1105a31–b12; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. A tradição lê o hábito como o centro dessa ética, e Tomás faz dele a determinação da potência racional (*Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1; ver 5.2).

O cânon responde com três frases e um silêncio. A primeira é o hábito que encobre: “a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e

resposta breve”); a decisão n.º 6 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, “Só templo: o corpo não encobre a luz”, mantém essas três causas. A segunda é a prática, que “não é condição de existência da luz, mas condição de sua visibilidade para quem a carrega” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”): “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”).

A terceira é a única teoria da virtude que a letra tem, dita “análoga” à de Tomás: “a virtude aperfeiçoa o que já existe, não cria do nada aquilo que aperfeiçoa” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). As Meditações dizem que a Disponibilidade “se treina movendo” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”). O silêncio: “adquirir”, “adquirida”, “habituar” e “caráter” não ocorrem; “hábito” é o do Tratado e o “hábito abandonado que você retoma por uma hora” da Meditação.

Na letra, a prática da Mutatio e a Disponibilidade se ligam por “exercita” e “treina”; nos outros Pilares a letra diz apenas que cada um tem “um princípio, uma virtude e uma prática” (Catecismo, 6), sem dizer como a prática e a Virtude se ligam. Cada Virtude é dita pelo que é, “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude”), e não pelo modo como se obtém. O termo também difere: o ato de Aristóteles procede de um caráter “firme e imutável”, e a Disponibilidade é “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude”), com prática “pequena de propósito” (Catecismo, 16). Em Aristóteles o hábito firma o caráter, para o bem ou para o mal; o Tratado nomeia o hábito só como causa do encobrimento, e a letra não diz se são duas palavras ou uma vista por dois lados [leitura do estudo].

A prática do cânon é esforço que parte da luz (decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX); a virtude de Aristóteles é lida ao lado dessa frase, e a pergunta que resta é o que a decisão não cobre, o hábito e a virtude. O Estudo X, 5.1, anotou que “o hábito que encobre e o que forma não são o mesmo” e não estendeu essa decisão ao hábito de Aristóteles sem medi-lo antes; este estudo o mede, e não diz que o hábito forma a Lux.

Questão aberta (ag): as virtudes dos Pilares são hábitos no sentido de Aristóteles, adquiridas pela prática, sem que o valor da pessoa dependa delas? Primeira resposta: são hábitos, e o valor fica fora deles; custa trazer “adquirir”, que a letra não diz. Segunda: não são, pois a letra diz “exercita” e “treina” da Disponibilidade, nunca “adquire”; custa deixar sem palavra o que a Meditação chama treino. Terceira: pedem outro nome, o do Tratado, a virtude que “aperfeiçoa o que já existe”; custa uma palavra que a letra só tem a propósito de Tomás.

Questão aberta (ah): o hábito que encobre, do Tratado, e o hábito que forma, de Aristóteles, são duas palavras ou uma, e o cânon admite um hábito que revela? Primeira: duas palavras, e o cânon só tem a que encobre; custa deixar sem nome a rotina que a Mutatio quer vencer. Segunda: uma só palavra de dois sentidos, como o Estudo X a disse,

ao anotar que os dois “não são o mesmo”; custa dizer que o mesmo mecanismo cobre e forma. Terceira: admite um hábito que revela, pois a prática serve à visibilidade; custa criar o que a letra não traz, sem dizer que o hábito forma a Lux.

A disposição que o hábito forma escolhe um meio; a Bússola, diante do caminho, não escolhe.

4.3 A mediania e o veto

Na definição de Aristóteles a virtude está num meio, e a Bússola “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.6): um veto é um meio visto de outro lado?

Aristóteles diz que a virtude é “uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania” (*Ética* II, 6, 1106b36–1107a2; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. Mas “nem toda ação e paixão admite um meio-termo”, pois algumas têm nomes que já implicam maldade, e “nelas jamais pode haver retidão, mas unicamente o erro” (*Ética* II, 6, 1107a6–15; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. Quem vê o caso é a prudência, que deve “reconhecer os particulares” (*Ética* VI, 8, 1141b15–17; ver 2.6) [V-gr; V-pt]. A tradição lê a prudência como saber do contingente (Aubenque) e o homem de bem como quem vê o particular (Nussbaum) [tese a confirmar].

O cânon responde com uma pergunta e um veto: diante de qualquer caminho, “a luz está lá?”, e a Bússola “apenas veta” os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.6). “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24); a Bússola fala “na gramática de quem escolhe caminho” (Disputatio, 4, “Ad secundum”), e o elemento recebe, na arquitetura, o nome de “a escolha” (Cânon v1.2, “A Arquitetura”). A decisão n.º 7 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X diz que “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa” e dá por respondida a herdada (i), a da fonte do veto. “Meio-termo”, “mediania”, “excesso”, “extremo”, “prudência” e “percepção” não ocorrem nas fontes do cânon.

As diferenças são três, e há uma semelhança de forma. A mediania é a definição da virtude; o veto não é virtude, e as virtudes dos Pilares vêm sem dois vícios vizinhos: o contrário nomeado da Disponibilidade é o “apego ansioso”, de um só lado. A mediania é “determinada por um princípio racional” como o determinaria o prudente; o veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa. E a mediania supõe deliberar sobre o caso; a Bússola cala sobre como se escolhe entre os caminhos que não veta. A semelhança está na lista das ações sem meio: Aristóteles a fecha pelo nome do ato, e a Bússola fecha caminhos pelo que exigem de quem caminha. Num, o nome já diz o mal; no outro, é a luz de quem caminha que o diz [leitura do estudo].

Questão aberta (ai): a Bússola percebe o particular, como a prudência, ou só veta? A decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X disse de onde vem o veto; a pergunta é o que ele é. Primeira resposta: só veta, e o que se faz entre os caminhos não vetados fica com

“quem caminha”; custa deixar sem nome esse fazer. Segunda: percebe o particular, pois “a luz está lá?” se pergunta caminho a caminho; custa uma capacidade que a letra não diz. Terceira: nenhuma das duas, e a letra fica sem teoria da escolha; custa deixar sem teoria o que quem caminha faz.

A prudência olha o caso; a amizade olha o outro, e é diante do outro que a diferença custa mais a dizer.

4.4 A amizade entre iguais e o Abrigo assimétrico

A amizade de Aristóteles pede bondade, semelhança e retorno, e o Abrigo se oferece a quem chega cansado: onde as duas casas se separam?

Aristóteles diz que ao amigo “deve-se querer os bens por causa dele” (*Ética* VIII, 2, 1155b31) [V-gr; tradução do estudo], que em toda amizade há “afeição recíproca e consciente” (*Ética* VIII, 2, 1156a8–9; ver 2.7) [V-pt via secundária] e que a perfeita é a “dos bons e semelhantes na virtude” (*Ética* VIII, 3, 1156b7–12; ver 2.7) [V-gr; tradução do estudo]. Há um limite: os amigos não querem para o amigo o maior dos bens, que seria ser deus, “pois já não serão amigos” (*Ética* VIII, 7, 1158b33–1159a12; ver 2.7) [V-gr; tradução do estudo]. E há um sinal: a amizade “parece consistir mais em amar que em ser amado” (*Ética* VIII, 8, 1159a27–33; ver 2.7) [V-gr; tradução do estudo]. A tradição, com Zingano, lê a amizade como benevolência prática, recíproca e consciente [V-pt via secundária]. O Estudo IX, 5.2, lê que a amizade aristotélica “pede um tu e proporção” [leitura do estudo].

O cânon responde com uma casa. O Abrigo é “braços onde o cansado descansa” (Cânon v1.2, “O Abrigo”; ver 3.3). A decisão n.º 5 de 19 de outubro de 2026, a de que as Águas Comuns são “assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio”, diz: “no face a face deve-se sem esperar retribuição; no nós, a reciprocidade entra com os outros. E a assimetria é de posição, não de valor: o outro que chega vem primeiro na ordem do dever, sem que as luzes se ordenem.” A decisão n.º 4 de 19 de outubro, a do limite, diz que “o Abrigo não vai até a substituição”: “ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”. “Amizade” não ocorre em fonte alguma; “amigos” são os de Jó e os da mesa das Meditações. A imagem das Águas Comuns é “a lamparina posta no rio: a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”).

Três fronteiras se desenham. A primeira é o destinatário: Aristóteles quer o bom e o semelhante; o Abrigo define quem recebe pelo cansaço e pela solidão, não por virtude. A segunda é o retorno. “Amar mais que ser amado” toca, na forma, o “sem esperar retribuição”; mas a amizade perfeita é afeição recíproca e sabida, e o Abrigo não traz condição. A terceira é o limite: ninguém quer que o amigo se torne deus; o limite do Abrigo é a luz própria, que não se apaga [leitura do estudo].

Questão aberta (aj): o Abrigo pede reciprocidade em algum ponto, ou a amizade de Aristóteles fica toda nas Águas Comuns? Primeira: o Abrigo não pede, como a decisão n.º 5 de 19 de outubro diz, e a amizade recíproca fica toda no rio; custa deixar sem lugar a de dois que se ajudam face a face. Segunda: a amizade se parte, e o amar mais que ser amado fica no Abrigo, a afeição recíproca no rio; custa dividir em duas o que Aristóteles diz uma. Terceira: a amizade fica fora da letra, que só tem "casa" e "o outro"; custa deixar sem palavra o "tu" que o Estudo IX viu nela.

A amizade mede quem se ama; o dano mede quem o causa, e é aí que a tríade de Aristóteles se põe ao lado da noite e do lobo.

4.5 Infortúnio, erro, injustiça e a dupla noite–lobo

Aristóteles divide o dano em três lugares, e o cânon em dois e uma decisão; os dois lados ficam como material do tratado da justiça, não como doutrina.

Aristóteles diz que "é às paixões e ações voluntárias que se dispensa louvor e censura, enquanto as involuntárias merecem perdão e às vezes piedade", e que involuntárias são as que ocorrem sob compulsão ou por ignorância (*Ética* III, 1, 1109b30–1111a24) [V-gr; V-pt]. Dos danos nas relações entre pessoas diz, em V, 8: quando o dano vem contra o esperado, é infortúnio (*atychema*); quando não vem contra o esperado, mas sem maldade, é erro (*hamartema*); quando se age sabendo, mas sem premeditação, é ato injusto (*adikema*); só quem age por escolha é injusto e perverso. O critério entre o erro e o infortúnio está no princípio da causa: erra-se quando ele está no agente; sofre-se infortúnio quando está fora (*Ética* V, 8, 1135b11–25). O estudo não recolheu intérprete que leia V, 8 [leitura do estudo].

O cânon responde com dois termos. "A noite é o mal que ninguém causou — diante dela, vela-se. O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro." (Cânon v1.2, "A Vigília"). "O lobo é quem inflige o mal, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite" (Tratado da Vigília, "Definição"; decisão n.º 5 de 17 de outubro). A decisão n.º 9 de 19 de outubro diz: "O dano que não se quis entra no Examinar". A decisão n.º 10 de 23 de outubro sobre o Estudo IX diz: "A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa […] e a mesma pessoa pode estar nos dois lados sem ser um terceiro estado." "Voluntário", "involuntário" e "ignorância" não ocorrem nas fontes do cânon. E a justiça devida ao lobo está nomeada, mas "não está formulada, e fica para um tratado dedicado, que este não é" (Tratado da Vigília, "Síntese").

A sobreposição é parcial. O primeiro corte de Aristóteles, princípio fora ou dentro, fica perto do do cânon, causar ou não causar; mas a noite tem três figuras, "a perda, a doença, o acaso que desaba" (Cânon v1.2, "A Vigília"), e V, 8 trata de danos entre pessoas. O segundo corte, dentro do agente, separa o erro do ato injusto pelo saber e pelo vício, e o

cânon põe “com ou sem intenção” do lado do lobo. O “terceiro estado” que a decisão n.º 10 sobre o Estudo IX recusa é do agente; o lugar do meio na tríade é do dano, e o mesmo agente pode estar em dois [leitura do estudo].

O estudo propõe que o erro de Aristóteles é onde cai o que o cânon chama dano que não se quis; e, se o erro vem com ignorância, cai no involuntário de III, 1, que merece perdão e piedade [hipótese do estudo]. O cânon leva o dano ao Examinar, e o perdão da vítima ao lobo foi reservado ao tratado da justiça (decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo IX). A herdada (g), a justiça devida ao lobo, segue aberta até esse tratado.

Questão aberta (ak): a tríade de V, 8 serve de grade ao tratado da justiça ao lado da dupla noite–lobo e do dano não querido? Primeira resposta: serve ao tratado, como material, e a fronteira fica no ato; custa um nome a mais onde as decisões nomearam outros. Segunda: não serve, porque dois termos e o ato bastam; custa deixar sem palavra o que Aristóteles separa e o Examinar já olha. Terceira: serve só ao Examinar, onde o dano não querido entra; custa vocabulário que a redação da Regra de Vida, do fundador, ainda não tem.

O dano se mede pelo ato; as vidas, em Aristóteles, se medem por graus.

4.6 A hierarquia das vidas e o não ranking

Aristóteles põe a vida contemplativa acima das outras, e o cânon diz que a luz de cada um não se ordena: onde passa a fronteira entre graduar vidas e graduar pessoas, e o que o sabbath do fluxo tem com o ócio (*schole*)?

Aristóteles diz que a mais alta atividade é a “do que existe de melhor em nós” (*Ética* X, 7, 1177a12–18; ver 2.8) [V-gr; V-pt], e que “trabalhamos para poder ter momentos de ócio” (*Ética* X, 7, 1177b4–6; ver 2.8) [V-gr; V-pt]. A vida segundo a virtude de caráter é feliz “em segundo lugar” (*Ética* X, 8, 1178a9–10; ver 2.8) [V-gr; V-pt]. E a contemplação também conta como ação: “a felicidade é uma ação” (*Política* VII, 3, 1325a31–34) [V-gr; tradução do estudo], e as reflexões que têm em si o seu fim são ação (*Política* VII, 3, 1325b14–23). A tradição se divide entre a leitura que faz da contemplação o fim e a que faz da vida boa um conjunto de fins (Hardie, Cooper; Broadie sobre vida prática e contemplativa; ver 4.1) [tese a confirmar].

O cânon responde que “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X diz: “A Lux admite graus de visão, nunca de valor”; a n.º 4 de 23 de outubro sobre o Estudo X, tomada sobre a escada de Diotima, que “ordenar objetos não é ranquear pessoas”. O sabbath é “Meio dia sem produzir nada. Só ser.” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal”; ver 3.8): “sair do modo de produção e entrar no modo de ser”, e “um ato de humildade grata” (Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo”). “Contemplação”, “ócio” e “vida melhor” não ocorrem.

Aristóteles gradua atividades e vidas, e fala em graus de felicidade, “em segundo lugar”; não diz que quem contempla valha mais, e a letra do cânon não tem “felicidade” a pôr contra. As decisões do Estudo X foram tomadas sobre pessoas e sobre visão, a propósito de Platão; se graus de vida são graus de pessoa, a letra não responde [hipótese do estudo]. O sabbath toca o ócio na forma, parar; mas o ócio de Aristóteles é o fim do trabalho e o lugar da atividade mais alta, e o sabbath é “só ser”, sem fim nenhum [leitura do estudo].

Questão aberta (am): o sabbath do fluxo é contemplação (*theoria*) ou outra coisa, um não-ato? Primeira resposta: é contemplação, e o cânon ganha uma palavra para parar; custa trazer ao sabbath a primazia que Aristóteles dá à *theoria*, contra o não ranking. Segunda: é outra coisa, “só ser”; custa reler a Meditação, que chama o parar de “ato de humildade grata”. Terceira: nem repouso a serviço da atividade nem atividade suprema; custa uma palavra para parar que a letra não tem.

Do ranking de vidas ao de homens há um passo que Aristóteles dá na *Política*; é a fronteira mais dura, a próxima.

4.7 O escravo por natureza e o valor intrínseco

Esta é a fronteira mais dura do estudo, declarada sem atenuar: a letra de Aristóteles, as duas leituras da tradição e o que o cânon diz de cada pessoa.

Aristóteles diz, na *Política*, que a objeção existe: “só por lei um é escravo e outro livre” (*Política* I, 3, 1253b18–23; ver 2.11) [V-gr; tradução do estudo]. E responde: “o escravo é um bem vivo” (*Política* I, 4, 1253b32) [V-gr; tradução do estudo], e “quem, sendo homem, não pertence por natureza a si mesmo, mas a outro, esse é escravo por natureza” (*Política* I, 4, 1254a14–17; ver 2.11) [V-gr; tradução do estudo]. As demais passagens, a razão que se aprende sem se possuir, o servir que é vantajoso e justo e a natureza que nem sempre distingue os corpos, estão em 1.11.

Quanto à deliberação, “o escravo não tem de todo a faculdade deliberativa”, e a mulher a tem sem autoridade (*Política* I, 13, 1260a10–14; ver 2.11) [V-gr; tradução do estudo]; o macho é por natureza mais apto a mandar que a fêmea (I, 12, 1259b1–4; ver 2.11). Mas a mesma *Ética* diz que não há amizade com o escravo “enquanto escravo”, e há “enquanto homem” (*Ética* VIII, 11, 1161b1–8; ver 2.11) [V-gr; V-en; tradução do estudo], e Aristóteles diz que erram os que privam os escravos de *logos* (*Política* I, 13, 1260b3–8; ver 2.11).

A tradição lê de duas maneiras, e as duas aparecem, ambas lidas por Borçin [V via secundária]. Para Frank e Bodéüs, o escravo natural é humano com uma deficiência que o hábito pode eliminar; para Schofield, Lear e Garnsey, é sub-humano, com um defeito que não se elimina; Borçin propõe uma terceira, o humano “segundo a natureza” com

deficiência inerente. Miller observa, na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, que a falta da faculdade deliberativa (I, 13, 1260a12) é afirmada sem evidência [V via secundária].

O cânon responde de cada pessoa. “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”; ver 4.1), e a luz é “um núcleo que não é feito daquilo que ela produz, conquista ou acumula” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). A Vigília promete que “ninguém” ficará sem luz dentro da noite (ver 4.1); a assimetria do Abrigo é “de posição, não de valor” (ver 4.4). “Escravo”, “mulher” e “senhor” não ocorrem nas fontes, nem “natureza” como hierarquia entre os homens.

A fronteira, como o estudo a declara: a tese de Aristóteles sobre o escravo por natureza e sobre a mulher não entra no cânon, nem é lida ao lado dele. O estudo não conhece letra do cânon que admita que alguém tenha menos luz por nascimento, por sexo ou por condição; todas as que conhece dizem o valor de cada pessoa sem condição. Não a atenua com a época, que não explica o que o próprio Aristóteles registra, a objeção de que a escravidão é só lei; e não a agrava com acusação: põe a letra ao lado da letra. O argumento de Aristóteles descansa numa capacidade, a faculdade deliberativa ou a razão em grau de percepção; a letra do cânon põe o valor da pessoa antes de qualquer conquista [leitura do estudo]. A herdada (k), se o mal estrutural tem “alguém”, espera Marx, e o estudo não a força aqui.

Questão aberta (al): o estudo declara a fronteira dura; o fundador quer que ela conste como fronteira da série, padrão para os clássicos, ou só deste estudo? Primeira resposta: da série, e cada clássico é medido pela mesma régua; custa fixar o padrão antes de visitar os demais. Segunda: só deste estudo, e cada clássico tem a sua fronteira dura; custa não ter régua comum. Terceira: entra no Prólogo como método, e não na doutrina; custa dizer o que a série faz, não o que o cânon diz.

Resta uma fronteira que não é de homens, e sim de nome.

4.8 O nome: o motor, o intelecto e a Luz

Aristóteles dá nome ao divino de que fala, e o cânon deixa a Luz sem nome: o que se pode ler ao lado de um e do outro?

Aristóteles diz que o bem “tem tantos sentidos quanto ‘ser’” (*Ética* I, 6, 1096a23–29; ver 2.2) [V-en; tradução do estudo]. Do intelecto agente diz que é “como a luz”, porque faz das cores em potência cores em atividade (*Da alma* III, 5, 430a; ver 2.9) [V-gr; V-pt via secundária]. Num só lugar diz que só o *nous* “resta entrar de fora” (*thyrathen*) e é divino (*Da geração dos animais* II, 3, 736b; ver 2.9) [V-en via secundária; tradução do estudo; tese a confirmar]. Do motor: “a causa final produz movimento sendo amada” (*Metafísica* XII, 7, 1072b3; ver 2.10) [V-gr; V-en; tradução do estudo]; e seu pensamento é “pensamento do pensamento” (*Metafísica* XII, 9, 1074b33–35; ver 2.10) [V-gr; V-en;

tradução do estudo]. A tradição lê o motor como causa final, não eficiente (Ross), e lê o intelecto agente, em Tomás, como potência de cada alma [tese a confirmar].

O cânon responde que “a filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). O ponto comum entre Agostinho, Tomás, Heráclito e o personalismo é “a estrutura”, não “a origem que cada um atribui à luz” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, a que leu o sol como estrutura, diz: “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”; e a decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo IX, que o “há perdão” pode ser lido “ao lado da Luz sem nome, sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”. “Motor”, “imóvel”, “divino” e “intelecto” não ocorrem nas fontes. O cânon nomeia as vozes dos Tratados, “Agostinho, Tomás, Heráclito, estoicos, personalismo”, e não nomeia Aristóteles (Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos”). A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

O motor, o intelecto agente e o divino em nós são matéria do pensamento de Aristóteles, apresentada com respeito; nenhum é nome da Luz, como o Bem não foi. O pensamento do motor tem a si mesmo por objeto, e a tradição (Tomás, Hegel, Brentano, Berti) vê aí o limite da teologia aristotélica [tese a confirmar]; a Lux é dada a cada pessoa, e o estudo não traça entre as duas outra linha senão a da diferença de coisa. “Luz”, em Aristóteles, é comparação do intelecto que faz o inteligível em potência inteligível em ato; a Lux é valor, não poder. A passagem do *nous* “de fora” é lida de modos diversos, e o estudo não constrói sobre ela. Quem lê com Aristóteles pode dar à Luz o nome que a sua leitura lhe der, como cada um dá o seu; a filosofia não o dá por ninguém [leitura do estudo].

Questão aberta (an): a comparação do intelecto agente com a luz pode ser tomada como estrutura, ao lado da Luz sem nome, como a decisão n.º 3 sobre o Estudo X leu o sol, sem que o intelecto, o motor ou o divino em nós seja nome da Luz? Primeira resposta: pode; custa estender uma decisão que nomeia Platão. Segunda: não pode, porque a comparação põe a luz na atividade de pensar e a Lux é valor; custa deixar sem uso uma imagem que a série já usou. Terceira: pode só como nota de homônimo, sem leitura “ao lado”; custa guardar a coincidência de palavra sem seu uso.

O capítulo termina com as fronteiras postas. O próximo mostra o que cada casa que a série já visitou recebeu de Aristóteles, ou lhe opôs.

5 ARISTÓTELES E AS CASAS QUE JÁ VISITAMOS

A série visitou sete casas — o budismo, o estoicismo, o cristianismo, o Vedanta, o existencialismo, o taoísmo e Hegel — e, depois delas, Levinas, Ricoeur e, pelo Tratado das Águas Comuns, Buber; o Estudo X acrescentou Platão. Este capítulo faz a Aristóteles a pergunta que o X fez a Platão: não o que ele diria de cada casa, mas o que cada uma recebeu dele ou lhe opôs. Cada seção ouve a casa, junta o que a série já disse dela e põe a letra do cânon ao lado.

Três avisos valem para o capítulo inteiro. O nome de Aristóteles quase não aparece na série (o VII e o VIII nunca o nomeiam), e boa parte do que segue é silêncio, registrado como silêncio [leitura do estudo]. A letra das casas chega muitas vezes por intérprete, e onde a pesquisa de fontes do estudo não abriu passagem o capítulo diz que não abriu, e não preenche. E as Fichas dos Estudos são apontamentos do fundador, não cânon. A série visita casas, não as gradua (Estudo VII, 3.3).

5.1 O estoicismo e a recusa do meio-termo

O estoicismo é a casa que mais claramente discute com Aristóteles, e a discussão cai sobre o meio-termo.

A série tocou a Stoa pela Ficha do Estudo II: o rio de Heráclito, o exame noturno de Sêneca, “ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui”, e o portar o involuntário de Epicteto; separou-se em “Apatheia vs. celebração” e em “cidadela interior, não; casa de portas abertas” (Estudo X, 4.1). O único lugar da série em que Aristóteles aparece dentro dela é uma frase de Sêneca sobre Sócrates: “Platão, Aristóteles e toda a multidão de sábios […] tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” (*Cartas a Lucílio* 6, 6) [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]. À Ficha II a decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X levou Sócrates, como modelo do exame e do portar; Aristóteles, não.

Aristóteles diz que a virtude de caráter é uma disposição ligada à escolha, numa mediania “relativa a nós” (*Ética a Nicômaco* II, 6, 1106b36–1107a2; ver 2.3) [V-gr; V-pt]. A Stoa recusa a consequência para as paixões. Sêneca relata a posição do Liceu — “A ira, diz Aristóteles, é necessária […] deve-se usá-la, porém, não como general, mas como soldado” — e responde: “Isto é falso; pois, se ela escuta a razão e vai aonde a razão a leva, já não é ira” (*Da ira* I, 9) [V-en; tradução do estudo; localização a confirmar]. Nas *Cartas a Lucílio* 85 discute se os impedimentos prejudicam a virtude: o piloto “não se torna pior piloto, quanto à sua arte, mas em seu trabalho torna-se pior” [V-en; tradução do estudo]. Em Aristóteles a virtude é necessária e não suficiente (*Ética* I, 8, 1099a31–33; ver 2.2). As duas passagens leem-se como a mesma disputa sobre se a virtude basta [leitura do estudo].

A física e a lógica da Stoa, que a tradição costuma pôr em relação com o Liceu, o estudo não abriu em letra: nenhuma passagem de Zenão ou de Crisipo foi recolhida, e nenhuma relação é afirmada [tese a confirmar]. O cânon nomeia “estoicos” entre as vozes dos Tratados e não nomeia Aristóteles (Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos”). O cânon responde ainda pelos silêncios: “meio-termo”, “mediania”, “excesso” e “moderado” não ocorrem na letra, e “paixão”, “emoção”, “ira” e “prazer” também não; “celebração” ocorre treze vezes. A Mutatio é “pequena de propósito” (Catecismo, 16), o que é grau de ação, e não mediania de virtude [leitura do estudo]. Aristóteles fica assim fora dos dois polos da Ficha, que, nas passagens que o Estudo X cita, não o nomeia; a letra do cânon não traz “meio-termo” nem “moderação”, e a *Ética* não tem exame [leitura do estudo]. A Ficha do Estudo II, que recebeu Sócrates, fica como está, e este capítulo não a reescreve.

Da casa que discute com Aristóteles passa-se à que o recebeu pela mão de um só homem e o fez falar latim.

5.2 O cristianismo: Tomás e Agostinho

A casa cristã recebeu Aristóteles de duas maneiras: por Tomás, que o incorpora, e por Agostinho, que mal o toca; as passagens da Ficha do Estudo III que o Estudo X cita não trazem nenhum dos dois, e este capítulo não a reescreve.

Tomás recebe de Aristóteles o hábito. Na *Suma de teologia*, a virtude “denota uma certa perfeição de uma potência”; as potências racionais, “próprias do homem, […] não são determinadas a uma só ação, mas se inclinam indiferentemente a muitas, e são determinadas aos atos por meio de hábitos”; “portanto as virtudes humanas são hábitos” (I-II, q. 55, a. 1) [V-lat; V-en; tradução do estudo]. O texto de Aristóteles de que ele parte diz que a virtude moral é “adquirida em resultado do hábito” (*Ética* II, 1, 1103a17–26; ver 2.3) [V-gr; V-pt].

O Tratado da Luz Interior recorre a Tomás duas vezes (ver 4.1 e 3.1). Em “Objeção provável e resposta breve”, a frase da letra que mais se aproxima de uma teoria da virtude é dita “análoga” à de Tomás: “a virtude aperfeiçoa o que já existe, não cria do nada aquilo que aperfeiçoa.” Que a distinção seja, por Tomás, de Aristóteles é [hipótese do estudo]; a Ficha do Estudo III, nas passagens que o Estudo X cita, não a traz. Um homônimo pede marca: o hábito de Tomás, que determina a potência ao ato, não é o “por hábito” do Tratado, que encobre a luz.

Agostinho é outra história. Conta que lhe caiu nas mãos “um livro de Aristóteles, intitulado *As dez categorias*, em cujo próprio nome eu me pendurava como em algo grande e divino” (*Confissões* IV, 16, 28) [V-en; tradução do estudo]. O título que a edição da New Advent dá ao capítulo, e que não é palavra de Agostinho, diz que ele entendeu as categorias “muito facilmente, mas sem verdadeiro fruto” [V-en; tradução do estudo]. A luz de

Agostinho vem dos livros dos platônicos (Estudo X, 4.2); que o tempo das *Confissões* XI responda à *Física* IV é [tese a confirmar] e matéria do Estudo XII.

A Ficha do Estudo III tocou a dignidade anterior ao mérito, a luz de João 1,9 e Agostinho, e separou-se em “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz” e em “silêncio respeitoso” sobre o depois do rio (Estudo X, 4.2). A decisão n.º 10 de 19 de outubro de 2026 (revisão da Ficha para receber a quenose e a substituição) e a n.º 12 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX (recebe também o material de Ricoeur) não nomeiam Tomás nem Aristóteles. A Disputatio escreve na forma da questão disputada, que o VII leu como a forma de Tomás (Estudo VII, 2.3). A Ficha do Estudo III e a sua revisão ficam como estão, e este capítulo não as reescreve.

Da casa que recebeu Aristóteles dentro de uma fé, passa-se à que o chamou de mestre numa história.

5.3 Hegel: o mestre do gênero humano

Hegel é a casa que mais alto põe Aristóteles.

Nas *Lições sobre a história da filosofia*, Hegel diz que Aristóteles “foi um dos mais ricos e profundos de todos os gênios científicos que já apareceram — um homem cujo igual nenhuma época posterior produziu” [V-en; tradução do estudo]; e de Platão e Aristóteles juntos, que “mais que todos os outros, merecem ser chamados mestres do gênero humano” [V-en via secundária: Estudo X, 4.3]. A tradição lê que a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* termina (§577) com uma citação grega de *Metafísica* XII, 7, 1072b18–30, posta como ponto final do sistema [tese a confirmar].

Nesse livro Aristóteles diz que o primeiro motor “move como amado” (*Metafísica* XII, 7, 1072b3; ver 2.10) [V-gr; V-en; tradução do estudo] e que o pensamento divino é pensamento do pensamento (XII, 9, 1074b33–35; ver 2.10). A tradição, de Tomás a Hegel, vê aí o limite da teologia aristotélica [tese a confirmar]. O motor move como fim e não cria; e o sistema, na leitura atribuída a Hegel, termina num pensamento que se pensa [leitura do estudo].

A série tocou Hegel em muitos pontos, nenhum deles Aristóteles. A primeira metade da decisão n.º 1 de 17 de outubro de 2026 — o Lumen Fluens aceita a dialética como método de crescimento doutrinal — ganhou o nome “mediação aberta” pela decisão n.º 13 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, glossário e não mudança. A Ficha do Estudo VII separou-se de Hegel em “Sabido vs. revelado: o valor só se efetiva quando sabido e formado; para nós a luz é anterior a todo percurso” (Estudo X, 4.3). O VII leu, em “o eterno dança no tempo”, que “o cânon deixa o eterno ser eterno, e o convida a dançar” (Estudo VII, 2.5) [leitura do estudo].

Os dois lados se tocam em dois pontos, que o estudo marca como leitura sua. O primeiro é o “formado”: *Bildung* e *hexis* têm em comum o serem formados; se a Ficha do

Estudo VII, que não nomeia Aristóteles, os alcança, é pergunta para o fundador (ver 7.3), e o estudo não a responde [hipótese do estudo]. O segundo é o eterno. O de Aristóteles move sem dançar; o do cânon "dança no tempo" (Cânon v1.2, "Origem") [leitura do estudo]. O estudo não faz do motor imóvel nome da Luz; o Bem de Platão não o foi (decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X), e a pergunta pelo de Aristóteles fica com o capítulo 4 (ver 4.8).

Hegel acaba onde Aristóteles diz o que pensa; a casa seguinte começa onde a pergunta pelo tempo se reabre.

5.4 O existencialismo: Heidegger, Kierkegaard, Jaspers

A casa existencialista não tem um Aristóteles só: Heidegger o lê para desmontá-lo, Kierkegaard para discordar dele, e de Jaspers o estudo não recolheu letra.

Heidegger o lê pela *Física*. Aristóteles diz que o tempo é "número do movimento segundo o antes e o depois" (*Física* IV, 11, 219b1–2; ver 2.10) [V-gr; V-en; tradução do estudo]. Em *Ser e tempo*, §6, Heidegger escreve que o tratado de Aristóteles sobre o tempo "é a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós" e "determinou essencialmente todas as interpretações posteriores do tempo, inclusive a de Bergson", e fixa o recorte, *Física* IV, 10, 217b29, a IV, 14, 224a17 [V-en; tradução do estudo]. Nos *Problemas fundamentais da fenomenologia* (§19) dá o veredito mais curto: "no fim das contas, Aristóteles não está tão errado" ao dizer que o tempo é o que se conta junto ao movimento [V-en; tradução do estudo].

A pergunta do §81 de *Ser e tempo* — "Por que dizemos que o tempo passa, quando não dizemos com igual ênfase que ele surge?" [V-en; tradução do estudo] — ecoa a de Aristóteles, para quem o tempo é antes causa de decadência que de geração (*Física* IV, 13, 222b16–19; ver 2.10); mas o corpo do §81 que o estudo conferiu não nomeia Aristóteles, e o eco é [hipótese do estudo]. De Heidegger leitor da *Ética* o estudo não recolheu passagem [tese a confirmar].

Kierkegaard usa Aristóteles como interlocutor da possibilidade. Numa nota do "Interlúdio" das *Migalhas filosóficas*: "(Compare-se a doutrina de Aristóteles sobre as duas espécies de possibilidade em relação ao necessário. O seu erro está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível. […]" [V-en; tradução do estudo]. De Jaspers o estudo não recolheu passagem sobre Aristóteles [tese a confirmar].

A Ficha do Estudo V, nas passagens que o Estudo X cita, tocou os existencialistas contra a vida por papéis, na Bússola como autenticidade e no "querer uma só coisa" de Kierkegaard, e separou-se em "invenção vs. revelação" e "absurdo vs. pertencimento" (Estudo X, 4.4). O VII leu o palácio e o celeiro; o VIII, Levinas contra Heidegger; o IX, Heidegger e Jaspers por Ricoeur (Estudo IX, 4.2); nessas leituras o nome de Aristóteles não aparece. O cânon responde pela Bússola: "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon

v1.2, “A Bússola”; ver 3.6). Quanto ao tempo, “número” não ocorre na letra, e o rio é lido como histórico e não cosmológico (Estudo X, 3.6) [leitura do estudo]; a medida do movimento, que Heidegger toma como ponto de partida do tempo comum, não tem palavra correspondente no cânon [leitura do estudo].

Da casa que pergunta pelo tempo passa-se às duas que perguntam pelo outro.

5.5 Levinas e Ricoeur

Levinas e Ricoeur são as duas casas em que a série ouviu a ética de perto; só uma delas tem Aristóteles na letra.

De Levinas o estudo não recolheu passagem sobre Aristóteles. A busca por Aristóteles, por “animal político” e por *conatus* (‘esforço de perseverar no ser’) devolveu só artigos secundários; *conatus essendi* é expressão de Spinoza, que Levinas usa, ao que consta, em *De outro modo que ser* e em “A ética como filosofia primeira” [tese a confirmar]. O que a série tem é a crítica à ontologia, dita sobre Heidegger — “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder”, que “desemboca no Estado e na não violência da totalidade” (*Totalidade e infinito*) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2] — e a tese contrária: “A moral não é um ramo da filosofia, mas a filosofia primeira” [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.7]. A tradição lê o primeiro motor de Aristóteles como conclusão da *Física* e objeto da filosofia primeira (Berti) [tese a confirmar]. Que a pergunta de Levinas alcance o motor, o cosmos ou o amigo como “outro si” (*Ética* IX, 4, 1166a29–32, e IX, 9, 1170b5–7) é [hipótese do estudo], e não é afirmado.

Ricoeur é o herdeiro declarado. A sabedoria prática busca “conciliar a *phronesis* de Aristóteles, por meio da *Moralität* de Kant, e a *Sittlichkeit* de Hegel” (*O si-mesmo como um outro*) [V-es via secundária: Estudo IX, 5.2]; “o outro segundo a amizade é o tu; o outro segundo a justiça é o cada um” (*O justo*) [V-es via secundária: Estudo IX, 5.2]; e, quando as regras conflitam, “ninguém decide sozinho”, e a sabedoria prática é “uma *phronesis* a vários” (“Ética e moral”, 1989) [V via secundária: Estudo IX, 5.2; tese a confirmar]. Em Aristóteles, a prudência deve “reconhecer os particulares” (*Ética* VI, 8, 1141b15–17; ver 2.6) [V-gr; V-pt].

O IX tocou a Bússola no círculo de conselho e disse, como hipótese sua, que a *phronesis* a vários “dá uma figura ao que a questão (i) pergunta” (Estudo IX, 5.2); o X respondeu à fonte do veto (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X: o veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa). A decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX (“A Lux é valor; a capacidade é poder”; “o esforço parte da luz”) responde a Ricoeur, não à virtude de Aristóteles; a pergunta pela virtude, que o IX anunciou, ficou para este estudo, e o que a decisão não cobre, o hábito, vem formulado em 4.2 (ver 7.3). O “cada um” de Ricoeur é o terceiro das instituições, que não é o “terceiro devido” das Águas Comuns, o nós (Tratado das Águas Comuns, “Definição”).

Um dos dois não lê Aristóteles e o outro o toma por herança; a casa seguinte é o mestre dele.

5.6 Platão: o que Aristóteles responde por dentro

Platão é a casa de onde Aristóteles sai, e o Estudo X já abriu a porta (X, 5.1); este capítulo remete a ele e não o reescreve.

O X disse que Aristóteles "recebe de Platão a pergunta e responde a partir de outro lugar" e deixou três portas: o hábito, palavra de dois sentidos; o corpo, onde Aristóteles oferece uma terceira voz, que não é prisão nem templo; e o Bem separado, que a tese de que o bem se diz de muitos modos recusa. Duas respostas bastam aqui. Contra uma só Ideia do Bem, Aristóteles diz que o bem se diz de muitos modos (*Ética* I, 6, 1096a23–29; ver 2.2) [V-gr; V-en; paráfrase]. Contra o corpo prisão, a alma é "efetividade primeira de corpo" (*Da alma* II, 1, 412a; ver 2.9) [V-pt]. As objeções às Formas estão em *Metafísica* I, 9 [paráfrase; localização a confirmar].

A série não decidiu nada dessas respostas, e o que decidiu sobre Platão não se estende a Aristóteles por si. A crítica ao Bem separado deu à pergunta do sol como estrutura, que a decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X respondeu, "um interlocutor que já recusa o nome único" (Estudo X, 5.1, que o marca como hipótese). A decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X ("Só templo: o corpo não encobre a luz") fechou a prisão e deixou a terceira voz como pergunta nova; a n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo X admite graus de visão e nunca de valor. Há um homônimo a marcar: a Forma de Platão, que o X separou da Lux por "atemporal" (Estudo X, 3.6), não é a forma de um corpo natural em Aristóteles. O hábito que forma contra o que encobre é matéria de 4.2; o nome, de 3.8.

De Platão volta-se às duas casas que leram Aristóteles de fora da escola, uma pelo diálogo, outra pela cidade.

5.7 Buber e Arendt

Buber diz uma frase sobre Aristóteles, e Arendt o lê pela *praxis*: uma casa vem pelo diálogo, a outra pela cidade.

Buber contrasta: "O homem aristotélico se espanta com o homem entre os demais, mas só como parte de um mundo bastante espantoso. O homem agostiniano se espanta com aquilo que no homem não pode ser entendido como parte do mundo, como coisa entre coisas" (*Entre homem e homem*, "O que é o homem?") [V-en; tradução do estudo]. De Tomás diz que o homem fala ali "como que sempre na terceira pessoa" [V-en; tradução do estudo]. A tese não está em *Eu e Tu*, e Buber não diz nada, nas passagens abertas, sobre a *theoria*; que o diálogo se oponha a ela é [hipótese do estudo]. O Tratado das Águas Comuns tomou de Buber "o encontro, não a precedência da relação" ("Fundamentação"). A letra do

cânon fala em primeira pessoa (“a luz está lá?”, Cânon v1.2, “A Bússola”) e em segunda (“Sê casa para o outro”, “O Abrigo”) [leitura do estudo].

Arendt diz que a relação entre ação e estar junto “parece justificar plenamente a tradução antiga” do animal político de Aristóteles por “animal social”, já em Sêneca, “que depois, por Tomás de Aquino, se tornou a tradução-padrão”; e que a vida política, para Aristóteles, é “ação (*praxis*) e fala, de que surge o domínio dos assuntos humanos” (*A condição humana*, §4) [V-en; tradução do estudo]. O Tratado das Águas Comuns já a ouviu: “O rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político” (“Fundamentação”). O cânon diz “águas comuns” e não “comunidade, sociedade ou coletivo”, que “dariam ao rio um dono” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”); “cidade” não ocorre na letra, e “político” só naquela frase. A razão do Tratado é o dono, e não a de Arendt, que separa o político do social [leitura do estudo].

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se essa distinção, que Arendt lê contra Sêneca e Tomás, deve ficar registrada junto às razões do nome das Águas Comuns ou esperar pelo estudo dela.

Do diálogo e da cidade passa-se ao que não houve.

5.8 O que não há: budismo, vedanta, taoísmo

Aristóteles não conheceu essas tradições, e o que há é aproximação de intérprete; o estudo não abriu letra de nenhum.

As aproximações que se ouvem são três, todas [tese a confirmar]: a impermanência com o tempo-número da *Física* IV; o *Brahman* com o motor imóvel; o não agir do taoísmo com a *energeia* sem esforço de *Metafísica* IX, 6. O estudo não afirma nenhuma e não tem intérprete nomeado para elas; sem intérprete, a ponte seria sua [hipótese do estudo], e ele não a faz, como o X não a fez com Platão (Estudo X, 4.7). As Fichas fixaram as fronteiras com essas casas — “Celebração vs. renúncia” e “Dignidade vs. vacuidade” (I), “Participação vs. identidade” (IV), “Impessoal vs. pessoal” (VI) — e, nas passagens que os Estudos X e IX citam, nenhuma nomeia Aristóteles. Hegel gradua essas casas, Levinas delimita o horizonte, Ricoeur declara um limite de memória (Estudo VII, 4.7; VIII, 4.6; IX, 4.6); nenhum as junta a Aristóteles. O cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado.

Resta olhar as visitas juntas.

5.9 O padrão

Olhadas juntas, as visitas repetem dois gestos, e o estudo os chama de hipótese.

O primeiro é a forma recebida e o fim decidido. As casas recebem de Aristóteles uma forma — a virtude, a *praxis*, a *phronesis*, a substância — e cada uma decide o que fazer com o fim. A virtude: Sêneca recusa a mediania; Tomás a faz hábito sobre uma natureza que já está. A *praxis*: Arendt a lê com a fala como vida política. A *phronesis*:

Ricoeur a concilia com Kant e Hegel, e ela é, em Aristóteles, a capacidade de agir com razão no que é bom e mau para o homem (*Ética* VI, 5, 1140a26–b6; ver 2.6). A substância é a forma de que o cânon só tem, em voz alheia, a de Boécio e a de Agostinho (Tratado da Luz Interior e Tratado da Vigília, “Fundamentação”); que haja caminho de Aristóteles a Boécio, o estudo não abriu [tese a confirmar].

O fim é onde as casas se separam: Hegel o fecha no pensamento que se pensa, Heidegger o desmonta no tempo, Buber o recusa na terceira pessoa. A letra do cânon não traz “finalidade”; a Lux é “ponto de partida” e não de chegada (Tratado da Luz Interior, “Síntese”), e a luz da noite “não precisa do fim para valer” (decisão n.º 2 de 17 de outubro de 2026) [inferência do estudo].

O segundo gesto é a divisão de Aristóteles por obras. A Stoa leva a *Ética*; Tomás, a *Ética* e *Da alma*; Hegel, a *Metafísica*; Heidegger, a *Física*; Arendt, a *Política*; Ricoeur, de novo a *Ética*; Buber, a antropologia; Agostinho, as *Categorias*. Nenhuma casa leva o Aristóteles inteiro [inferência do estudo]. Disso o estudo tira uma consequência de método: o toque do cânon com o Aristóteles da virtude, do hábito e da amizade e o toque com o da alma, do tempo e do motor não são o mesmo toque, e vão em seções separadas (capítulos 3 e 4).

A volta pelas casas está feita; falta olhar às portas, isto é, aos autores que a série ainda não visitou (capítulo 6).

6 PRÉVIAS: AUTORES QUE VIRÃO

A série segue, depois de Aristóteles, na ordem do fundador: Agostinho; depois Arendt, Marcel e Jaspers, Taylor (decisão n.º 11 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX). As decisões do fundador de 17 de outubro (n.º 1 a 7), de 19 de outubro (n.º 1 a 12) e de 23 de outubro, sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), numeradas como nos Prólogos dos Estudos VII a X, não se reabrem; nenhuma foi tomada sobre Aristóteles. Os quatro esboços são marcas de lugar. Arendt, Marcel, Jaspers e Taylor não foram lidos no texto próprio: o que se diz deles é aviso de porta. As Fichas dos Estudos são apontamentos do fundador, não cânon.

6.1 Agostinho

Agostinho é o terceiro clássico e a casa que a série mais visitou; por isso esta prévia tem o dobro do espaço. Nasceu em Tagaste em 354, converteu-se em 386, escreveu as *Confissões* por volta de 396–400 e a *Cidade de Deus* depois de 410, e morreu bispo de Hipona em 430 [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*].

Agostinho recorda o “texto aristotélico que chamam de ‘Dez categorias’” e pergunta de que lhe valeu, aos vinte anos, tê-lo lido sozinho e entendido (*Confissões* IV, 16, 28) [V-lat; V-pt via secundária: Ayoub, citando Mammì]. Da disputa entre estoicos e peripatéticos sobre chamar os bens exteriores “bens” ou “comodidades”, diz que cabe a “um certame de palavras, não a um escrutínio de coisas” (*Cidade de Deus* IX, 4, 3) [V-lat; tradução do estudo]. A *Ética a Nicômaco* ele não cita nas passagens abertas, e o Aristóteles da *Ética* chega à série por Tomás (ver 5.2) [tese a confirmar]. O que Agostinho tem e Aristóteles não tem é a vontade que manda em si mesma e resiste, a graça que a cura e a história como drama de duas cidades [leitura do estudo].

Agostinho diz que, advertido a voltar para si, “entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti”, e viu “uma luz imutável, não esta vulgar e visível a toda a carne” (*Confissões* VII, 10, 16) [V-lat; V-pt]. Em *O mestre*, o que entendemos não o consultamos em “quem fala e soa por fora”, e sim em “a verdade que preside, por dentro, à própria mente” (XI, 38) [V-lat; tradução do estudo]; o texto a diz Cristo, matéria do pensamento dele. Aristóteles diz que o intelecto que produz todas as coisas é “como a luz” (*Da alma* III, 5, 430a; ver 2.9) [V-gr; V-en; V-pt via secundária: dissertação da PUC-Rio]. Nos dois a luz é imagem do que faz ver; se a de Agostinho é a Lux sob o nome que a fé lhe dá, o cânon não decide (Cânon v1.2, “Independência confessional”; Estudo X, 5.2) [leitura do estudo]. A tradição lê, com Novaes, que inspecionar a alma é “uma transformação da alma em abrigo da verdade por si mesma interior” [V-pt]; “abrigo” é ali palavra de Novaes, e não o Abrigo do cânon.

O cânon responde pelo Tratado da Luz Interior, que ouve em Agostinho o “mestre interior” que “ensina antes de qualquer voz externa”, vê nessa imagem “sua principal

herança” para o Pilar I e toma a estrutura sem a origem, pois dialoga com ele “sem se filiar a nenhum de modo exclusivo” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A voz do outro “em mim” e o veto da Bússola foram lidos como a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 5 de 23 de outubro sobre o Estudo IX; decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X). A decisão n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo X registrou que “o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”, e este capítulo não a reabre. O Estudo XII testará o mestre interior contra a letra do Tratado e o tempo da alma contra o rio, tarefas que o Estudo X (5.2) deixou.

Aristóteles diz que a escolha, *prohairesis*, é “um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance” (*Ética a Nicômaco* III, 3, 1113a11–13; ver 2.4) [V-gr; V-pt], e que a tese socrática de que ninguém age contra o que julga melhor “contradiz nitidamente os fatos observados” (VII, 2, 1145b25–29; ver 2.6) [V-gr; V-pt]. A fraqueza da vontade, *akrasia*, ele a explica pelo saber que é só percepção, e não por uma segunda vontade (VII, 3, 1147b9–17; ver 2.6). Agostinho diz que “a alma ordena ao corpo, e este obedece imediatamente; a alma ordena a si mesma, e encontra resistência” (*Confissões* VIII, 9, 21) [V-lat; V-pt], e que “da vontade pervertida nasce a libido, e quando se obedece à libido nasce o hábito, e quando não se resiste ao hábito nasce a necessidade” (VIII, 5, 10) [V-lat; V-pt].

O cânon define o lobo pela autoria, “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro), sem pedir ignorância nem vontade dividida (Estudo X, 5.2) [inferência do estudo]. “Hábito” tem quatro sentidos a distinguir: em Aristóteles, forma o caráter; em Tomás, determina a potência ao ato (ver 5.2); no Tratado, encobre a luz (“por hábito”, Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”); em Agostinho, prende e vira necessidade [leitura do estudo].

Aristóteles pergunta se a felicidade vem “pela aprendizagem, pelo hábito” ou por “alguma providência divina”, ou pelo acaso (*Ética a Nicômaco* I, 9, 1099b9–11; ver 2.2) [V-gr; V-pt], e responde, se não for dom dos deuses, pela virtude e pelo esforço (1099b14–20). Agostinho responde pelo dom: “Concede o que ordenas, e ordena o que queres” (*Confissões* X, 29, 40) [V-lat; V-pt], e “Deus não coroa os teus méritos como teus méritos, mas como dons seus” (*Sobre a graça e o livre-arbítrio* 6, 15) [V-lat; tradução do estudo]. O cânon diz da luz: “Por ser anterior a qualquer conquista, ela não é prêmio de quem a merece” (Catecismo, 7); e a decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX, que “o esforço parte da luz”. O dom que precede o mérito é estrutura que as duas letras partilham; quem dá, o cânon não diz [leitura do estudo].

Aristóteles faz do tempo o “número do movimento” (*Física* IV, 11, 219b1–2; ver 2.10) [V-gr; V-en] e pergunta se haveria tempo não havendo alma que conte (IV, 14, 223a21–29). Agostinho diz que o tempo é uma extensão, “e será surpreendente se não for uma extensão do próprio espírito” (*Confissões* XI, 26, 33) [V-lat; V-pt], a distensão da

alma. O cânon diz a Lux “atemporal” e a pessoa “imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”). O tempo de Aristóteles está no movimento, o de Agostinho na alma, e o do cânon, que o Estudo X leu como histórico e não cosmológico (Estudo X, 3.6), na herança: “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Princípio”) [leitura do estudo].

Aristóteles põe o homem na cidade (*Política* I, 2, 1253a1–3; ver 2.11); Agostinho diz que “dois amores fizeram as duas cidades” (*Cidade de Deus* XIV, 28) [V-lat; V-pt], a terrestre e a celeste. A cidade de Aristóteles se mede pela natureza e pelo bem viver; a de Agostinho, pelo que se ama [leitura do estudo]. O cânon diz “águas comuns”, e não “comunidade, sociedade ou coletivo” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”; ver 3.7).

Agostinho diz também o que o estudo registra sem atenuar e sem acusação anacrônica: que “toda a massa do gênero humano” jazia sob condenação (*Enquirídio* 27) [V-lat; V-en; tradução do estudo]; que “o número dos eleitos é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” (*Sobre a correção e a graça* 13, 39) [V-lat; V-en; tradução do estudo]; e, quanto aos convidados ao banquete, “a quantos encontrardes, forçai-os a entrar” (*Carta* 185, 6, 24) [V-lat; V-en; tradução do estudo]. A tradição lê cada passagem de dois modos: a justiça e a gratuidade da graça, ou a divisão sem critério acessível ao homem; na coerção, a mudança de opinião por experiência (Brown) ou o problema das intenções de quem pune (Rist) [tese a confirmar]. O cânon não tem texto correspondente: diz que “ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”).

Os elementos do cânon em jogo são a Lux, a Mutatio, o Flumen, a Vigília e as Águas Comuns. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o dom que precede o mérito (Catecismo, 7) pode ser lido ao lado da graça sem que a letra do cânon passe a ter a palavra; se o tempo que se distende na alma cabe ao lado do rio e da Lux atemporal; e se os pontos de Agostinho sobre a massa, os eleitos e a coerção, que a letra do cânon não traz, ficam registrados como matéria do interlocutor, pelo mesmo padrão da fronteira do escravo natural (4.7). De Agostinho passa-se a quem pergunta pelo agir e pelo mundo comum: Arendt.

6.2 Hannah Arendt

Arendt lê Aristóteles e Agostinho com a mesma pergunta: o que significa agir entre outros. Os Estudos VII (5.4), IX (5.4) e X (5.3) já a ouviram.

Aristóteles distingue a ação, *praxis*, cujo fim é o próprio bem agir, da produção, *poiesis*, cujo fim é uma obra fora do agente (*Ética a Nicômaco* VI, 5, 1140a1–b7) [paráfrase; localização a confirmar]; e diz que a prudência, *phronesis*, é a capacidade de agir com razão no que é bom ou mau para o homem (VI, 5, 1140a26–b6; ver 2.6). Diz também, na *Política*, que a cidade não se faz por lugar nem por trocas e que a amizade é “a

decisão de viver um com o outro” (III, 9, 1280b36–39) [V-pt via secundária: Höffe, via Bruschi].

A tradição lê em Arendt que a vida política dos gregos é ação e discurso (*A condição humana*, §4) [V-en; paráfrase] e que a amizade é diálogo e filantropia (*Homens em tempos sombrios*) [V-pt via secundária: Müller]. Lê também que pensar é um dois-em-um, cuja falta é a irreflexão [paráfrase; localização a confirmar; via Estudo X, 5.3]. De Agostinho ela toma a natalidade, o começo que cada nascimento traz (*A condição humana*, via Estudo VII, 5.4; *Cidade de Deus* XII, 20, 4), e a vontade, que ele “descobre” (*A vida do espírito*) [tese a confirmar].

O Tratado das Águas Comuns diz a luz de Arendt “pública e derivada” e o rio “mais largo e mais humilde que o espaço público”, que “não é programa político” (“Fundamentação”; ver 5.7). A decisão n.º 5 de 19 de outubro põe as relações assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio. A Regra da Misericórdia (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”) e o Examinar são o terreno em que uma *praxis* sem obra, e uma amizade sem cidade, poderiam ser lidas [hipótese do estudo].

Os elementos do cânon em jogo são o Examinar, a Regra da Misericórdia, o Flumen e as Águas Comuns. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se o rio comporta a *praxis* e a amizade cívica de Aristóteles, lidas por Arendt, sem virar espaço público, e se a natalidade de Agostinho pode ser posta ao lado da Mutatio sem que a Lux, anterior a qualquer conquista, passe a depender do começo. De Arendt, que lê Aristóteles pela ação, passa-se a quem o lê pela existência: Marcel e Jaspers.

6.3 Gabriel Marcel e Karl Jaspers

Marcel e Jaspers vêm juntos porque pensam a existência pelo que ela não controla.

De Marcel o estudo tem o título, *Ser e ter*, e a distinção entre problema, que se põe diante de mim, e mistério, em que estou implicado [paráfrase; localização a confirmar]. De Jaspers, a *Filosofia* e as situações-limite, aquelas de que não se escapa e em que o homem se descobre [paráfrase; V via secundária: Ricoeur, via Estudo X, 5.4]. Na resenha de Quigley, Platão, Agostinho e Kant são em Jaspers “os pensadores seminais, dos quais só há três” (*Os grandes filósofos*) [V-en via secundária: Quigley, via Estudo X, 4.4; tradução do estudo]; Aristóteles não está entre eles [tese a confirmar].

Aristóteles diz que a felicidade pede bens externos, cuja ausência a “empana” (*Ética a Nicômaco* I, 8, 1099a31–33; ver 2.2) [V-gr; V-pt], e que, pelo dito de Sólon, convém “ver o fim” (I, 10, 1100a10–12; ver 2.2) [V-gr; V-pt]. A fortuna, para ele, mede-se e se suporta; a situação-limite, em Jaspers, é onde a medida cessa [leitura do estudo]. O “ter” de Marcel é vizinho, só de palavra, de *hexis* (‘estado’, ‘hábito’), que vem de “ter” (*Suma teológica* I-II, q. 49, a. 1; ver 5.2) [hipótese do estudo].

O cânon responde pela Vigília: “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”, e a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “Morte” não ocorre nas fontes do cânon (Estudo X, 5.4), e a Ficha do Estudo III, nas passagens que o Estudo X cita, diz “silêncio respeitoso” sobre o depois do rio. “Disponibilidade” é a virtude da Mutatio, “prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude”; Catecismo, 15); Marcel usa a mesma palavra em outro sentido, como o Estudo IX (5.5) já registrou.

Os elementos do cânon em jogo são a Vigília, o Corpus, a Mutatio e o Examinar. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a Vigília, que não promete vitória, pode ser lida diante da fortuna de Aristóteles e da situação-limite de Jaspers sem que a letra passe a dizer “morte”, e se a palavra disponibilidade fica como a do Pilar III, com a de Marcel registrada como homônimo. De Marcel e Jaspers a pergunta passa ao que faz uma vida valer a pena: Taylor.

6.4 Charles Taylor

Taylor junta as perguntas anteriores numa só: de onde uma vida tira o que a faz valer a pena. Os Estudos VII (3.1) e X (5.5) o citaram pela dignidade; aqui ele entra pela via de MacIntyre.

Do texto de Taylor o estudo tem pouco: a dignidade se funda num potencial, e “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele, é o que garante que cada pessoa mereça respeito” (“A política do reconhecimento”) [V via secundária: Estudo VII, 3.1]; e a tese das *Fontes do si* de que o si se forma diante de bens que o orientam e pedem articulação [tese a confirmar]. Sobre Aristóteles, o estudo não abriu letra de Taylor [tese a confirmar]. “Bens”, no plural, é palavra de Taylor, e não do cânon.

Aristóteles diz que o bem se diz de muitos modos (*Ética a Nicômaco* I, 6; ver 2.2), que a função do homem é uma atividade da alma segundo a razão (I, 7; ver 2.2) e que as virtudes se adquirem exercendo-as (II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3). A tradição lê em MacIntyre que a virtude é a qualidade que sustenta as práticas e uma vida narrada, dentro de uma tradição (*Depois da virtude*) [tese a confirmar]. Taylor se opõe a Aristóteles onde faz da articulação dos bens tarefa de cada época e de cada pessoa, e não de uma natureza dada [hipótese do estudo].

O Catecismo diz: “Cada pilar tem um princípio, uma virtude e uma prática” (Catecismo, 6). O valor da pessoa é “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”). O Tratado das Águas Comuns trata a raiz cristã do personalismo de Mounier “como material, não como doutrina” (“Fundamentação”), e a decisão n.º 4 de 23 de outubro sobre o Estudo IX separa a pessoa e a história em registros distintos. Por isso a pergunta por bens que se articulam fica ao lado, e não dentro, do que a Lux é [leitura do estudo].

Os elementos do cânon em jogo são a Lux, a Bússola, o Abrigo e as Águas Comuns. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3) se a virtude do Pilar, tal como o Catecismo a descreve, pode ser lida ao lado da virtude como qualidade de prática e de tradição em MacIntyre sem que a Lux, anterior a qualquer conquista, entre na articulação dos bens de Taylor, e se esse limite entra como fronteira das Águas Comuns. Com Taylor a lista termina; o capítulo 7 reúne as perguntas.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

Aristóteles entra no Lumen Fluens pelo exercício e pela amizade. O estudo toma dele a descrição mais exata que a série já ouviu de como uma virtude se faz no tempo: “tornamo-nos justos praticando atos justos” (*Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3) [V-gr; V-pt], e o mesmo mecanismo corta para os dois lados, porque pelas mesmas causas a virtude se gera e se destrói (ver 3.2). O cânon tem quatro práticas, uma por Pilar, diz da Disponibilidade que “se treina movendo” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”; ver 3.2) e avisa, da rotina, que “pode virar prisão sem grades” (ver 3.2). A semelhança é de mecanismo, e o dito é do estudo: em Aristóteles a repetição forma, e no cânon o gesto repetido pode prender e o treino mover [leitura do estudo]. Ela termina no ofício da prática. Em Aristóteles a prática faz a disposição; no cânon a prática “não é condição de existência da luz, mas condição de sua visibilidade para quem a carrega” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”; ver 3.2) [leitura do estudo].

Onde nos tocamos, o toque é de forma (capítulo 3): a virtude que se vive e as Virtudes dos Pilares; o aprender fazendo (*Ética* II, 1, 1103a31–b25; ver 2.3) e as práticas; o amigo como outro si e o Abrigo; o amigo no infortúnio e a Vigília; a equidade e a Regra da Misericórdia; a prudência do particular e a pergunta da Bússola; o animal político e as Águas Comuns; o ócio e o sabbath do fluxo. Em cada um, a forma é comum e a coisa diverge: a presença do amigo alivia e a Vigília devolve um lugar, mas Aristóteles fala de quem tem amigos e a Vigília diz “ninguém” (3.4); a equidade corrige a lei da cidade e a Misericórdia corrige o ânimo de quem falhou consigo (3.5); o prudente vê o particular e a Bússola pergunta se a luz está lá, sem dizer o que fazer (3.6).

Onde nos separamos, a separação tem duas naturezas (capítulo 4). Aristóteles gradua pessoas ou atividades em três lugares: a felicidade pela atividade de uma vida inteira, “uma andorinha não faz verão” (*Ética* I, 7, 1098a16–20; ver 4.1) [V-gr; V-pt]; as vidas por graus, a contemplativa à frente (4.6); e, na *Política*, o homem pela faculdade deliberativa, no escravo por natureza e na mulher (4.7). Em outros três lugares distingue sem graduar pessoas: a virtude pela mediania (4.3), a amizade pela bondade e pela semelhança (4.4), o dano por três lugares (4.5). O cânon põe o valor antes de toda graduação: “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”; ver 4.1), “não sujeita a ranking” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 4.6). A fronteira do escravo está declarada em 4.7: a tese de Aristóteles não entra no cânon nem é lida ao lado dele, e o estudo não conhece letra do cânon que admita que alguém tenha menos luz por nascimento, por sexo ou por condição.

Diante das casas que a série já visitou (capítulo 5), o que se repete é que cada uma recebe de Aristóteles uma forma — a virtude, a *praxis*, a *phronesis*, a substância — e

decide o que fazer com o fim; e que nenhuma leva o Aristóteles inteiro: a Stoa a *Ética*, Tomás a *Ética* e o *Da alma*, Hegel a *Metafísica*, Heidegger a *Física*, Arendt a *Política* (5.9) [inferência do estudo]. Disso o estudo tirou um método: o toque do cânon com o Aristóteles da virtude, do hábito e da amizade e o toque com o da alma, do tempo e do motor não são o mesmo toque, e foram medidos em seções separadas.

O segundo toque é o mais frágil: a alma como forma do corpo é uma terceira voz que o cânon não toma, porque a decisão n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X já disse "Só templo" (2.9, 5.6); o tempo que Aristóteles diz "antes condição de destruição que de geração" (*Física* IV, 12, 221a30–b3; ver 2.10) [V-en; tradução do estudo] não é o rio que retoma a folha; e o motor que move como o amado e o intelecto "como a luz" são nomes que o estudo não toma como nome da Luz (4.8), e a decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X só tratou do Bem de Platão.

7.2 A fórmula

Daí a fórmula que o estudo propõe ao fundador, e que só ele pode adotar: **o Lumen Fluens aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida.** Aceita o exercício, no sentido de 3.2: a prática do cânon treina e move, a Disponibilidade "se treina movendo", e a prática é "condição de sua visibilidade" — a da luz — "para quem a carrega" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"; ver 3.2) [leitura do estudo]. O que o cânon já diz de seu, "Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la" (Tratado da Luz Interior, "O problema que responde"; ver 4.2), e o que o fundador disse a propósito de Ricoeur, "o esforço parte da luz" (decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX), dizem de onde o esforço parte. Que o esforço seja o exercício de Aristóteles é o que (ag) pergunta [hipótese do estudo]; a decisão n.º 2 não o diz, e o estudo não diz que o hábito forma a Lux.

Recusa a medida: nenhuma atividade, vida ou natureza mede o valor de uma pessoa, porque "cada luz é intrínseca" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"); e o fundador já separou posição e valor a propósito do Abrigo: a assimetria é "de posição, não de valor" (decisão n.º 5 de 19 de outubro de 2026; ver 4.4) [leitura do estudo]. "Medida" nomeia aqui o que gradua pessoas — a felicidade que pede uma vida inteira e a sorte (4.1), as vidas em graus (4.6), o escravo por natureza (4.7) —, e não a mediania (*mesotes*), que é a definição da virtude, que o cânon não tem e que o estudo não propõe recusar (4.3) [leitura do estudo]. A fórmula não diz que Aristóteles meça pessoas onde ele distingue sem graduar: diz que o cânon não mede pessoas por nenhuma das três coisas em que ele as gradua.

A fórmula tem uma condição, a questão (ag). O exercício tem a sua base na prática do cânon (3.2) e fica de qualquer modo; o que (ag) decide é se a palavra de Aristóteles para o que a prática faz, o hábito, serve à letra (4.2). Se o fundador disser que as Virtudes dos Pilares são hábitos, a letra ganha essa teoria e o valor continua fora dela; se disser que não, a prática continua e fica sem teoria, e o Tratado, que só tem a de Tomás, a única "análoga",

é o que resta (4.2) [leitura do estudo]. O corolário é do estudo, e não da fórmula: o estudo declara em 4.7 que a tese do escravo por natureza e da mulher não entra no cânon; que essa fronteira conste como fronteira da série, ou só deste estudo, é a questão (al), e a adoção da fórmula não a responde. A decisão é do fundador. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 1, 2 e 7): a fórmula está adotada; as Virtudes dos Pilares são hábitos, com o valor fora delas; a fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série.]

7.3 Questões abertas

O estudo entrega ao fundador um só inventário: onze perguntas que o cânon, tal como está, não responde. Três são herdadas — (g), (j) e (k); as de (a) a (f), (h), (i), (l) a (z) e (aa) a (af) foram decididas em 17, 19 e 23 de outubro de 2026 e não voltam, e não existe a letra (r). Oito nasceram deste estudo — (ag) a (an); duas delas levam dentro uma herdada: (ak) leva (g), e (al) toca (k) sem a forçar. As letras seguem o plano, não a ordem das seções. Nenhuma Questão aberta recomenda uma resposta: diz o que cada resposta custa, e as respostas possíveis estão no capítulo 4.

Sobre a virtude. (ag) As Virtudes dos Pilares são hábitos no sentido de Aristóteles, adquiridas pela prática, sem que o valor da pessoa dependa delas (4.2)? É a pergunta que o Estudo IX fez em nome de Aristóteles e remeteu a (u), e que a letra de (u) e a decisão n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo IX, sobre a "capacidade" de Ricoeur, não cobrem; a fórmula de 7.2 depende desta. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 2): sim, são hábitos no sentido de Aristóteles, e o valor da pessoa fica fora deles.] (ah) O hábito que encobre, do Tratado, e o hábito que forma, de Aristóteles, são duas palavras ou uma, e o cânon admite um hábito que revela (4.2)? O Estudo X anotou que os dois "não são o mesmo" e deixou a medida a este estudo, que a fez sem dizer que o hábito forma a Lux. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 3): duas palavras; o cânon admite um hábito que revela, e nenhum que forme a Lux.]

Sobre a escolha. (ai) A Bússola percebe o particular, como a prudência, ou só veta (4.3)? A decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X disse de onde vem o veto, "a própria Luz na pessoa, sem voz externa", e deu por respondida a herdada (i); a pergunta é o que o veto é, e não a reabre. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 4): a Bússola percebe o particular e veta.] (j), herdada — a Bússola vetaria o monte Moriá? —, não foi tocada por Aristóteles nas passagens que o estudo leu, e fica como estava.

Sobre o outro. (aj) O Abrigo pede reciprocidade em algum ponto, ou a amizade de Aristóteles fica toda nas Águas Comuns (4.4)? A decisão n.º 5 de 19 de outubro já fixou as Águas Comuns "assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio"; a pergunta é só se há um ponto do Abrigo em que a amizade de dois, que se ajudam face a face, tem lugar. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 5): a amizade fica toda nas Águas Comuns; o Abrigo não pede retorno.]

Sobre o dano. (ak) A tríade de *Ética* V, 8 — infortúnio, erro, injustiça — serve de grade ao tratado da justiça ao lado da dupla noite–lobo e do dano não querido (4.5)? Leva dentro a herdada (g), a justiça devida ao lobo, aberta até o tratado; as decisões n.º 9 de 23 de outubro sobre o Estudo IX e n.º 5 de 23 de outubro sobre o Estudo X nomearam Ricoeur, Levinas e a cura de Platão como material desse tratado, e Aristóteles só pode ser proposto. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 6): a tríade entra como material do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

Sobre a medida. (al) O estudo declara a fronteira dura do escravo por natureza e da mulher (4.7); o fundador quer que ela conste como fronteira da série, padrão para os clássicos, ou só deste estudo? A herdada (k), o mal estrutural, espera Marx e não é forçada aqui. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 7): fronteira da série, padrão para os clássicos.] (am) O sabbath do fluxo é contemplação (*theoria*) ou outra coisa, um não-ato (4.6)? As decisões n.º 2 e 4 de 23 de outubro sobre o Estudo X, graus de visão e não de valor, e ordenar objetos não é ranquear pessoas, foram tomadas sobre Platão; se graus de vida são graus de pessoa, a letra não responde. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 8): o sabbath do fluxo é um não-ato, sem graus de vida.]

Sobre o nome. (an) A comparação do intelecto agente com a luz pode ser tomada como estrutura, ao lado da Luz sem nome, como a decisão n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo X leu o sol, sem que o intelecto, o motor ou o divino em nós seja nome da Luz (4.8)? [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 9): estrutura, nunca nome da Luz.]

Das onze, oito pediam a palavra do fundador — (ag) a (an) —, porque são perguntas que a leitura de Aristóteles faz diretamente ao cânon; a fórmula de 7.2 dependia de (ag) e tinha (al) por corolário, e as oito foram decididas em 31 de outubro de 2026 (decisões n.º 2 a 9 sobre o Estudo XI; ver o Prólogo). Uma herdada vai dentro delas, (g) em (ak), e segue aberta até o tratado da justiça, onde a tríade pode entrar (7.4); a equidade fica como material, sem pergunta (7.4). Ficam como estavam (j) e (k).

Três registros não são de doutrina e o estudo os faz à parte, sem letra: perguntas de procedimento, que o fundador responde se quiser. O capítulo 5 perguntou se a Ficha do Estudo VII, que não nomeia Aristóteles, alcança a *Bildung* de Hegel e a *hexis* ao mesmo título, por serem ambas “formadas” (5.3); se a distinção de Arendt entre o político e o social fica registrada junto às razões do nome “Águas Comuns”, ou espera o estudo dela (5.7); e o capítulo 6 perguntou pelos quatro autores que virão, sem letra (6.1 a 6.4). As Fichas dos Estudos II e III não mudam neste estudo: a Ficha II recebe Sócrates (decisão n.º 8 de 23 de outubro sobre o Estudo X) e a Ficha III tem a sua revisão anunciada (decisões n.º 10 de 19 de outubro e n.º 12 de 23 de outubro sobre o Estudo IX), e nenhuma das duas nomeia Aristóteles ou Tomás nas passagens que os Estudos citam. [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 10): a Ficha do Estudo VII alcança a hexis ao mesmo título

que a Bildung; a distinção de Arendt fica registrada desde já junto ao nome “Águas Comuns”; os quatro autores seguem sem letra.]

7.4 O que Aristóteles oferece

Ao tratado da justiça, que o estudo não escreve, Aristóteles oferece duas peças, como material e não como doutrina. A primeira é a tríade de *Ética* V, 8: o dano que vem contra o esperado é infortúnio; o que vem sem maldade, do agente, é erro; o que se faz sabendo, sem premeditação, é ato injusto; e só quem age por escolha é injusto e perverso (*Ética* V, 8, 1135b11–25; ver 4.5). O primeiro corte, princípio fora ou dentro do agente, fica perto do corte do cânon entre a noite e o lobo; o segundo separa, dentro do agente, o que o cânon põe junto, “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro; ver 4.5). O estudo propôs que o erro de Aristóteles é onde cai o dano que não se quis, que a decisão n.º 9 de 19 de outubro levou ao Examinar [hipótese do estudo]. A segunda peça é a equidade: “retificação do justo legal” (*Ética* V, 10, 1137b11–13; ver 3.5) [V-gr; V-en; tradução do estudo], a correção da lei no caso em que a sua generalidade falha. As decisões do fundador nomearam Ricoeur, Levinas e a cura de Platão como material do tratado, sem ordem escolhida; Aristóteles entra nessa lista só se o fundador o quiser (ak). [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 6): entra.]

À Regra de Vida oferece uma palavra que a letra não tem e de que a Meditação se aproxima: o exercício. O aprender fazendo (*Ética* II, 1; ver 2.3 e 3.2) diz, de fora, o que “se treina movendo” diz de dentro; se as quatro práticas são hábitos das Virtudes, a letra ganha uma teoria do que a prática faz, e o Tratado já tem a do que ela não faz: não dá o valor. O estudo não a escreve; pergunta (ag). [Decidida pelo fundador em 31/10/2026 (Estudo XI, n.º 2): as quatro práticas são hábitos das Virtudes; a letra ganha a teoria.]

Às Fichas oferece pouco, e o diz: a Ficha II recebeu Sócrates e a Ficha III tem a sua revisão, e o capítulo 5 não as reescreve (5.1, 5.2). O que oferece à série é o padrão do capítulo 5: as casas recebem dele a forma e decidem o fim, e nenhuma o leva inteiro. Com isso o estudo tem, diante de Aristóteles, o mesmo gesto que teve diante de Platão: ouvir sem se filiar, e medir em separado o que vem da ética e o que vem da alma, do tempo e do motor [inferência do estudo].

7.5 A lamparina

Aristóteles não tem lamparina; tem a luz com que compara o intelecto, a que faz das cores em potência cores em ato (*Da alma* III, 5, 430a; ver 2.9). A imagem do cânon é outra, e vale pôr as duas lado a lado para que não se confundam. A luz de Aristóteles é comparação de uma atividade, a de pensar; a lamparina do cânon é outra coisa, “a luz de cada um, entregue às águas de todos” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 4.4). O que Aristóteles ensina a quem a carrega é como se carrega: em atos repetidos, com os outros, no

caso concreto [leitura do estudo]. E o que o cânon responde a ele vem do Princípio, não da imagem: o valor de cada um é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (ver 4.1), e por isso ninguém a mede pela vida que levou, pela atividade que exerce ou pela natureza com que nasceu [leitura do estudo]. O estudo termina onde começou, no exercício e na medida, e deixa ao fundador a palavra — dada em 31 de outubro de 2026 (ver o Prólogo).

REFERÊNCIAS

A bibliografia distingue o que foi lido do que foi apenas nomeado. “Edição de consulta” é a edição em que uma passagem foi lida; “intermediário” é o leitor por cujas páginas uma passagem chegou ao estudo, quando a edição não foi aberta. O grego de Aristóteles foi conferido nos textos de Oxford (Oxford Classical Texts), lidos na Perseus Digital Library: Bywater para a *Ética a Nicômaco*; Ross para o *Da alma*, a *Física*, a *Política* e a *Metafísica* (para o *Da alma* e o *Da geração dos animais*, ver as Conferências pendentes, que registram o que a pesquisa de fontes do estudo declara sobre a edição e as colunas). O inglês à vista é o de Rackham, Smith, Hardie e Gaye, Tredennick e Jowett, entre outros nomeados abaixo. Nenhuma edição brasileira ou portuguesa de referência foi aberta por inteiro. O português da *Ética a Nicômaco* chega, quase sempre, pela tradução de Vallandro e Bornheim, feita do inglês de Ross, lida em digitalização com ruído e sem paginação conferida; a *Política* em português chega só por intermediários; a *Ética a Eudemo* foi lida em espanhol; a *Metafísica* de Reale e Perine foi lida por digitalização com ruído; do *Da alma* II, 1 há só um fragmento da tradução de Angioni; da *Física*, só o livro III, na tradução de Barbosa. Quando não há edição aberta nem intermediário, a tradução é do estudo, com o original nas Fontes de cada capítulo. O que falta completar leva a marca “a completar”; nada foi completado de memória, e as obras de intérpretes que o estudo só nomeia, sem abrir, levam a nota “obra não aberta” ou “[tese a confirmar]”.

Aristóteles — texto grego (Oxford Classical Texts, via Perseus)

1. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*. Ed. I. Bywater. Oxford Classical Texts, 1894. Lida na Perseus Digital Library. Edição de consulta de toda passagem grega da *Ética a Nicômaco* citada nos capítulos.
2. ARISTÓTELES. *Ética a Eudemo*. Ed. F. Susemihl. Leipzig: Teubner, 1884. Lida na Perseus Digital Library. Não é a edição Walzer–Mingay (Oxford Classical Texts); a numeração por Bekker pode divergir.
3. ARISTÓTELES. *Política* e *Retórica*. Ed. W. D. Ross (Oxford Classical Texts). [Ano e volume a completar.] Lidas na Perseus Digital Library. Edição de consulta de toda passagem grega da *Política* citada nos capítulos.
4. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. W. D. Ross. Oxford Classical Texts, 1924. Lida na Perseus Digital Library, que rotula o inglês de Tredennick, e não o de Ross, ao lado desse grego.
5. ARISTÓTELES. *Física*. Ed. W. D. Ross (Oxford Classical Texts). [Ano a completar.] Lida na Perseus Digital Library e nos arquivos First1KGreek.
6. ARISTÓTELES. *Da alma* e *Da geração dos animais*. Segundo a pesquisa de fontes do estudo, grego lido nos arquivos do First1KGreek (edição de Bekker, sem marcação de colunas); a Perseus não hospeda o texto grego do *Da alma*, e a consulta ao servidor do Scaife não respondeu. O Prólogo do estudo diz que as colunas de Bekker dessas duas obras não foram conferidas no grego de Ross. [Edição de

consulta exata a completar; ver as Conferências pendentes.] O grego politônico do *Da alma* está a recolar.

7. Perseus Digital Library (repositório PerseusDL/canonical-greekLit; First1KGreek). A localização é sempre por Bekker. As linhas da *Ética* e da *Metafísica* I foram interpoladas dos marcos de cinco em cinco linhas da Perseus e valem com margem de uma ou duas. [Data do download a completar.]

Aristóteles — traduções inglesas

1. ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. Trad. H. Rackham. Loeb Classical Library, 1926. Via Perseus. Inglês de consulta da *Ética a Nicômaco* (livros V, VIII, IX e XI, entre outros).
2. ARISTOTLE. *Eudemian Ethics*. Trad. H. Rackham. Loeb Classical Library, 1935. Via Perseus.
3. ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. Trad. W. D. Ross. MIT Classics (Internet Classics Archive). [Ano a completar.] Inglês de consulta de *Ética* I, 6.
4. ARISTOTLE. *Metaphysics*. Trad. W. D. Ross. MIT Classics. [Ano a completar.] Inglês de consulta de *Metafísica* IX, 6 e XII, 7 e 9 (“produces motion as being loved”, “thinking on thinking”).
5. ARISTOTLE. *Metaphysics*. Trad. Hugh Tredennick. Loeb Classical Library, 1933–1935. Via Perseus. Inglês de consulta de *Metafísica* I, 1–2.
6. ARISTOTLE. *On the Soul*. Trad. J. A. Smith. MIT Classics. [Ano a completar.] Inglês de consulta do *Da alma* II, 1, III, 4 e III, 5.
7. ARISTOTLE. *Physics*. Trad. R. P. Hardie e R. K. Gaye. MIT Classics. [Ano a completar.] Inglês de consulta da *Física* IV, 11–14.
8. ARISTOTLE. *Rhetoric*. Trad. J. H. Freese. Loeb Classical Library. [Ano a completar.] Via Perseus. Lida na pesquisa de fontes; nenhuma passagem entra nas Fontes dos capítulos.
9. ARISTOTLE. *Politics*. Trad. Benjamin Jowett. MIT Classics. [Ano a completar.] Inglês à vista, segundo o Prólogo; nenhuma passagem das Fontes dos capítulos é atribuída a ele.

Aristóteles — traduções em português e espanhol (edições de consulta e intermediários)

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 1991. Edição de consulta do português da *Ética*. Tradução indireta, feita do inglês de Ross; digitalização com ruído, só trechos limpos citados; paginação não conferida. Traduz *phronesis* por “sabedoria prática”, *akrasia* por “incontinência” e *mesotes* ora por “mediania”, ora por “meio-termo”.

Numera VI, 7 o trecho que a numeração de Bekker põe em VI, 8 (ver as Conferências pendentes).

2. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. Digitalização com ruído, só trechos limpos. Edição de consulta de *Metafísica* I, 1–2.
3. ARISTÓTELES. *Da alma* II (trechos). Trad. Lucas Angioni. Campinas: IFCH-Unicamp (Textos Didáticos 38), 1999, pp. 37–43 (II, 1, 412a3–413a10). Texto extraído de PDF em duas colunas, com ordem embaralhada: citado só em fragmento. Traduz *entelecheia* por “efetividade” e *energeia* por “atividade/atualidade”.
4. ARISTÓTELES. *Física* III, 1–3. Trad. Rafael Mello Barbosa. *Anais de Filosofia Clássica* 13 (25), 2019. Única parte da *Física* com português conferido; a *Física* IV e VIII não têm português aberto.
5. ARISTÓTELES. *Da alma* III, 5, 430a, em dissertação da PUC-Rio. [Autor, título e ano a completar.] Intermediário do português de «hos hexis tis, hoion to phos» e de III, 4, 429a13–29.
6. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*. Trad. Pallí Bonet [prenome a completar]. Gredos, 1985 (os dois tratados no mesmo volume). Edição de consulta em espanhol da *Ética a Eudemo* II, 1, 1219a38–39, por não haver edição portuguesa conferida.
7. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Marco Zingano. [Editora e ano a completar.] Não aberta. Uma versão de Zingano de *Ética* VIII, 2, 1156a8–9 (“recíproca e consciente”) é citada em ZINGANO, 2024, p. 4 (n.º 69).
8. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Castro Caeiro [prenome a completar]. Atlas, 2009; reed. Quetzal. [Dados a completar.] Não aberta. Passagens por BRUSCHI (2019, pp. 14, 16, 33–34), SOUSA (2024, pp. 124–125 da ed. Atlas) e PEREIRA (2016, p. 197 da ed. Quetzal).
9. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Gama Kury. Brasília: Ed. UnB. [Ano e obra exata a completar: a pesquisa de fontes registra a edição, e o capítulo 1 cita “Política, Gama Kury, via Silva”.] Não aberta. *Política* I, 2, 1253a1–3 (“animal político”, “um animal ou um deus”) por SILVA (2025, p. 33), com possível adaptação, a conferir.
10. ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Campelo Amaral e Carvalho Gomes [prenomes a completar]. Vega, 1998. Não aberta. *Política* I, 5, 1254b20 (“participa da razão”) por VAHL (2016, p. 181).
11. ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Não aberta. Por BRUSCHI (2019).

12. HÖFFE, Otfried. *Aristóteles*. Trad. Pich [prenome a completar]. Artmed, 2008, p. 218. Não aberta. Tradução de *Política* III, 9, 1280b36–39 (“a decisão de viver um com o outro”) por BRUSCHI (2019).
13. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, edição espanhola (Gredos, 1995). Não aberta. É a de que CENCI e DALBOSCO (2024) traduzem *Ética* IX; as citações da *Ética* nesse artigo não valem como [V-pt].
14. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* V, 10, 1137b30–32, versão de HOBUSS (2010, pp. 165–166). Português lido dentro do artigo de Hobuss.

A tradição — intérpretes, em ordem alfabética

1. ANGIONI, Lucas. Comentador de lógica, ciência e *Metafísica* de Aristóteles (Unicamp). [Dados editoriais a completar.] Além do fragmento do *Da alma* II (n.º 19), nenhuma obra sua foi aberta; o estudo não lhe atribui tese sobre felicidade ou virtude.
2. ANNAS, Julia. “Plato and Aristotle on friendship and altruism”. *Mind* 86 (1977). [De memória, a confirmar; obra não aberta; tese a confirmar.]
3. AUBENQUE, Pierre. *La prudence chez Aristote*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. [Dados editoriais a completar; obra não aberta; tese a confirmar: a *phronesis* como saber do contingente.] — *Le problème de l’être chez Aristote* (1962). [Lido por GERBASI, resenha, dado a conferir; obra não aberta.]
4. BERTI, Enrico. *Aristotele: dalla dialettica alla filosofia prima*; *As razões de Aristóteles*. [Dados editoriais a completar; obras não abertas; tese a confirmar: o primeiro motor como conclusão da *Física* e objeto da filosofia primeira.]
5. BODÉÜS, Richard. [Título a completar], 2009, p. 89. [Obra não aberta; por BORÇIN (n.º 36).]
6. BORÇIN [prenome a completar]. “Rethinking Natural Slavery in Aristotle”. *Aither* 32 (2024), pp. 42–70. [Lido por inteiro. Intermediário de Frank, Bodéüs, Schofield, Lear e Garnsey, abaixo.]
7. BROADIE, Sarah. *Ethics with Aristotle*. Oxford University Press, 1991. — Com C. ROWE, *Aristotle: Nicomachean Ethics*. Oxford University Press, 2002. [Obras não abertas; dados conferidos pela *Stanford Encyclopedia*. Tese a confirmar: vida prática e contemplativa em I e X; fim dominante e inclusivo.]
8. BRUSCHI [prenome a completar]. [Título a completar], 2019. [Intermediário de Castro Caeiro (pp. 14, 16, 33–34), de Leal Ferreira e de Höffe.]
9. CENCI [prenome a completar]; DALBOSCO [prenome a completar]. [Título a completar]. *Educação Unisinos* 28 (2024), doi 10.4013/edu.2024.281.07. [Lido. Sobre Zingano, Ricoeur, Gadamer e Whiting; traduzem *Ética* IX do espanhol

(Gredos). Intermediário de Zingano, *Estudos de ética antiga* (Discurso, 2007, pp. 463–483), de Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (Martins Fontes, 2014, 7.º estudo, pp. 202 e 205) e de Nussbaum (2009, p. 318, referência incompleta).]

10. CONNELL [prenome a completar]. "'Nous alone enters from outside'". *Journal of Ancient Philosophy* 15/2 (2021), pp. 109–138. [Lido só por intermediário; tese a confirmar: as leituras dualistas descontextualizam a frase de *Da geração dos animais* II, 3, 736b. Edição grega de *GA*: Drossaart Lulofs, segundo Connell. Platt e Peck não foram recolhidos.]
11. COOPER, John M. *Reason and Human Good in Aristotle*. [Hackett, 1986; edição anterior de 1975, a confirmar.] — *Reason and Emotion*. Princeton University Press, 1999. — "Aristotle on the forms of friendship". *Review of Metaphysics* 30 (1977), pp. 619–648. — "Aristotle on friendship". Em RORTY (org.), *Essays on Aristotle's Ethics* (1980), pp. 301–340 [de memória]. [Obras não abertas; tese a confirmar.]
12. FRANK [prenome a completar]. [Título a completar]. *American Political Science Review* 98/1 (2004), pp. 91–104. [Por BORÇIN; obra não aberta.]
13. GARNSEY, Peter. [Título a completar], 1996, p. 113. [Por BORÇIN; obra não aberta.]
14. GERBASI [prenome a completar]. Resenha de Aubenque. [Dados a conferir.]
15. HARDIE, W. F. R. *Aristotle's Ethical Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1968; 2.ª ed., 1980. [Título e 1.ª edição a confirmar.] — "The Final Good in Aristotle's Ethics". *Philosophy* 40 (1965). [Dados a confirmar.] [Obras não abertas; tese a confirmar: a distinção entre leitura dominante e inclusiva do fim. A *Stanford Encyclopedia* lista Hardie 1980 e 1978.]
16. HEATH, Malcolm. "Aristotle on natural slavery". *Phronesis* 53/3 (2008), pp. 243–270. [Lido em preprint.]
17. HOBUSS [prenome a completar]. "*Epieikeia* e particularismo na ética de Aristóteles". *ethic@* 9/2 (2010), pp. 163–174. [Lido por inteiro.]
18. IRWIN, Terence. *Aristotle's First Principles*. Oxford University Press, 1988. — Tradução comentada da *Ética a Nicômaco*. Hackett, 1985/1999 [dados a confirmar]. [Obras não abertas; tese a confirmar; página a confirmar. Irwin também chega por ZINGANO (2024).]
19. JAEGER, Werner. *Aristotle: Fundamentals of the History of His Development*. Oxford: Clarendon Press, 2.ª ed., 1948 (1.ª ed. em inglês, 1934). [Dados conferidos pela *Stanford Encyclopedia* e pela *Internet Encyclopedia*; obra não aberta.]
20. KENNY, Anthony. *The Aristotelian Ethics* (1978); *Aristotle's Theory of the Will* (1979); *Aristotle on the Perfect Life* (1992). — Edição e tradução da *Ética a Eudemo*. Oxford World's Classics, 2011. [Títulos de 1978 e 1979 a confirmar; obras

não abertas; tese a confirmar: ordem e autoria dos livros comuns EN V–VII / EE IV–VI.] — ROWE, C. [Título a completar], 1971. [Pela *Stanford Encyclopedia*.]

21. KRAUT, Richard. “Aristotle’s Ethics”. *Stanford Encyclopedia of Philosophy* [data de revisão a completar]. [Lido por seção: método, bem humano, amizade (o argumento do “outro eu” de IX, 9).] — *Aristotle on the Human Good*. Princeton University Press, 1989. — “Two Conceptions of Happiness”. *Philosophical Review* 88/2 (1979), pp. 167–197. — “The Peculiar Function of Human Beings”. *Canadian Journal of Philosophy* 9/3 (1979), pp. 53–62. [Obras não abertas; dados da *Stanford Encyclopedia*; tese a confirmar.]
22. LEAR, Jonathan. *Aristotle: The Desire to Understand*, 1988. [Dados editoriais a completar; obra não aberta; tese a confirmar. Lear também chega por BORÇIN, a propósito do escravo natural.]
23. LOPES [prenome a completar]. [Título a completar]. *Journal of Ancient Philosophy* 14/1 (2020). [Intermediário de MacIntyre, *Dependent Rational Animals*.]
24. MILLER, Fred. “Aristotle’s Political Theory”. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2022. [Lido.] — *Nature, Justice, and Rights in Aristotle’s Politics*, 1995. [Dados a completar; obra não aberta; tese a confirmar.]
25. MÜLLER [prenome a completar]. [Título a completar]. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 28. [Intermediário de Arendt, *Homens em tempos sombrios*, pp. 35–36.]
26. NOVAES [prenome a completar]. [Título a completar]. *Analytica* 7/1 (2003), p. 99. [Lido; sobre Agostinho.]
27. NUSSBAUM, Martha C. *The Fragility of Goodness*, 1986. [Título e dados a confirmar; cap. 8–9 e 11–12 conforme a *Stanford Encyclopedia*.] Em português, *A fragilidade da bondade*, cap. 12 (“relational goods”), com a p. 318 da edição de 2009 citada por Cenci e Dalbosco, referência incompleta. [Obra não aberta; tese a confirmar; página a confirmar.] — NUSSBAUM, Martha C.; RORTY, Amélie (orgs.). *Essays on Aristotle’s De Anima*, 1992. [Obra não aberta; tese a confirmar.]
28. PEREIRA, Américo. “Da erótica passional ao amor oblativo: a amizade segundo Aristóteles”. *Synesis* 8/1 (2016), pp. 15–34. [Lido o resumo; tese a confirmar no texto. Intermediário de Castro Caeiro, p. 197 da ed. Quetzal.]
29. REALE, Giovanni. *Introdução a Aristóteles*; *História da filosofia antiga*. [Dados editoriais a completar; obras não abertas; tese a confirmar: Λ7–9 como o ápice da *Metafísica*.]
30. ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I. Gulbenkian, 12.ª ed., 2017. [Existência da obra confirmada; capítulo sobre Aristóteles e página não identificados; tese a confirmar.]

31. ROSS, W. D. *Aristotle*. 1923. [Dados editoriais a completar; obra não aberta; tese a confirmar: o motor como causa final.] Ross como editor e tradutor, ver os n.º 3 a 5, 10 e 11.
32. SCHOFIELD, Malcolm. [Título a completar], 1999. [Por BORÇIN; obra não aberta.]
33. SHIELDS, Christopher. *Aristotle*. Routledge, 2.ª ed., 2014. [Dados conferidos pela *Stanford Encyclopedia*; obra não aberta; tese a confirmar: o hilemorfismo nem dualismo nem materialismo.] Shields 2012a e 2024 sobre método e metafísica da ética: títulos a completar.
34. SILVA [prenome a completar]. [Título a completar], 2025, p. 33. [Intermediário de Gama Kury, *Política* I, 2, 1253a1–3.]
35. SMITH, Nicholas. "Aristotle's theory of natural slavery". Em KEYT; MILLER (orgs.), *A Companion to Aristotle's Politics*. Blackwell, 1991. [Por BORÇIN; obra não aberta; tese a confirmar.]
36. SOUSA [prenome a completar]. [Título a completar], 2024, pp. 124–125. [Intermediário de Castro Caeiro (Atlas).]
37. VAHL [prenome a completar]. [Título a completar]. *Controvérsia* 12/3 (2016), pp. 178–187. [Intermediário de Campelo Amaral e Carvalho Gomes (Vega, 1998).]
38. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, "Aristotle" (§1 e §12), e *Internet Encyclopedia of Philosophy*, "Aristotle". [Lidas; fontes da biografia. Autores e datas de revisão a completar.] Diógenes Laércio, *Vidas* V, 1; 5; 9; 10 chega só por elas; fonte de confiabilidade questionada (IEP).
39. ZINGANO, Marco. "Prazeres falsos, boas amizades". *Archai* 34 (2024), e03412, pp. 1–19. [Lido por inteiro.] — *Estudos de ética antiga*. Discurso, 2007, pp. 463–483 [por Cenci e Dalbosco]. — "Akrasia and the Method of Ethics". Em BOBONICH; DESTRÉE (orgs.), *Akrasia in Greek Philosophy*. Brill, 2007, pp. 167–192. — "Aristotle and the Problems of Method in Ethics". *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 32 (2007), pp. 297–330. [Estes dois, dados conferidos pela *Stanford Encyclopedia*; obras não abertas; tese a confirmar.]

As casas e os autores que virão

1. SÊNECA. *Cartas a Lucílio* 6, 6, por intermédio do Estudo X, 4.1 (Gummere, Loeb, 1917, via Wikisource; em inglês; latim não aberto; páginas do Loeb a confirmar). — *Cartas a Lucílio* 85. Trad. R. M. Gummere. Loeb, via Wikisource [conferir]. — *Da ira* I, 3, 9 e 17. Trad. Stewart. Bohn, via Gutenberg (*Minor Dialogues*). [Localização exata por livro e capítulo a conferir: o arquivo traz só "XI/XVII" por capítulo.]

2. EPICTETO. *Diatribes* I, 9, 1. Trad. Long (Perseus). [Ano e prenome do tradutor a completar.] Citado no Estudo X; nenhuma passagem de Epicteto foi recolhida para o Estudo XI.
3. TOMÁS DE AQUINO. *Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1, corpo do artigo, e q. 49, a. 1. Latim: Textus Leoninus, Corpus Thomisticum. Inglês: Padres dominicanos ingleses (*Summa Theologica*), via New Advent. [I, q. 2 e q. 44 não foram lidas. O "Filósofo" em q. 49, a. 1 cita *Metafísica* V, texto 25, segundo o inglês.]
4. AGOSTINHO. *Confissões* IV, 16 (28). Trad. J. G. Pilkington, via New Advent (inclusive o título do capítulo, que é da edição e não palavra de Agostinho). — *Confissões*, trad. Mammì [prenome e edição a completar], VIII, 5, 10; VIII, 9, 21; X, 29, 40, e IV, 16, 28 por AYOUB (2018). [O capítulo 5 marca VIII, 9, 21, VIII, 5, 10 e X, 29, 40 como [V-pt]; se a leitura foi direta ou por intermediário, a completar.] — *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo et al. [edição a completar], VII, 10, 16 e XI, 26, 33. — *Cidade de Deus* IX, 4, 3 (latim; tradução do estudo); XIV, 28, trad. Dias Pereira, vol. II [edição a completar]. — *O mestre* (*De magistro*) XI, 38 (latim; tradução do estudo). — *Sobre a graça e o livre-arbítrio* 6, 15 (latim; tradução do estudo). — *Enquirídio* 27. Trad. Shaw. — *Sobre a correção e a graça* 13, 39. Trad. Holmes e Wallis, rev. Warfield. — *Carta* 185, 6, 24. Trad. King. [As três últimas em inglês; o latim das citações entre aspas vem da pesquisa de fontes do capítulo 5, edição de base não identificada.] — AYOUB [prenome a completar]. [Título a completar], 2018. — BROWN [prenome a completar]. [Título a completar]. *Journal of Roman Studies* 54 (1964). — RIST [prenome a completar]. *Augustine: Ancient Thought Baptized*, 1994. [Os dois últimos: tese a confirmar.] — *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, "Augustine of Hippo", rev. 2024 [biografia].
5. HEGEL. *Lições sobre a história da filosofia*, "Aristóteles". Trad. Haldane (e Simson), 1894, via marxists.org. [Em inglês; sem as páginas do alemão (*Werke* 19), a confirmar. "Mestres do gênero humano" por intermédio do Estudo X, 4.3.] — *Enciclopédia das ciências filosóficas*, §577 (fecho com *Metafísica* XII, 7, 1072b18–30). [Citação grega não conferida; o arquivo da *Philosophy of Mind* (Gutenberg) traz a *Enciclopédia* III, e a passagem não foi achada; tradutor e ano a completar; tese a confirmar.]
6. HEIDEGGER. *Ser e tempo* §6 (SZ 26) e §81 (SZ 424–426). Trad. Stambaugh e Schmidt (§6) e Macquarrie e Robinson (§6 e §81), via beyng.com. — *Os problemas fundamentais da fenomenologia* (GA 24) §19. Trad. A. Hofstadter. Indiana University Press, 1982, p. 240 do arquivo. [Alemão não conferido; as notas do §81 não foram recolhidas; o corpo do §81 conferido não nomeia Aristóteles.]
7. KIERKEGAARD. *Migalhas filosóficas*, "Interlúdio", nota. Trad. D. Swenson, via Religion Online. [Texto de nota do Interlúdio, não do texto principal.] — *O conceito*

de ironia: só por UTTERBACK (ver o Estudo X); a obra não foi aberta.

8. JASPERS, Karl. *Os grandes filósofos*, vol. I, trad. Manheim, 1962: só pela resenha de QUIGLEY (*The Washington Sunday Star*, 28/3/1962), por intermédio do Estudo X, 4.4. — *Filosofia* (1932): por RICOEUR, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, p. 596 (paráfrase; localização a confirmar). — *Origem e meta da história* ("tempo-eixo"): não conferido.
9. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*, pp. 33 e 46 (por intermédio do Estudo VIII, 4.2) e p. 284 (Estudo VIII, 4.7). [Edição e tradutor a completar; nenhuma passagem em que Levinas leia Aristóteles foi recolhida; "animal político" e *conatus* em Levinas: tese a confirmar.] — ZHANG, Huaiyuan. *Human Studies* 49 (2026), pp. 453–467, sobre *Totalidade e Infinito*, p. 72.
10. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, p. 320 (por intermédio do Estudo IX, 5.2 e 1.4); edição de Martins Fontes, 2014, 7.º estudo, pp. 202 e 205 (por Cenci e Dalbosco, n.º 39). — *O justo*, edição espanhola, p. 14. — "Ética e moral" (1989), "ninguém decide sozinho", "uma *phronesis* a vários" (página a confirmar; tese a confirmar). — *Tempo e narrativa* I, p. 41 (por intermédio do Estudo IX, 5.3; página do impresso a confirmar). [Dados editoriais das edições espanholas a completar; passagens conforme o Estudo IX; páginas não reabertas.]
11. BUBER, Martin. *Between Man and Man*, "What Is Man?", cap. 2, p. 129. Trad. Ronald Gregor Smith. Beacon Press. [Página a confirmar: o OCR do arquivo traz "r29". A tese não aparece em *Eu e Tu*.]
12. ARENDT, Hannah. *A condição humana*, §4, pp. 23–25. University of Chicago Press, 1958. [Em inglês; página a confirmar.] Em português, trad. Roberto Raposo (Forense), trecho reproduzido em PDF de blog, página não confirmada. — *Homens em tempos sombrios*. Trad. Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1991, pp. 35–36 (por MÜLLER, n.º 55). — "Thinking and Moral Considerations" (1971), por intermédio do Estudo X, 5.3 (paráfrase; localização a confirmar). — *A vida do espírito*, pp. 351 e 357, lidas em obra secundária não registrada (tese a confirmar). — Natalidade e *Cidade de Deus* XII, 20, 4: por intermédio do Estudo VII, 5.4 (tese a confirmar).
13. MARCEL, Gabriel. *Ser e ter* (1935). [Paráfrase; localização a confirmar; por intermédio do Estudo IX, 5.5 e do Estudo X, 5.4; nenhuma passagem em que Marcel leia Aristóteles foi aberta.]
14. TAYLOR, Charles. "A política do reconhecimento", p. 41, por intermédio do Estudo VII, 3.1. — *As fontes do si* (*Sources of the Self*, 1989). [Obra não aberta, sem texto aberto; a resenha de MacIntyre (n.º 84) não traz a palavra "Aristóteles" na parte extraída; tese a confirmar.]

15. MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue*. University of Notre Dame Press, 1981; 2.ª ed., 1984. [Em português, *Depois da virtude*; dados editoriais a confirmar; obra não verificada; tese a confirmar: a virtude, as práticas, a vida narrada e a tradição.] — *Dependent Rational Animals*. Open Court, 1999 (por LOPES, n.º 53). — Resenha de *Sources of the Self*. *Philosophy and Phenomenological Research* 54/1 (1994), pp. 187–190 [relida; sem letra sobre Aristóteles].

O cânon e os escritos

1. *Cânon do Lumen Fluens*, v1.2 (texto publicado), citado por seção: “Os Quatro Pilares” (I a IV; “Princípio”, “Virtude”, “Prática”), “Origem”, “A Arquitetura”, “Regra de Vida”, “A Vigília”, “O Abrigo”, “As Águas Comuns”, “A Bússola”, “A Regra da Misericórdia”, “Independência confessional”, Parte III (“A trilha dos escritos”). A Antífona, parte do cânon, não é interpretada.
2. *Tratado da Luz Interior*, por seção (“Definição”, “O problema que responde”, “Fundamentação”, “Objeção provável e resposta breve”, “Síntese”).
3. *Tratado da Vigília*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”, “Síntese”).
4. *Tratado das Águas Comuns*, por seção (“Definição”, “Fundamentação”).
5. *Disputatio: A luz interior é compatível com a experiência do mal?*, por parte (3, “Respondeo”; 4, “Ad secundum” e “Ad tertium”).
6. *Catecismo*, pelo número da pergunta (6, 7, 15, 16 e 24).
7. *Meditações Práticas*, pelo título da meditação (“A mudança deliberada da semana”, “O sabbath do fluxo”, “A Regra da Misericórdia”).
8. *Estudo Comparado VII: Lumen Fluens e Hegel*, versão integral, por seção. [Data de publicação no site a completar.]
9. *Estudo Comparado VIII: Lumen Fluens e Levinas*, versão integral, por seção. [Data de publicação no site a completar.]
10. *Estudo Comparado IX: Lumen Fluens e Ricoeur*, versão integral, por seção. [Data de publicação no site a completar.]
11. *Estudo Comparado X: Lumen Fluens e Platão*, versão integral, por seção. [Data de publicação no site a completar.]
12. *Decisões do fundador*, 17 de outubro de 2026, n.º 1 a 7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII.
13. *Decisões do fundador*, 19 de outubro de 2026, n.º 1 a 12, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII.
14. *Decisões do fundador*, 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 1 a 13, numeradas como no Prólogo do Estudo IX.

15. *Decisões do fundador*, 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, n.º 1 a 10, numeradas como no Prólogo do Estudo X. [Os arquivos de decisões e os Prólogos divergem em palavras em algumas decisões de 19/10 e de 23/10 sobre o X; cita-se o arquivo.]
16. Fichas dos Estudos I a VII (resumos de estudo, não cânon), nas versões publicadas; citadas por intermédio dos Estudos VII a X.

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

Aristóteles

1. Prólogo · *Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a31–b25 · “tornamo-nos justos praticando atos justos” · ver 1.3 · [V-gr; V-pt]
2. Prólogo · *Ética a Nicômaco* IX, 4, 1166a29–32 · “outro si mesmo” (*allos autos*) · ver 1.7 · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
3. Prólogo · *Ética a Nicômaco* I, 7, 1098a16–20; I, 10, 1100a10–12 · a felicidade como atividade; ver o fim, como diz Sólon · ver 1.2 e 3.1 · [V-gr; V-pt]
4. Prólogo · *Ética a Nicômaco* X, 7–8 · a vida contemplativa, a mais feliz · ver 1.8 e 3.6 · [V-gr; V-pt]
5. Prólogo · *Política* I, 4, 1254a14–17; I, 13, 1260a10–14 · o escravo por natureza; a faculdade deliberativa · ver 1.11 e 3.7 · [V-gr; tradução do estudo]
6. Prólogo · *Metafísica* XII, 7, 1072b3 · “produz movimento sendo amada” · ver 1.10 · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
7. Prólogo · *Da alma* III, 5, 430a · o intelecto “como a luz” · ver 1.9 · [V-gr; V-pt via secundária]
8. Prólogo · *Ética a Nicômaco* I, 6, 1096a23–29 · o bem “tem tantos sentidos quanto ‘ser’” · ver 1.2 e 2.1 · [V-en; tradução do estudo]
9. Prólogo · *Da geração dos animais* II, 3, 736b · o intelecto “de fora” · ver 1.9 · [V-en via secundária; tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela.”
2. Prólogo · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro” · ver 4.7

11a. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual” · ver 2.3

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Origem” · “O eterno dança no tempo”
2. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking”; “Uma pessoa dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira”
3. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · a prática como “condição de sua visibilidade para quem a carrega”; “por hábito” · ver 2.2 e 3.2
4. Prólogo · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · a Disponibilidade “se treina movendo” · ver 2.2
5. Prólogo · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 2 e n.º 11 · “A Lux é valor; a capacidade é poder”; a ordem dos clássicos

6. Prólogo · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, n.º 3 e n.º 6 · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”; “Só templo: o corpo não encobre a luz”
7. Prólogo · Estudo IX, 5.2 e 3.1; Estudo X, 5.1 · as prévias de Aristóteles; a leitura “que o sono, a doença, o esquecimento e o fracasso não tocam”

Capítulo 1 — Aristóteles em sua melhor forma

Aristóteles

1. 1.2 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro/Bornheim, I, 1, 1094a1–4; I, 2, 1094a19–23; I, 4, 1095a18–21 · “um bem qualquer”; “inútil e vão”; “o ser feliz” · [V-gr; V-pt]
2. 1.2 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, I, 7, 1097b25–1098a8; 1098a16–20 · “atividade da alma”; “uma andorinha” · [V-gr; V-pt]
3. 1.2 · *Ética a Eudemo*, Pallí Bonet, II, 1, 1219a38–39 · «la actividad de una vida perfecta en concordancia con la virtud perfecta» · [V-gr; V-en; V-es; tradução do estudo]
4. 1.2 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, I, 5, 1095b32–1096a2; I, 8, 1098b32–1099a3 · “quem está dormindo”; “a atividade virtuosa, não” · [V-gr; V-pt]
5. 1.2 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, I, 8, 1099a31–33; I, 10, 1100a10–12; 1100b30–36 · “empana a felicidade”; “ver o fim”; “nobreza de um homem” · [V-gr; V-pt]
6. 1.2 · *Ética*, I, 9, 1099b9–11; 1099b14–20 · a origem da felicidade · [paráfrase]
7. 1.2 · *Ética*, Ross, I, 6, 1096a23–29 · “tantos sentidos quanto ‘ser’” · [V-en; tradução do estudo]
8. 1.3 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, II, 1, 1103a17–26; 1103a31–b25 · “pelo hábito”; “aprendemo-las fazendo” · [V-gr; V-pt]
9. 1.3 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, II, 4, 1105a31–b12; II, 6, 1106b36–1107a2; 1107a6–15 · “em primeiro lugar”; «ἕξις προαιρετική»; “meio-termo” · [V-gr; V-pt]
10. 1.3 · *Ética*, II, 1, 1103a14–16; 1103b6–7; II, 4, 1105b12–18; IV, 3, 1123b2–3 · hábito, vício, prática, magnanimidade · [paráfrase]
11. 1.4 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, III, 1, 1109b30–1111a24 · “o voluntário parece ser aquilo” · [V-gr; V-pt]
12. 1.4 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, III, 3, 1112b12–15; 1113a11–13; III, 4, 1113a29–33 · “meios”; “desejo deliberado”; “norma e medida” · [V-gr; V-pt]
13. 1.4 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, III, 5, 1113b6–1114a10 · “depende o não agir” · [V-gr; V-pt]; III, 2, 1111b26–30; III, 5, 1114a12–21 [paráfrase]
14. 1.5 · *Ética*, Bywater, V, 1–2, 1129b25–1130a10; V, 8, 1135b11–25; V, 10, 1137b11–24 · “virtude inteira”; “infortúnio”; «ἐπανόρθωμα νομίμου δικαίου» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
15. 1.5 · *Ética*, Bywater, V, 3, 1131a15–26; V, 4, 1132a1–8; V, 8, 1135b25–29 · “meio e igual”; “injustiça aparente” · [V-gr; tradução do estudo]
16. 1.5 · *Ética*, V, 10, 1137b30–32, versão de Hobuss, 2010, pp. 165–166 · “forma da pedra” · [V-pt via secundária]
17. 1.6 · *Ética*, VI (disposições do pensamento) · [paráfrase; localização a confirmar]; VI, 4–5, 1140a1–b7; VII, 3, 1147b9–17 · [paráfrase]
18. 1.6 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, VI, 5, 1140a26–b6; VI, 8 (na edição, VI, 7), 1141b15–17; VI, 13, 1144b28–32; VII, 2, 1145b25–29 · “deliberar bem”; “particulares”; “virtude moral”;

“fatos observados” · [V-gr; V-pt]

19. 1.7 · *Ética*, Bywater, VIII, 1, 1155a3–6; VIII, 3, 1156b7–32; IX, 4, 1166a29–32; IX, 11, 1171a27–30 · “com virtude”; “famoso sal”; «ἔστι γὰρ ὁ φίλος ἄλλος αὐτός»; “se aliviam” · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
20. 1.7 · *Ética*, Bywater, VIII, 1, 1155a22–28; VIII, 3, 1156a10–19; VIII, 8, 1159a27–33; VIII, 7, 1158b33–1159a12; IX, 9, 1169b16–19; 1170b10–14 · “justiça”; “um bem”; “amar”; “amigos”; “conviver”; “rebanhos” · [V-gr; tradução do estudo]; VIII, 7, 1158b11–33 [paráfrase]
21. 1.7 · *Ética*, VIII, 2, 1156a8–9, versão de Zingano, 2024, p. 4 · “recíproca e consciente” · [V-pt via secundária]
22. 1.8 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, X, 6, 1176b36–1177a3; X, 7, 1177a12–18; 1177b4–6 · “não é um fim”; “momentos de ócio” · [V-gr; V-pt]
23. 1.8 · *Ética*, Vallandro/Bornheim, X, 7, 1177b26–34; X, 8, 1178b8–24; 1178a9–10; 1179a3–5; X, 9, 1179b29–31 · “imortais”; “contemplativa”; “em segundo lugar”; “afinidade com a virtude” · [V-gr; V-pt]
24. 1.8 · *Metafísica*, Reale/Perine, I, 1, 980a21–22; I, 2, 982b11–19 · “tendem ao saber”; “admiração” · [V-gr; V-en; V-pt]
25. 1.9 · *Da alma*, Smith, II, 1, 412a; 413a; III, 5, 430a · “primeiro grau de efetividade”; “marinheiro”; “imortal e eterno” · [V-en; tradução do estudo]; II, 1, 412b; III, 4, 429b–430a [V-en; paráfrase]
26. 1.9 · *Da alma*, Angioni, 1999, II, 1, 412a · “efetividade primeira de corpo” · [V-pt]
27. 1.9 · *Da alma*, dissertação da PUC-Rio (autor e ano a confirmar), III, 5, 430a · «hos hexis tis, hoion to phos»; “sem mistura” · [V-pt via secundária]
28. 1.9 · *Da geração dos animais*, via Connell, 2021, II, 3, 736b · “entrar de fora” · [V via secundária; tradução do estudo; tese a confirmar]
29. 1.10 · *Física*, Barbosa, 2019, III, 1, 201a10–13 · “ato do ente em potência” · [V-gr; V-pt]
30. 1.10 · *Física*, Hardie/Gaye, IV, 11, 219b1–2; *Metafísica*, Ross, XII, 7, 1072b3; XII, 9, 1074b33–35 · “número do movimento”; «kinei hos eromenon»; “pensamento do pensamento” · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
31. 1.10 · *Metafísica*, Ross, IX, 6, 1048b33–35; XII, 7, 1072b26–28; *Física*, Hardie/Gaye, IV, 12, 221a30–b3; IV, 13, 222b16–19 · “chamo ato”; “Deus é esse ato”; “destruição”; “remove o que é” · [V-en; tradução do estudo]
32. 1.10 · *Física*, Hardie/Gaye, IV, 14, 223a21–29 · sem alma que conte · [paráfrase]; VIII, 9 (fecho) · motor imóvel · [V-en; paráfrase; localização a confirmar]
33. 1.11 · *Política*, Ross, I, 2, 1252b27–1253a1; 1253a7–18; III, 9, 1280a31–34; 1280b29–1281a4 · “viver bem”; “casa e cidade”; “conviver é amizade” · [V-gr; tradução do estudo]
34. 1.11 · *Política*, Gama Kury, via Silva, 2025, p. 33, I, 2, 1253a1–3; Vega, via Vahl, 2016, p. 181, I, 5, 1254b20 · “animal político”; “participa da razão” · [V-gr; V-pt via secundária]
35. 1.11 · *Ética*, Bywater, I, 2, 1094b7–10; VIII, 11, 1161b1–8 · “maior e mais perfeito”; “enquanto homem, há” · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
36. 1.11 · *Política*, Ross, I, 3, 1253b18–23; I, 4, 1254a14–17; I, 5, 1255a1–3; I, 6, 1255b4–15 · “é violento”; “escravo por natureza”; “senhor e escravo” · [V-gr; tradução do estudo]; I, 5–6, 1254b27–1255a3 [paráfrase]
37. 1.11 · *Política*, Ross, I, 12, 1259b1–4; I, 13, 1260a10–14; 1260b3–8 · “mais apto a mandar”; “sem autoridade”; “advertir os escravos” · [V-gr; tradução do estudo]

A tradição

1. 1.1, 1.2 · Diógenes Laércio, *Vidas* V, 1; 5; 9, por *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, “Aristotle”, §1 e §12, e *Internet Encyclopedia of Philosophy*, “Aristotle” · biografia; ‘happiness’, ‘flourishing’, ‘living well’ · [V via secundária]
2. 1.1–1.6 · Kenny e Rowe; Nussbaum, *The Fragility of Goodness*, 1986; Kraut, por *Stanford*, “Aristotle’s Ethics”; Aubenque, *La prudence chez Aristote*, Paris: PUF, 1963 · ordem das Éticas; fragilidade; mediania; saber do contingente · [tese a confirmar]
3. 1.5 · Hobuss, “*Epieikeia* e particularismo na ética de Aristóteles”, *ethic@* 9(2), 2010, pp. 163–174 · a equidade corrige a lei sem abolir a regra · [V via secundária]
4. 1.7 · Zingano, “Prazeres falsos, boas amizades”, *Archai* 34 (2024), e03412, pp. 1–19; Kraut, por *Stanford*, “Aristotle’s Ethics” · as três amizades; o “outro eu” de IX, 9 · [V via secundária]
5. 1.8–1.10 · Hardie [data e título a confirmar]; Cooper, *Reason and Human Good in Aristotle*; Broadie, *Ethics with Aristotle*, Oxford, 1991; Ross; Shields, *Aristotle*, 2.ª ed., 2014; Nussbaum e Rorty (orgs.), *Essays on Aristotle’s De Anima*, 1992; Tomás de Aquino; Averróis; Berti; Reale · leituras dominante e inclusiva; alma; intelecto; motor · [tese a confirmar]
6. 1.9 · Connell, “‘Nous alone enters from outside’”, *Journal of Ancient Philosophy* 15(2), 2021, pp. 109–138 · as leituras dualistas descontextualizam a frase · [V via secundária; tese a confirmar]
7. 1.11 · Frank, *American Political Science Review* 98(1), 2004; Bodéüs, 2009; Schofield, 1999; Lear, 1988; Garnsey, 1996; Borçin, “Rethinking Natural Slavery in Aristotle”, *Aither* 32 (2024), pp. 42–70; Miller, *Stanford*, “Aristotle’s Political Theory” · o escravo natural; a mulher · [V via secundária]

O cânon e os escritos

1. Abertura · Decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “Platão (Estudo X), Aristóteles, Agostinho”
2. 1.12 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A Lux é valor; a capacidade é poder.”
3. 1.12 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
4. 1.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática” · “manter a alma flexível”

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

Aristóteles

1. 2.1 · *Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a17–26 · “adquirida em resultado do hábito” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
2. 2.1 e 2.6 · *Ética* II, 6, 1106b36–1107a2 · “uma disposição de caráter relacionada com a escolha”; “princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática” · «ἔστιν ἄρα ἡ ἀρετὴ ἕξις προαιρετική» · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
3. 2.1 · *Ética* II, 4, 1105a31–b12 · “proceder de um caráter firme e imutável” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]

4. 2.1 · *Ética* IV, 3, 1123b2–3 · “com razão se considera digno de grandes coisas” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
5. 2.2 · *Ética* II, 1, 1103a31–b25 · “tornamo-nos justos praticando atos justos”; “desde a nossa juventude” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
6. 2.2 · *Ética* II, 1, 1103b6–7 · pelas mesmas causas e meios a virtude se gera e se destrói · [paráfrase]
7. 2.3 · *Ética* IX, 4, 1166a29–32; Rackham, Loeb · “outro si mesmo” · «ἔστι γὰρ ὁ φίλος ἄλλος αὐτός» · [V-gr; V-en: Rackham; tradução do estudo]
8. 2.3 · *Ética* VIII, 2, 1155b31 · “se deve querer o bem por causa dele” · [V-gr; tradução do estudo]
9. 2.3 · *Ética* IX, 9, 1170b10–14 · “pastar no mesmo lugar” · [V-gr; tradução do estudo]
10. 2.3 · *Ética* VIII, 7, 1158b33–1159a12 · “pois já não seriam amigos” · [V-gr; tradução do estudo]
11. 2.4 · *Ética* IX, 11, 1171a27–30; Rackham, Loeb · “a própria presença dos amigos é agradável”; “os que sofrem se aliviam quando os amigos sofrem com eles” · [V-gr; V-en: Rackham; tradução do estudo]
12. 2.4 · *Ética* IX, 11, 1171b5–12 · os de natureza varonil evitam afligir os amigos com a própria dor · [paráfrase]
13. 2.4 · *Ética* IX, 11, 1171b20 (aprox.) · ir de bom grado, sem ser chamado, aos que estão em desgraça é mais nobre e mais agradável para os dois · [paráfrase; localização a confirmar]
14. 2.5 · *Ética* V, 10, 1137b11–13; Rackham, Loeb · “o equitativo é justo, mas não o justo segundo a lei: é retificação do justo legal” · [V-gr; V-en: Rackham; tradução do estudo]
15. 2.5 · *Ética* V, 10, 1137b20–24 · a omissão se corrige como o próprio legislador faria se estivesse presente · [paráfrase]
16. 2.5 · *Ética* V, 10, 1137b17–19 · a falha está na natureza da matéria prática, não na lei nem no legislador · [paráfrase]
17. 2.5 · *Ética* V, 10, 1137b34–1138a3 · “essa disposição é a equidade, uma espécie de justiça” · [V-gr; tradução do estudo]
18. 2.6 · *Ética* VI, 8, 1141b15–17; Vallandro e Bornheim numera livro VI, cap. 7 · “reconhecer os particulares” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim; V-en]
19. 2.6 · *Ética* VI, 5, 1140a26–b6 · “deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
20. 2.6 · *Ética* VI, 8, 1142a23–30 · a *phronesis* percebe o último termo da ação · [paráfrase; localização a confirmar]
21. 2.6 · *Ética* III, 4, 1113a29–33 · “norma e medida” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
22. 2.7 · *Política* I, 2, 1253a1–3; Gama Kury, via Silva, 2025, p. 33 · “por natureza um animal político”; “um animal ou um deus” · [V-pt via secundária: Silva, sobre Gama Kury; possível adaptação, conferir]
23. 2.7 · *Ética* IX, 9, 1169b16–19 · “político e feito para conviver” · [V-gr; tradução do estudo]
24. 2.7 · *Ética* VIII, 1, 1155a22–28 · “parece manter unidas as cidades” · [V-gr; tradução do estudo]
25. 2.7 · *Ética* V, 5, 1132b33–34 · “pela retribuição proporcional” · [V-gr; tradução do estudo]
26. 2.8 · *Ética* X, 7, 1177b4–6 · “trabalhamos para poder ter momentos de ócio” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]

27. 2.8 · *Ética* X, 6, 1176b36–1177a3 · “relaxação, por conseguinte, não é um fim” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
28. 2.8 · *Ética* X, 7, 1177a12–18 · “do que existe de melhor em nós” · [V-gr; V-pt: Vallandro e Bornheim]
29. 2.8 · *Ética* X, 7, 1177b6–26 · a atividade do intelecto se faz no ócio e por si · [paráfrase; localização a confirmar]
30. 2.8 · *Metafísica* I, 2, 982b24–28; Reale e Perine, Loyola, 2002, livro I, cap. 2 · “não a buscamos por nenhuma vantagem que lhe seja estranha” · [V-pt: Reale e Perine; V-en: Tredennick]

A tradição

1. 2.1 · Terence Irwin, *Aristotle’s First Principles* (1988) · a *eudaimonia* como o fim que organiza as virtudes · [tese a confirmar; página a confirmar]
2. 2.2 · Alasdair MacIntyre, *After Virtue* (1981) · a virtude como qualidade que sustenta práticas e uma vida narrada · [tese a confirmar]
3. 2.3 · Marco Zingano, “Prazeres falsos, boas amizades”, *Archai* 34 (2024) · a amizade como benevolência prática, recíproca e consciente · [paráfrase]
4. 2.3 · Paul Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (Martins Fontes, 2014), 7.º estudo, p. 205, via Cenci e Dalbosco, *Educação Unisinos* 28 (2024) · “carência ou falta ligada à própria relação do si com sua própria existência” · [V-pt via secundária: Cenci e Dalbosco]
5. 2.4 · Martha Nussbaum, *A fragilidade da bondade*, cap. 12 · os bens relacionais tornam a vida boa vulnerável · [tese a confirmar; página a confirmar]
6. 2.6 · Pierre Aubenque, *La prudence chez Aristote* (1963) · a *phronesis* como saber do contingente · [tese a confirmar; página a confirmar]
7. 2.8 · W. F. R. Hardie, *Aristotle’s Ethical Theory* (1968) · a oposição entre leitura dominante e inclusiva do fim · [tese a confirmar; título a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “Integridade: coerência entre o que se […]”
2. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Virtude” · “Humildade grata: reconhecer-se pequeno no rio […]”
3. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude” · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo […]”
4. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Virtude” · “Presença: estar inteiro onde o corpo está”
5. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “a virtude aperfeiçoa o que já […]”
6. 2.1 e 2.2 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A Lux não se conquista; o […]”
7. 2.1 e 2.2 · Catecismo, 6 · “um princípio, uma virtude e uma prática”
8. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas […]”
9. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Prática” · “Antes de decisões importantes, perguntar […]”

10. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Prática” · “Uma vez por semana, mudar deliberadamente algo pequeno […] para manter a alma flexível”
11. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Prática” · “Um momento diário de celebração física plena […]”
12. 2.2 · Catecismo, 16 · “O que se exercita é a disponibilidade”
13. 2.2 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “a disponibilidade se treina movendo”; “como quem exercita um músculo que […]”; “pode virar prisão sem grades”
14. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “A prática, portanto, não é condição de existência da luz […]”
15. 2.3 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só […]”
16. 2.3 e 2.7 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 · “o olhar do outro não a […]”; “A luz é dada antes de […]”
17. 2.3 · decisão n.º 3 de 19/10/2026 · “o Abrigo revela e nada exige”
18. 2.3 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual […]”
19. 2.3 · decisão n.º 4 de 19/10/2026 · “ser casa para o outro nunca […]”
20. 2.3 e 2.7 · decisão n.º 5 de 19/10/2026 · “assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio”; “no nós, a reciprocidade entra com […]”
21. 2.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória […]”; “A noite é o mal que ninguém causou […]”; “não se vela: resiste-se”
22. 2.4 · Tratado da Vigília, “Definição” · “não dissipa a noite, devolve a […]”
23. 2.4 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” (a propósito de Jó) · “presença antes da fala”; “Depois falam, de culpa […]”
24. 2.4 · decisão n.º 2 de 19/10/2026 · “A Vigília nasce da luz de […]”
25. 2.5 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz […] ele a retoma”
26. 2.5 · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “[…] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo”
27. 2.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação (trimestral)” · “Ajustar a regra se necessário — […]”
28. 2.5 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “falar a quem falhou consigo mesmo […]”
29. 2.5 · Disputatio, 4, “Ad tertium” · “ela nunca falou do mal cometido contra outrem […]”
30. 2.5 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “a Regra da Misericórdia continua reflexiva”
31. 2.5 · decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “As peças de Ricoeur e de […]”
32. 2.5 · decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “A cura de Platão é material […]”
33. 2.6 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Diante de qualquer caminho […] não vou”; “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém […]”
34. 2.6 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha”
35. 2.6 · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a […]”
36. 2.7 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado […]”; “A margem também é rio”
37. 2.7 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que […]”

38. 2.7 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” (a propósito de Arendt) · “não é programa político”
39. 2.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “O sabbath do fluxo. Meio dia sem produzir nada […]”
40. 2.8 · Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo” · “sair do modo de produção e […]”; “Parar, aqui, é um ato de […]”
41. 2.8 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “A Lux admite graus de visão […]”
42. 2.1 · Estudo IX, 5.2 · a *Ética* mede a honra pelo mérito (IV, 3, 1123b) e o cânon diz o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · [paráfrase; localização a confirmar]
43. 2.2 · Estudo X, 5.1 · “O Estudo XI terá de medir o hábito que forma contra o que encobre, sem que se diga que o hábito forma a Lux”
44. 2.5 · Estudo VII, 6.3, questão (g), herdada · “A Vigília diz que ao lobo se deve justiça […]”
45. 2.7 · Estudo VII, 6.3, questão (k), herdada · “Quando o mal é estrutural […] o lobo tem ‘alguém’?”

Capítulo 3 — Onde nos separamos

Aristóteles

1. 3.1 · *Ética a Nicômaco* I, 7, 1098a16–20, Vallandro/Bornheim · “uma atividade da alma”; “uma andorinha não faz verão” · [V-gr; V-pt]
2. 3.1 · *Ética* I, 5, 1095b32–1096a2, Vallandro/Bornheim · “quem está dormindo” · [V-gr; V-pt]
3. 3.1 · *Ética* I, 8, 1098b32–1099a3, Vallandro/Bornheim · “sem produzir nenhum bom resultado” · [V-gr; V-pt]
4. 3.1 · *Ética* I, 10, 1100a10–12, Vallandro/Bornheim · “ver o fim, como diz Sólon” · [V-gr; V-pt]
5. 3.1 · *Ética* I, 10, 1100b30–36, Vallandro/Bornheim · “tornar-se desgraçado” · [V-gr; V-pt]
6. 3.1 · *Ética* I, 10, 1101a6–8 · Príamo · [paráfrase; localização a confirmar]
7. 3.1 · *Da alma* II, 1, 412a, Smith · “knowledge possessed but not employed” · [V-en; tradução do estudo]
8. 3.2 · *Ética* II, 1, 1103a17–26, Vallandro/Bornheim · “adquirida em resultado do hábito” · [V-gr; V-pt]
9. 3.2 · *Ética* II, 1, 1103a31–b25, Vallandro/Bornheim · “praticando atos justos” · [V-gr; V-pt]
10. 3.2 · *Ética* II, 4, 1105a31–b12, Vallandro/Bornheim · “firme e imutável” · [V-gr; V-pt]
11. 3.3 · *Ética* II, 6, 1106b36–1107a2, Vallandro/Bornheim · “consistente numa mediania” · [V-gr; V-pt]
12. 3.3 · *Ética* II, 6, 1107a6–15, Vallandro/Bornheim · “unicamente o erro” · [V-gr; V-pt]
13. 3.3 · *Ética* VI, 8, 1141b15–17, Vallandro/Bornheim · “reconhecer os particulares” · [V-gr; V-pt]
14. 3.4 · *Ética* VIII, 2, 1155b31 · “por causa dele” · [V-gr; tradução do estudo]
15. 3.4 · *Ética* VIII, 2, 1156a8–9, via Zingano, *Archai* 34, 2024 · “recíproca e consciente” · [V-pt via secundária]

16. 3.4 · *Ética* VIII, 3, 1156b7–12 · “bons e semelhantes na virtude” · [V-gr; tradução do estudo]
17. 3.4 · *Ética* VIII, 7, 1158b33–1159a12 · “já não serão amigos” · [V-gr; tradução do estudo]
18. 3.4 · *Ética* VIII, 8, 1159a27–33 · “amar que em ser amado” · [V-gr; tradução do estudo]
19. 3.5 · *Ética* III, 1, 1109b30–1111a24, Vallandro/Bornheim · “perdão e às vezes piedade” · [V-gr; V-pt]
20. 3.5 · *Ética* V, 8, 1135b11–25, Rackham · infortúnio, erro, ato injusto · [V-gr; V-en; paráfrase]
21. 3.6 · *Ética* X, 7, 1177a12–18, Vallandro/Bornheim · “de melhor em nós” · [V-gr; V-pt]
22. 3.6 · *Ética* X, 7, 1177b4–6, Vallandro/Bornheim · “momentos de ócio” · [V-gr; V-pt]
23. 3.6 · *Ética* X, 8, 1178a9–10, Vallandro/Bornheim · “em segundo lugar” · [V-gr; V-pt]
24. 3.6 · *Política* VII, 3, 1325a31–34 · “uma ação” · [V-gr; tradução do estudo]
25. 3.6 · *Política* VII, 3, 1325b14–23 · reflexões autotélicas como ação · [V-gr; paráfrase]
26. 3.7 · *Política* I, 3, 1253b18–23 · “só por lei” · [V-gr; tradução do estudo]
27. 3.7 · *Política* I, 4, 1253b32 · “um bem vivo” · [V-gr; tradução do estudo]
28. 3.7 · *Política* I, 4, 1254a14–17 · “a si mesmo, mas a outro” · [V-gr; tradução do estudo]
29. 3.7 · *Política* I, 12, 1259b1–4 · o macho mais apto a mandar · [V-gr; paráfrase]
30. 3.7 · *Política* I, 13, 1260a10–14 · “faculdade deliberativa” · [V-gr; tradução do estudo]
31. 3.7 · *Política* I, 13, 1260b3–8 · escravos privados de *logos* · [V-gr; paráfrase]
32. 3.7 · *Ética* VIII, 11, 1161b1–8, Rackham · “enquanto homem” · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
33. 3.8 · *Ética* I, 6, 1096a23–29, Ross · “tantos sentidos quanto ‘ser’” · [V-en; tradução do estudo]
34. 3.8 · *Da alma* III, 5, 430a, via dissertação da PUC-Rio [autor e ano a confirmar] · «hos hexis tis, hoion to phos» · [V-gr; V-pt via secundária]
35. 3.8 · *Da geração dos animais* II, 3, 736b, via Connell, 2021 · «thyrathen» · [V-en via secundária; tradução do estudo; tese a confirmar]
36. 3.8 · *Metafísica* XII, 7, 1072b3, Ross · “sendo amada” · «kinei hos eromenon» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
37. 3.8 · *Metafísica* XII, 9, 1074b33–35, Ross · «noesis noeseos» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]

A tradição

1. 3.1 · Hardie [título e data a confirmar]; Cooper, 1986 · fim dominante e inclusivo · [tese a confirmar]
2. 3.1 · Kraut, 1989 · vida bem vivida · [tese a confirmar]
3. 3.1 · Nussbaum, 1986 [título a confirmar] · fragilidade da vida boa · [tese a confirmar]
4. 3.2 · Tomás de Aquino, *Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1 · hábito e potência racional · [paráfrase]
5. 3.3 · Aubenque, *La prudence chez Aristote*, 1963 · saber do contingente · [tese a confirmar]
6. 3.3 · Nussbaum, 1986 · o homem de bem vê o particular · [tese a confirmar]
7. 3.4 · Zingano, *Archai* 34, 2024 · benevolência recíproca e consciente · [V-pt via secundária]

8. 3.6 · Broadie, 1991 · vida prática e contemplativa · [tese a confirmar]
9. 3.7 · Borçin, *Aither* 32, 2024, pp. 42–70 · duas leituras e uma terceira · [V via secundária]
10. 3.7 · Miller, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2022 · deliberação afirmada sem evidência · [V via secundária]
11. 3.8 · Ross, *Aristotle*, 1923 · motor como causa final · [tese a confirmar]
12. 3.8 · Tomás de Aquino · intelecto agente, potência de cada alma · [tese a confirmar]
13. 3.8 · Tomás, Hegel, Brentano, Berti · limite da teologia aristotélica · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “intrínseco […] ela se revela”
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “permanece pessoa inteira” (a propósito de Tomás)
3. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Acender supõe ausência prévia”
4. 3.1 · Decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · “A Lux é valor; a capacidade é poder”
5. 3.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “Viver bem é manter a luz acesa”
6. 3.1 · Decisão n.º 2 de 17 de outubro de 2026 · “não precisa do fim para valer”
7. 3.1 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “ninguém ficará sem luz dentro da noite”
8. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por hábito”; “aperfeiçoa o que já existe”
9. 3.2 · Decisão n.º 6 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
10. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz”
11. 3.2 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “se treina movendo”
12. 3.2 · Catecismo, 6 · “um princípio, uma virtude e uma prática”
13. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “Integridade: coerência”
14. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude” · “prontidão interior para o novo”
15. 3.2 · Catecismo, 16 · “pequena de propósito”
16. 3.2 · Estudo X, 5.1 · “não são o mesmo”
17. 3.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá?”; “apenas veta”
18. 3.3 · Catecismo, 24 · “sempre de quem caminha”
19. 3.3 · Disputatio, 4, “Ad secundum” · “quem escolhe caminho”
20. 3.3 · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · o elemento “a escolha”
21. 3.3 · Decisão n.º 7 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “a própria Luz na pessoa”
22. 3.4 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “braços onde o cansado descansa”
23. 3.4 · Decisão n.º 5 de 19 de outubro de 2026 · “assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio”
24. 3.4 · Decisão n.º 4 de 19 de outubro de 2026 · “não vai até a substituição”

74a. 3.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a lamparina posta no rio: a luz de cada um, entregue às águas de todos”

1. 3.4 · Estudo IX, 5.2 · “pede um tu e proporção” · [leitura do estudo]
2. 3.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”; “o acaso que desaba”

3. 3.5 · Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro de 2026 · “com ou sem intenção”
4. 3.5 · Decisão n.º 9 de 19 de outubro de 2026 · “entra no Examinar”
5. 3.5 · Decisão n.º 10 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · “passa pelo ato, não pela pessoa”
6. 3.5 · Decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · perdão da vítima ao lobo
7. 3.5 · Tratado da Vigília, “Síntese” · “fica para um tratado dedicado”
8. 3.6 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “não sujeita a ranking”
9. 3.6 · Decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “graus de visão, nunca de valor”
10. 3.6 · Decisão n.º 4 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “não é ranquear pessoas”
11. 3.6 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “Só ser.”
12. 3.6 · Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo” · “um ato de humildade grata”
13. 3.7 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “não é feito daquilo que ela produz”
14. 3.8 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “o nome que cada um lhe dê”
15. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “a estrutura”
16. 3.8 · Decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura”
17. 3.8 · Decisão n.º 6 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · “ao lado da Luz sem nome”
18. 3.8 · Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos” · “Agostinho, Tomás, Heráclito”

Capítulo 4 — Aristóteles e as casas que já visitamos

Aristóteles

1. 4.1 · *Ética a Nicômaco* II, 6, 1106b36–1107a2; Vallandro/Bornheim, 1991 (tradução indireta; paginação não conferida); grego de Bywater · “relativa a nós” · «τῇ πρὸς ἡμᾶς» · [V-gr; V-pt]
2. 4.1 · *Ética a Nicômaco* I, 8, 1099a31–33; Vallandro/Bornheim, 1991 · a falta de bens exteriores empana a felicidade · [V-gr; V-pt; paráfrase]
3. 4.2 · *Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a17–26; Vallandro/Bornheim, 1991; grego de Bywater · “adquirida em resultado do hábito” · «ἐξ ἔθους περιγίνεται» · [V-gr; V-pt]
4. 4.3 · *Metafísica* XII, 7, 1072b3; Ross · “move como amado” · «kinei hos eromenon» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
5. 4.3 · *Metafísica* XII, 9, 1074b33–35; Ross · o pensamento divino é pensamento do pensamento · [V-gr; V-en; paráfrase]
6. 4.4 · *Física* IV, 11, 219b1–2; Hardie e Gaye · “número do movimento segundo o antes e o depois” · «arithmos kineseos kata to proteron kai hysteron» · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
7. 4.4 · *Física* IV, 13, 222b16–19; Hardie e Gaye · o tempo é antes causa de decadência que de geração · [V-en; paráfrase]
8. 4.5 · *Ética a Nicômaco* IX, 4, 1166a29–32, e IX, 9, 1170b5–7 · o amigo como outro si · [V-gr; paráfrase]

9. 4.5 · *Ética a Nicômaco* VI, 8, 1141b15–17; Vallandro/Bornheim, 1991 (a edição numera VI, 7); grego de Bywater · “reconhecer os particulares” · «τὰ καθ’ ἕκαστα γνωρίζειν» · [V-gr; V-pt]
10. 4.6 · *Ética a Nicômaco* I, 6, 1096a23–29; Ross · o bem se diz de muitos modos · [V-gr; V-en; paráfrase]
11. 4.6 · *Da alma* II, 1, 412a (só a coluna); Angioni, 1999 (fragmento) · “efetividade primeira de corpo” · [V-pt]
12. 4.6 · *Metafísica* I, 9 · objeções às Formas · [paráfrase; localização a confirmar]
13. 4.9 · *Ética a Nicômaco* VI, 5, 1140a26–b6; Vallandro/Bornheim, 1991 · a *phronesis* como capacidade de agir com razão no que é bom e mau para o homem · [V-gr; V-pt; paráfrase]

A tradição

1. 4.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio* 6, 6, via Estudo X, 4.1 · “Platão, Aristóteles e toda a multidão de sábios […] tiraram mais proveito do caráter” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]
2. 4.1 · Sêneca, *Da ira* I, 9; Stewart, Bohn · “A ira, diz Aristóteles, é necessária […] não como general, mas como soldado” · [V-en; tradução do estudo; localização a confirmar]
3. 4.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio* 85; Gummere, Loeb · “não se torna pior piloto, quanto à sua arte […]” · [V-en; tradução do estudo]
4. 4.1 · A física e a lógica da Stoa em relação com o Liceu; nenhuma passagem recolhida · [tese a confirmar]
5. 4.2 · Tomás de Aquino, *Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1, corpo do artigo; Corpus Thomisticum; Padres dominicanos, New Advent · “denota uma certa perfeição de uma potência”; “portanto as virtudes humanas são hábitos” · «virtus nominat quandam potentiae perfectionem» · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
6. 4.2 · Agostinho, *Confissões* IV, 16 (28); Pilkington · “um livro de Aristóteles, intitulado *As dez categorias*” · [V-en; tradução do estudo]
7. 4.2 · Agostinho, *Confissões* IV, 16; título do capítulo na edição New Advent, não palavra de Agostinho · “muito facilmente, mas sem verdadeiro fruto” · [V-en; tradução do estudo]
8. 4.3 · Hegel, *Lições sobre a história da filosofia*, “Aristóteles”; Haldane · “um dos mais ricos e profundos de todos os gênios científicos” · [V-en; tradução do estudo]
9. 4.3 · Hegel, *Lições sobre a história da filosofia*; Haldane e Simson, via Estudo X, 4.3 · “mestres do gênero humano” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.3]
10. 4.3 · Hegel, *Enciclopédia das ciências filosóficas*, §577 (fecho com *Metafísica* XII, 7, 1072b18–30); citação grega não conferida · [tese a confirmar]
11. 4.4 · Heidegger, *Ser e tempo* §6 (p. 26 do original); Stambaugh e Schmidt · “a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós” · [V-en; tradução do estudo]
12. 4.4 · Heidegger, *Os problemas fundamentais da fenomenologia* §19; Hofstadter · “Aristóteles não está tão errado” · [V-en; tradução do estudo]
13. 4.4 · Heidegger, *Ser e tempo* §81 (pp. 424–426 do original); Macquarrie e Robinson · “Por que dizemos que o tempo passa […]?” · [V-en; tradução do estudo]
14. 4.4 · Kierkegaard, *Migalhas filosóficas*, “Interlúdio”, nota; Swenson · “as duas espécies de possibilidade em relação ao necessário” · [V-en; tradução do estudo]
15. 4.4 · Heidegger leitor da *Ética*; Jaspers; nenhuma passagem recolhida · [tese a confirmar]

16. 4.5 · Levinas, *Totalidade e infinito*, pp. 33 e 46, via Estudo VIII, 4.2 · “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder” · [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2]
17. 4.5 · Levinas, *Totalidade e infinito*, p. 284, via Estudo VIII, 4.7 · “A moral não é um ramo da filosofia, mas a filosofia primeira” · [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.7]
18. 4.5 · Levinas e Aristóteles (“animal político”, *conatus*); Berti sobre o primeiro motor; nenhuma letra recolhida · [tese a confirmar]
19. 4.5 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, p. 320, via Estudo IX, 5.2 · “conciliar a *phronesis* de Aristóteles […]” · [V-es via secundária: Estudo IX, 5.2]
20. 4.5 · Ricoeur, *O justo*, edição espanhola, p. 14, via Estudo IX, 5.2 · “o outro segundo a amizade é o tu” · [V-es via secundária: Estudo IX, 5.2]
21. 4.5 · Ricoeur, “Ética e moral” (1989), via Estudo IX, 5.2 · “ninguém decide sozinho”; “uma *phronesis* a vários” · página a confirmar · [V via secundária: Estudo IX, 5.2; tese a confirmar]
22. 4.7 · Buber, *Between Man and Man* (“What Is Man?”), p. 129; Ronald Gregor Smith, Beacon Press · “O homem aristotélico se espanta […]” · página a confirmar · [V-en; tradução do estudo]
23. 4.7 · Buber, mesmo ensaio, sobre Tomás; Ronald Gregor Smith · “como que sempre na terceira pessoa” · [V-en; tradução do estudo]
24. 4.7 · Arendt, *A condição humana*, §4, pp. 23–25; University of Chicago Press · “parece justificar plenamente a tradução antiga”; “ação (*praxis*) e fala […]” · página a confirmar · [V-en; tradução do estudo]
25. 4.8 · Aproximações entre Aristóteles e o budismo (impermanência), o vedanta (*Brahman*) e o taoísmo (o não agir); nenhuma letra recolhida · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Ficha do Estudo II, via Estudo X, 4.1 · “tribunal lá, misericórdia aqui”; “Apatheia vs. celebração” · [Ficha, não cânon]
2. 4.1 · decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II”
3. 4.1 · Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos” · “(Agostinho, Tomás, Heráclito, estoicos, personalismo)”
4. 4.1 · Catecismo, 16 · “A prática da Mutatio é pequena de propósito”
5. 4.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “Distinção análoga à que Tomás faz […]: a virtude aperfeiçoa o que já existe, não cria do nada aquilo que aperfeiçoa.”
6. 4.2 · Ficha do Estudo III, via Estudo X, 4.2 e Estudo IX, 4.3 · “Estrutura vs. revelação”; “silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
7. 4.2 · decisões n.º 10 de 19 de outubro de 2026 e n.º 12 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · revisão da Ficha III
8. 4.2 · Estudo VII, 2.3 · a forma da Disputatio como a forma de Tomás · [leitura do estudo]
9. 4.3 · decisões n.º 1 de 17 de outubro de 2026 e n.º 13 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal”; “mediação aberta”
10. 4.3 · Ficha do Estudo VII, via Estudo X, 4.3 · “Sabido vs. revelado” · [Ficha, não cânon]

11. 4.3 · Estudo VII, 2.5 · “o cânon deixa o eterno ser eterno, e o convida a dançar” · [leitura do estudo]
12. 4.3 · Cânon v1.2, “Origem” · “O eterno dança no tempo.”
13. 4.3 · decisão n.º 3 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
14. 4.4 · Ficha do Estudo V, via Estudo X, 4.4 · “invenção vs. revelação”; “absurdo vs. pertencimento”; “querer uma só coisa” · [Ficha, não cânon]
15. 4.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Porque eu sem a minha luz sou uma mentira.”
16. 4.4 · Estudo X, 3.6 · o rio do cânon como histórico e não cosmológico · [leitura do estudo]
17. 4.5 · Estudo IX, 5.2 · a *phronesis* a vários “dá uma figura ao que a questão (i) pergunta” · hipótese do próprio IX
18. 4.5 · decisão n.º 7 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
19. 4.5 · decisão n.º 2 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX · “A Lux é valor”; “o esforço parte da luz”
20. 4.5 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “É o terceiro devido — o nós, ao lado do eu e do tu.”
21. 4.6 · Estudo X, 5.1 · “recebe de Platão a pergunta e responde a partir de outro lugar”; “um interlocutor que já recusa o nome único” (hipótese do próprio X)
22. 4.6 · decisão n.º 6 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz.”
23. 4.7 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “o encontro, não a precedência da relação”; “mais largo e mais humilde que o espaço público”
24. 4.7 · Cânon v1.2, “A Bússola”; “O Abrigo” · “a luz está lá?”; “Sê casa para o outro”
25. 4.7 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “palavras que dariam ao rio um dono”
26. 4.9 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “ponto de partida”
27. 4.9 · decisão n.º 2 de 17 de outubro de 2026 · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”

Capítulo 5 — Prévias: autores que virão

Aristóteles

1. 5.1 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, III, 3, 1113a11–13 · “um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance” · [V-gr; V-pt]
2. 5.1 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, VII, 2, 1145b25–29 · “contradiz nitidamente os fatos observados” · [V-gr; V-pt]
3. 5.1 · *Ética a Nicômaco*, VII, 3, 1147b9–17 · a *akrasia* explicada pelo saber que é só percepção · [paráfrase]
4. 5.1 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, I, 9, 1099b9–11 · “pela aprendizagem, pelo hábito” · [V-gr; V-pt]
5. 5.1 · *Ética a Nicômaco*, I, 9, 1099b14–20 · a felicidade vem da virtude e do esforço, se não for dom dos deuses · [paráfrase]
6. 5.1 · *Física*, trad. Hardie e Gaye, IV, 11, 219b1–2 · “número do movimento” · [V-gr; V-en]

7. 5.1 · *Física*, trad. Hardie e Gaye, IV, 14, 223a21–29 · se haveria tempo sem alma que conte · [V-en; paráfrase]
8. 5.1 · *Da alma*, trad. Smith; dissertação da PUC-Rio (autor e ano a confirmar), III, 5, 430a · “como a luz” · [V-gr; V-en; V-pt via secundária: dissertação da PUC-Rio]
9. 5.1 · *Política*, grego de Ross, I, 2, 1253a1–3 · o homem na cidade · [V-gr; paráfrase]
10. 5.2 · *Ética a Nicômaco*, VI, 5, 1140a1–b7 · *praxis* e *poiesis* · [paráfrase; localização a confirmar]
11. 5.2 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, VI, 5, 1140a26–b6 · a prudência como capacidade de agir com razão · [V-gr; V-pt; paráfrase]
12. 5.2 · *Política*, III, 9, 1280b36–39, em Höffe, trad. Pich · “a decisão de viver um com o outro” · [V-pt via secundária: Höffe, via Bruschi]
13. 5.3 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, I, 8, 1099a31–33 · “empana a felicidade” · [V-gr; V-pt]
14. 5.3 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, I, 10, 1100a10–12 · “será preciso ver o fim, como diz Sólon” · [V-gr; V-pt]
15. 5.4 · *Ética a Nicômaco*, trad. Ross, I, 6, 1096a23–29 · o bem se diz de muitos modos · [V-en; paráfrase]
16. 5.4 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, I, 7, 1097b25–1098a8 · “uma atividade da alma” · [V-gr; V-pt]
17. 5.4 · *Ética a Nicômaco*, Vallandro e Bornheim, II, 1, 1103a31–b25 · “tornamo-nos justos praticando atos justos” · [V-gr; V-pt]

A tradição

1. 5.1 · Agostinho, biografia: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, “Augustine of Hippo”, rev. 2024 · datas de vida e obras · [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*]
2. 5.1 · *Confissões*, trad. Mammì, via Ayoub, 2018, IV, 16, 28 · “o texto aristotélico que chamam de ‘Dez categorias’” · [V-lat; V-pt via secundária: Ayoub, citando Mammì]
3. 5.1 · *Cidade de Deus*, IX, 4, 3 · “um certame de palavras” · «verborum certamini, non rerum examini deputandum est» · [V-lat; tradução do estudo]
4. 5.1 · *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo et al., VII, 10, 16 · “entrei no mais íntimo de mim, guiado por ti” · [V-lat; V-pt]
5. 5.1 · *O mestre* (*De magistro*), XI, 38 · “a verdade que preside, por dentro, à própria mente” · «non loquentem qui personat foris, sed intus ipsi menti praesidentem consulimus veritatem» · [V-lat; tradução do estudo]
6. 5.1 · Novaes, *Analytica* 7(1), 2003, p. 99 · “uma transformação da alma em abrigo da verdade por si mesma interior” · [V-pt]
7. 5.1 · *Confissões*, trad. Mammì, VIII, 9, 21 · “a alma ordena a si mesma, e encontra resistência” · [V-lat; V-pt]
8. 5.1 · *Confissões*, trad. Mammì, VIII, 5, 10 · “da vontade pervertida nasce a libido” · [V-lat; V-pt]
9. 5.1 · *Confissões*, trad. Mammì, X, 29, 40 · “Concede o que ordenas, e ordena o que queres” · [V-lat; V-pt]
10. 5.1 · *Sobre a graça e o livre-arbítrio*, 6, 15 · “Deus não coroa os teus méritos” · «non Deus coronat merita tua tamquam merita tua, sed tamquam dona sua» · [V-lat; tradução do

estudo]

11. 5.1 · *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo et al., XI, 26, 33 · “uma extensão do próprio espírito” · [V-lat; V-pt]
12. 5.1 · *Cidade de Deus*, trad. Dias Pereira, vol. II, XIV, 28 · “dois amores fizeram as duas cidades” · [V-lat; V-pt]
13. 5.1 · *Enquirídio* (*Enchiridion*), trad. Shaw, 27 · “toda a massa do gênero humano” · «totius humani generis massa damnata» · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
14. 5.1 · *Sobre a correção e a graça*, trad. Holmes e Wallis, rev. Warfield, 13, 39 · «Certus est numerus electorum» · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
15. 5.1 · *Carta* 185, trad. King, 6, 24 · “a quantos encontrardes, forçai-os a entrar” · «quoscumque inveneritis, cogite intrare» · [V-lat; V-en; tradução do estudo]
16. 5.1 · Brown, *Journal of Roman Studies* 54, 1964; Rist, *Augustine: Ancient Thought Baptized*, 1994 · coerção: mudança por experiência; intenções de quem pune · [tese a confirmar]
17. 5.2 · Arendt, *A condição humana*, 1958, §4, pp. 23–25 · a vida política como ação e discurso · [V-en; paráfrase; página a confirmar]
18. 5.2 · Arendt, *Homens em tempos sombrios*, pp. 35–36, via Müller · a amizade como diálogo e filantropia · [V-pt via secundária: Müller]
19. 5.2 · Arendt, “Thinking and Moral Considerations”, 1971, via Estudo X, 5.3 · pensar como dois-em-um · [paráfrase; localização a confirmar]
20. 5.2 · Arendt, *A condição humana*, via Estudo VII, 5.4; Agostinho, *Cidade de Deus* XII, 20, 4 · a natalidade · [tese a confirmar]
21. 5.2 · Arendt, *A vida do espírito*, pp. 351 e 357, lidas em obra secundária não registrada · Agostinho “descobre” a vontade · [tese a confirmar]
22. 5.3 · Marcel, *Ser e ter*; Jaspers, *Filosofia*, via Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, p. 596 · problema e mistério; situações-limite · [paráfrase; localização a confirmar]; [V via secundária: Ricoeur, via Estudo X, 5.4]
23. 5.3 · Quigley, sobre Jaspers, *Os grandes filósofos*, 1962, via Estudo X, 4.4 · “os pensadores seminais, dos quais só há três” · [V-en via secundária: Quigley, via Estudo X, 4.4; tradução do estudo]
24. 5.3 · Tomás de Aquino, *Suma teológica* I-II, q. 49, a. 1, New Advent · o hábito como o que se tem · [V-en; hipótese do estudo]
25. 5.4 · Taylor, “A política do reconhecimento”, p. 41, via Estudo VII, 3.1 · “esse potencial, e não o que a pessoa fez dele” · [V via secundária: Estudo VII, 3.1]
26. 5.4 · Taylor, *As fontes do si*, 1989 · o si formado diante de bens que pedem articulação · [tese a confirmar]
27. 5.4 · MacIntyre, *Depois da virtude* · a virtude, as práticas, a vida narrada e a tradição · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 5 · Decisão n.º 11 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a ordem dos clássicos · [V]
2. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém” · [V]

3. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “mestre interior”; “sua principal herança”; “sem se filiar a nenhum de modo exclusivo” · [V]
4. 5.1 · Decisões de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, n.º 2 e n.º 5; sobre o Estudo X, n.º 7 e n.º 9 (“o Estudo XII não recebe a pergunta pelo ‘mestre interior’”) · [V]
5. 5.1 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção”; decisão n.º 5 de 17/10/2026 · [V]
6. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” · [V]
7. 5.1 · Catecismo, 7 · “Por ser anterior a qualquer conquista, ela não é prêmio de quem a merece.” · [V]
8. 5.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “atemporal”; “imersa num rio” · [V]
9. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Princípio” · “Ninguém começa do zero” · [V]
10. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “comunidade, sociedade ou coletivo” · [V]
11. 5.1 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “ninguém ficará sem luz dentro da noite” · [V]
12. 5.2 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “pública e derivada”; “não é programa político” · [V]
13. 5.2 · Decisão n.º 5 de 19/10/2026 · assimétricas no Abrigo, recíprocas no rio · [V]
14. 5.2 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · a Regra da Misericórdia · [V]
15. 5.3 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o acaso que desaba”; “promete presença, não vitória” · [V]
16. 5.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III, “Virtude”; Catecismo, 15 · “prontidão interior para o novo” · [V]
17. 5.3 · Estudo X, 5.4 (sem “morte” nas fontes do cânon); Estudo IX, 5.5 (a disponibilidade de Marcel) · [V]
18. 5.3 · Ficha do Estudo III, via Estudos IX (4.2) e X (5.4) · “silêncio respeitoso” · [Ficha, não cânon]
19. 5.4 · Catecismo, 6 · “Cada pilar tem um princípio, uma virtude e uma prática.” · [V]
20. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · [V]
21. 5.4 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “como material, não como doutrina” · [V]
22. 5.4 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a pessoa e a história em registros distintos · [V]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

Aristóteles

1. 6.1, 6.4 · *Ética a Nicômaco* II, 1, 1103a31–b25 · “tornamo-nos justos praticando atos justos”; o aprender fazendo · ver 1.3 · [V-gr; V-pt]
2. 6.1 · *Ética a Nicômaco* I, 7, 1098a16–20 · “uma andorinha não faz verão” · ver 1.2 e 3.1 · [V-gr; V-pt]
3. 6.1 · *Física* IV, 12, 221a30–b3 · “antes condição de destruição que de geração” · ver 1.10 · [V-en; tradução do estudo]

4. 6.1, 6.5 · *Da alma* III, 5, 430a · o intelecto “como a luz” · ver 1.9 · [V-gr; V-pt via secundária]
5. 6.1 · *Metafísica* XII, 7, 1072b3 · o motor move como o amado · ver 1.10 · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
6. 6.4 · *Ética a Nicômaco* V, 8, 1135b11–25 · infortúnio, erro, ato injusto · ver 3.5 · [V-gr; V-pt]
7. 6.4 · *Ética a Nicômaco* V, 10, 1137b11–13 · “retificação do justo legal” · ver 2.5 · [V-gr; V-en; tradução do estudo]
8. 6.2 · *Ética a Nicômaco* II, 6, 1106b36–1107a2 · a virtude como mediania · ver 1.3 e 3.3 · [V-gr; V-pt]
9. 6.1 · *Política* I, 4, 1254a14–17; I, 13, 1260a10–14 · o escravo por natureza; a faculdade deliberativa · ver 1.11 e 3.7 · [V-gr; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.2 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “se treina movendo”; “prisão sem grades” · ver 2.2
2. 6.1, 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · a prática como “condição de sua visibilidade para quem a carrega” · ver 2.2
3. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “anterior a qualquer conquista ou circunstância” · ver 3.1
4. 6.1, 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “cada luz é intrínseca — não relativa, não comparativa, não sujeita a ranking” · ver 3.6
5. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” · ver 3.2
6. 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 2 · “o esforço parte da luz”; “A Lux é valor; a capacidade é poder”
7. 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 5 · “de posição, não de valor”; “assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio” · ver 3.4
8. 6.1, 6.3 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X, n.º 2, 3, 4, 6, 7 e 8 · graus de visão, nunca de valor; o sol é estrutura; ordenar objetos não é ranquear pessoas; “Só templo”; o veto é a própria Luz; Sócrates na Ficha II
9. 6.3 · Decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo IX, n.º 9 e n.º 12 · o material do tratado da justiça; a revisão da Ficha III
10. 6.3, 6.4 · Decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, n.º 9 e n.º 10 · “O dano que não se quis entra no Examinar”; a revisão da Ficha III
11. 6.4 · Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de 17 de outubro de 2026 · “com ou sem intenção” · ver 3.5
12. 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos” · ver 3.4
13. 6.3 · Estudo IX, 5.2 e 6.3 (questão (u)); Estudo X, 5.1 e 6.3 · as prévias; “não são o mesmo”
14. 6.3 · Estudo VII, 6.3 · as herdadas (g), (j), (k)

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

O texto tem 104 marcas com “confirmar” e 460 marcas de verificação ao todo. O grego de Aristóteles foi conferido nos textos de Oxford (Bywater para a *Ética a Nicômaco*; Ross para o *Da alma*, a *Física*, a *Política* e a *Metafísica*), lidos na Perseus Digital Library, com o inglês de Rackham, Ross, Smith, Hardie e Gaye, Tredennick e Jowett à vista; nenhuma edição brasileira ou portuguesa de referência foi aberta por inteiro, e o português de Aristóteles é, quase sempre, o de Vallandro e Bornheim (indireto do inglês de Ross, em digitalização com ruído e sem paginação conferida), tradução do estudo ou fragmento lido por intermediário. As passagens do Cânon, dos Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações, dos Estudos VII, VIII, IX e X e das Decisões do fundador foram conferidas contra os textos. Agrupadas por tipo de conferência, para quem for fechar o aparato (os itens de cada bloco vão numerados entre parênteses):

Tipo	**O que falta**
Edições não abertas	(1) *Ética a Nicômaco* em português: Zingano (a edição não foi aberta; só a versão de VIII, 2, 1156a8–9 dentro de Zingano, *Archai* 34, 2024, p. 4), Castro Caeiro (Atlas, 2009; Quetzal), só por Bruschi (2019, pp. 14, 16, 33–34), Sousa (2024, pp. 124–125) e Pereira (2016, p. 197), e Gama Kury (UnB), só por Silva (2025, p. 33); Angioni (sobre a *Ética*), Gomes dos Reis e outras edições citadas na pesquisa de fontes do estudo não foram abertas; (2) *Política* em português só por intermediários: Gama Kury, *Política* I, 2, 1253a1–3, por Silva (2025, p. 33), com possível adaptação, a conferir; Campelo Amaral e Carvalho Gomes (Vega, 1998), I, 5, 1254b20, por Vahl (2016, p. 181); Leal Ferreira (Martins Fontes, 2006) por Bruschi (2019); Höffe, trad. Pich (Artmed, 2008, p. 218), *Política* III, 9, 1280b36–39, por Bruschi; os demais trechos da *Política* são tradução do estudo; (3) Vallandro e Bornheim, *Ética a Nicômaco* (Nova Cultural, 1991): tradução indireta, do inglês de Ross; digitalização com ruído, só trechos limpos; páginas não conferidas; antes de qualquer publicação, trocar por uma edição de referência; (4) *Metafísica*, Reale e Perine (Loyola, 2002): digitalização com ruído (I, 1, 980a21–22; I, 2, 982b11–19; 982b24–28); (5) *Da alma* II, 1, 412a, Angioni (Unicamp, 1999, pp. 37–43): só um fragmento de PDF em duas colunas, com a ordem embaralhada; *Da alma* III, 5, 430a, só por uma dissertação da PUC-Rio (autor e ano a completar); (6) *Física* III, 1–3, Barbosa (*Anais de Filosofia Clássica* 13/25, 2019): única parte da *Física* com português conferido; a *Física* IV e VIII, sem português; (7) *Ética a Eudemo* II, 1, 1219a38–39: só em espanhol (Pallí Bonet, Gredos, 1985), por não haver edição portuguesa conferida; o grego é o de Susemihl (Teubner, 1884), não o de Walzer–Mingay; (8) *Ética a Nicômaco* IX em espanhol (Gredos, 1995): só pelas traduções de Cenci e Dalbosco (2024); suas citações da *Ética* não valem como [V-pt]; (9) *Retórica* (Freese) e *Política* (Jowett): lidas em inglês; nenhuma passagem entra nas Fontes dos capítulos; (10) edições impressas de Sêneca, Epicteto, Tomás, Agostinho (latim só em parte; *Enquirídio*, *Sobre a correção e a graça* e *Carta* 185 só em inglês), Hegel, Heidegger, Kierkegaard, Buber e Arendt não foram abertas: leitura em inglês (Gummere, Stewart, Pilkington, Haldane, Stambaugh e Schmidt, Macquarrie e Robinson, Hofstadter, Swenson, Smith, Shaw, Holmes e Wallis, King), via Wikisource, Gutenberg, New Advent, marxists.org, beyng.com e Religion Online, sem as páginas do alemão de Hegel (*Werke* 19) e de Heidegger; (11) Agostinho em português: Mammì (VIII, 5, 10; VIII, 9, 21; X, 29, 40), Arnaldo do Espírito Santo et al. (VII, 10, 16; XI, 26, 33) e Dias Pereira (*Cidade de Deus* XIV, 28) levam [V-pt] sem que o capítulo 5 declare se a leitura foi direta ou por intermediário; as edições a completar.
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a	**Prólogo.** *Da geração dos animais* II, 3, 736b, o intelecto “de fora” [V-en via secundária; tese a confirmar]. **Capítulo 1.** 1.1: Kenny e Rowe, a ordem das Éticas [tese a confirmar]; 1.1–1.6: Nussbaum, *The Fragility of Goodness* (1986); Kraut; Aubenque, *La prudence chez Aristote* (1963) [tese a confirmar]; 1.2: Nussbaum e Kraut [tese a confirmar]; 1.3: Aubenque [tese a confirmar]; 1.6: *Ética* VI (disposições do pensamento) [paráfrase; localização a confirmar] e Aubenque [tese a confirmar]; 1.8:

Tipo	O que falta
confirmar] e “o grego do trecho não foi conferido”	Hardie [data e título a confirmar], Cooper, Broadie [tese a confirmar]; 1.9: dissertação da PUC-Rio, *Da alma* III, 5, 430a (autor e ano a confirmar); *Da geração dos animais* II, 3, 736b via Connell (2021) [V via secundária; tradução do estudo; tese a confirmar]; Connell, “‘Nous alone enters from outside’” [tese a confirmar]; as leituras de Tomás de Aquino e de Averróis [tese a confirmar]; 1.10: *Física* VIII, 9 (fecho) [V-en; paráfrase; localização a confirmar]; Berti e Reale sobre o motor [tese a confirmar]. **Capítulo 2.** 2.1: Irwin, *Aristotle’s First Principles* (1988) [tese a confirmar; página a confirmar]; Estudo IX, 5.2, a honra medida pelo mérito (IV, 3, 1123b) [paráfrase; localização a confirmar]; 2.2: MacIntyre, *After Virtue* (1981) [tese a confirmar]; 2.4: *Ética* IX, 11, 1171b20 (aprox.) [paráfrase; localização a confirmar]; Nussbaum, *A fragilidade da bondade*, cap. 12 [tese a confirmar; página a confirmar]; 2.6: *Ética* VI, 8, 1142a23–30 [paráfrase; localização a confirmar]; Aubenque [tese a confirmar; página a confirmar]; 2.7: Gama Kury via Silva (2025, p. 33) [possível adaptação, conferir]; 2.8: *Ética* X, 7, 1177b6–26 [paráfrase; localização a confirmar]; Hardie, *Aristotle’s Ethical Theory* (1968) [tese a confirmar; título a confirmar]. **Capítulo 3.** 3.1: *Ética* I, 10, 1101a6–8, Príamo [paráfrase; localização a confirmar]; Hardie [título e data a confirmar], Cooper (1986), Kraut (1989), Nussbaum (1986) [título a confirmar] [tese a confirmar]; 3.2: Tomás, *Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1 [paráfrase]; 3.3: Aubenque e Nussbaum [tese a confirmar]; 3.6: Broadie (1991) [tese a confirmar]; 3.8: dissertação da PUC-Rio (autor e ano a confirmar); *Da geração dos animais* II, 3, 736b via Connell [tese a confirmar]; Ross (1923); Tomás, o intelecto agente; Tomás, Hegel, Brentano e Berti, o limite da teologia aristotélica [tese a confirmar]. **Capítulo 4.** 4.1: Sêneca, *Da ira* I, 9 [localização a confirmar]; a física e a lógica da Stoa em relação com o Liceu, nenhuma passagem recolhida [tese a confirmar]; 4.2: [tese a confirmar] no corpo do texto; 4.3: Hegel, *Enciclopédia* §577, citação grega de *Metafísica* XII, 7, 1072b18–30 não conferida [tese a confirmar]; 4.4: Heidegger leitor da *Ética*; Jaspers, nenhuma passagem recolhida [tese a confirmar]; 4.5: Levinas e Aristóteles (“animal político”, *conatus*); Berti sobre o primeiro motor, nenhuma letra recolhida [tese a confirmar]; Ricoeur, “Ética e moral” (1989) [página a confirmar; tese a confirmar]; 4.6: *Metafísica* I, 9 [paráfrase; localização a confirmar]; 4.7: Buber, *Between Man and Man*, p. 129 [página a confirmar]; Arendt, *A condição humana* §4, pp. 23–25 [página a confirmar]; 4.8: Aristóteles e o budismo (impermanência), o vedanta (*Brahman*) e o taoísmo (o não agir), nenhuma letra recolhida [tese a confirmar]; 4.9: [tese a confirmar] no corpo do texto. **Capítulo 5.** 5.1: Brown (1964) e Rist (1994) sobre a coerção em Agostinho [tese a confirmar]; [tese a confirmar] no corpo do texto; 5.2: *Ética* VI, 5, 1140a1–b7, *praxis* e *poiesis* [paráfrase; localização a confirmar]; Arendt, *A condição humana* §4 [página a confirmar]; Arendt, “Thinking and Moral Considerations” [paráfrase; localização a confirmar; via Estudo X, 5.3]; Arendt, a natalidade [tese a confirmar]; Arendt, *A vida do espírito*, pp. 351 e 357, lidas em obra secundária não registrada [tese a confirmar]; 5.3: Marcel, *Ser e ter*; Jaspers, *Filosofia*, via Ricoeur, *La mémoire, l’histoire, l’oubli*, p. 596 [paráfrase; localização a confirmar]; Tomás, *Suma teológica* I-II, q. 49, a. 1 [hipótese do estudo]; 5.4: Taylor, *As fontes do si* (1989); MacIntyre, *Depois da virtude* [tese a confirmar]. **Capítulo 6.** Nenhuma marca “confirmar” nas Fontes; 6.3 (j): a letra de Aristóteles reunida para o estudo não traz passagem que toque a Bússola e o monte Moriá.
Passagens lidas só em inglês ou traduzidas pelo estudo	(1) *Ética* I, 6, 1096a23–29 (“tantos sentidos quanto ‘ser’”), só no inglês de Ross [V-en; tradução do estudo], no Prólogo, em 1.2 e 3.8, e como [V-en; paráfrase] em 5.4 (em 4.6, com [V-gr; V-en; paráfrase]); (2) *Ética* V, 1–2, V, 3–4, V, 8, V, 10 (1.5); VIII–IX e XI (1.7, 2.3, 2.4, 3.4, 3.7): grego de Bywater e inglês de Rackham, português do estudo, sem [V-pt]; *Ética* IX, 4, 1166a29–32 (“outro si mesmo”) é tradução do estudo no Prólogo, em 1.7, 2.3 e 4.5; (3) *Política* inteira (1.11, 2.7, 3.6, 3.7, 4.7, 5.1, 5.2): grego de Ross e português do estudo ou de intermediários, sem inglês conferido nas Fontes; I, 3, 1253b18–23; I, 4, 1254a14–17; I, 12, 1259b1–4; I, 13, 1260a10–14; 1260b3–8; VII, 3, 1325a31–34 e 1325b14–23 são do estudo; (4) *Ética a Eudemo* II, 1, 1219a38–39: grego, inglês e espanhol conferidos, português do estudo; (5) *Da alma* (Smith): II, 1, 412a, 412b, 413a; III, 4, 429b–430a; III, 5, 430a (“imortal e eterno”), tradução do

Tipo	O que falta
	estudo (1.9, 3.1), e II, 1, 412a em português só no fragmento de Angioni; (6) *Física* (Hardie e Gaye): IV, 11, 219b1–2; IV, 12, 221a30–b3; IV, 13, 222b16–19; IV, 14, 223a21–29 (1.10, 4.4, 5.1, 6.1); só *Física* III, 1, 201a10–13 tem português (Barbosa); (7) *Metafísica* (Ross): IX, 6, 1048b33–35; XII, 7, 1072b3, 1072b26–28; XII, 9, 1074b33–35 (Prólogo, 1.10, 3.8, 4.3), português do estudo, sem [V-pt]; *Metafísica* I, 1–2 com português de Reale e Perine e inglês de Tredennick (1.8, 2.8); (8) *Da geração dos animais* II, 3, 736b27–28 e 736b28–29: só por Connell (2021), sem grego conferido (Prólogo, 1.9, 3.8); (9) *Da alma* III, 5, 430a, «hos hexis tis, hoion to phos» ("como a luz"): o português vem só da dissertação da PUC-Rio, e o inglês é o de Smith; (10) Agostinho: *Cidade de Deus* IX, 4, 3, *O mestre* XI, 38 e *Sobre a graça e o livre-arbítrio* 6, 15 em latim com tradução do estudo; *Enquirídio* 27, *Sobre a correção e a graça* 13, 39 e *Carta* 185, 6, 24 em inglês com tradução do estudo; Tomás, *Suma de teologia* I-II, q. 55, a. 1, em latim e inglês, tradução do estudo; (11) Sêneca (*Da ira* I, 9; *Cartas* 85), Hegel (Haldane), Heidegger (Stambaugh e Schmidt; Macquarrie e Robinson; Hofstadter), Kierkegaard (Swenson), Buber (Smith) e Arendt (Chicago): em inglês, tradução do estudo, sem o alemão ou o dinamarquês conferidos; (12) os trechos que o estudo traduz levam o original nas Fontes de cada capítulo; convém conferir se a mesma tradução do estudo vale para a mesma letra em todos os capítulos (por exemplo, IX, 4, 1166a29–32 no Prólogo, em 1.7, 2.3 e 4.5; XII, 7, 1072b3 no Prólogo, em 1.10, 3.8 e 4.3).
Intérpretes lidos só por intermediários ou só em resumo	(1) lidos por inteiro: Zingano, "Prazeres falsos, boas amizades" (*Archai* 34, 2024); Hobuss (*ethic@* 9/2, 2010); Borçin (*Aither* 32, 2024); Heath (*Phronesis* 53/3, 2008, em preprint); Cenci e Dalbosco (*Educação Unisinos* 28, 2024); Novaes (*Analytica* 7/1, 2003); as entradas da *Stanford Encyclopedia* e da *Internet Encyclopedia* citadas; mas os capítulos marcam Zingano, Hobuss, Borçin e Miller como [V via secundária] ou [V-pt via secundária]: harmonizar a marca com a leitura; (2) os livros de Zingano (*Estudos de ética antiga*, 2007, pp. 463–483; a tradução da *Ética*), Cooper, Nussbaum, Annas, Irwin, Kraut (1989), Broadie, Hardie, Kenny, Jaeger, Shields, Nussbaum e Rorty, Lear, Ross (1923), Reale, Berti, Aubenque (1962 e 1963) e Rocha Pereira (*Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I): só nomeados, com dados bibliográficos conferidos pela *Stanford Encyclopedia* ou pela *Internet Encyclopedia* e teses [tese a confirmar], sem página; Angioni sem tese sobre a *Ética* (pendência declarada: indicar a obra); Gomes dos Reis sem tese; Pereira (*Synesis* 8/1, 2016) só pelo resumo; (3) Cenci e Dalbosco como intermediários de Zingano (2007), de Ricoeur (*O si-mesmo como um outro*, 7.º estudo, pp. 202 e 205) e de Nussbaum (2009, p. 318, referência incompleta); Bruschi, Sousa e Pereira como intermediários de Castro Caeiro; Vahl como intermediário de Campelo Amaral e Carvalho Gomes; Silva como intermediário de Gama Kury; Hobuss como intermediário de Rodrigo, Wiggins, Taylor e Horn; Borçin como intermediário de Frank (2004), Bodéüs (2009), Schofield (1999), Lear (1988), Garnsey (1996) e N. Smith (1991); Lopes como intermediário de MacIntyre, *Dependent Rational Animals*; Müller como intermediário de Arendt, *Homens em tempos sombrios*, pp. 35–36; Ayoub como intermediário de Mammì; Gerbasi como intermediário de Aubenque (1962); Connell, só por intermediário (o artigo não foi aberto na letra); (4) as casas por intermediários: Sêneca, *Cartas* 6, 6, pelo Estudo X, 4.1; Hegel, "mestres do gênero humano", pelo Estudo X, 4.3; Jaspers, só pela resenha de Quigley (1962) e por Ricoeur, p. 596; Levinas pelo Estudo VIII (4.2 e 4.7), sem letra sobre Aristóteles; Ricoeur pelo Estudo IX (1.4, 5.2, 5.3) e pelas edições espanholas (p. 320, *O justo*, p. 14), com "Ética e moral" (1989) sem página; Taylor, p. 41, só pelo Estudo VII, 3.1; Buber só em *Between Man and Man*, p. 129; Marcel, *Ser e ter*, só paráfrase; Arendt pelos Estudos VII (5.4), IX (5.4) e X (5.3); (5) a Ficha do Estudo III e as Fichas dos Estudos II, V e VII: lidas só pelas citações que os Estudos VII a X delas fazem; o arquivo das Fichas não esteve entre as fontes; (6) Heidegger, *Ser e tempo* §81: as notas não foram recolhidas, e o corpo conferido não nomeia Aristóteles; Kierkegaard, *Migalhas*, texto de nota do Interlúdio; (7) o Oriente: nenhum intérprete nomeado aproxima Aristóteles do budismo, do vedanta ou do taoísmo; as aproximações são [tese a confirmar] e não têm letra recolhida.

Tipo	**O que falta**
Colunas de Bekker não conferidas e linhas interpoladas	(1) *Da alma* e *Da geração dos animais*: a Perseus não hospeda o texto grego do *Da alma* (a consulta devolveu “No document found”; o servidor do Scaife não respondeu) e os arquivos do First1KGreek (edição de Bekker) não trazem as colunas; as colunas vêm da tradição e das próprias fontes (Angioni, II, 1, 412a3–413a10; dissertação da PUC-Rio, III, 4, 429a13–29; Connell, *GA* II, 3, 736b27–28 e 736b28–29, ed. Drossaart Lulofs); por isso o estudo cita essas duas obras só com a coluna, sem linhas; falta conferir linha a linha em Ross (OCT) ou em Bekker; o Prólogo e o enunciado desta tarefa dão Ross para o *Da alma*, e a pesquisa de fontes do estudo dá First1KGreek (Bekker): decidir qual é a edição de consulta e corrigir a bibliografia (n.º 6); o grego politônico do *Da alma* está a recolar; Platt e Peck (*GA* II, 3) não foram recolhidos; (2) linhas interpoladas: as linhas de Bekker da *Ética* e da *Metafísica* I foram interpoladas dos marcos de cinco em cinco linhas da Perseus e valem com margem de uma ou duas; as linhas “a conferir” das notas *Estabelece* da pesquisa de fontes do estudo não foram conferidas num texto paginado por linha; as linhas de Sousa e de Bruschi não conferem com a OCT, e o estudo usa as da Perseus; (3) *Ética* IX, 11, 1171b20 (aprox.), 1168b2–3 e 1171b5–12 não reabertos; *Ética* VI, 8, 1142a23–30; X, 7, 1177b6–26; I, 10, 1101a6–8: paráfrase; (4) *Metafísica* XII, 9, 1074b33–35 e XII, 7, 1072b18–30; *Física* IV, 10–14 (217b29–224a17, no recorte de Heidegger): localização em colunas a conferir; *Física* VIII, 9 (fecho): localização a confirmar; (5) a *Ética a Eudemo* grega é a de Susemihl (1884), e não a de Walzer–Mingay, e a *Metafísica* inglesa da Perseus é a de Tredennick, e não a de Ross: a numeração e o texto podem divergir; (6) a autoria dos livros comuns (*EN* V–VII = *EE* IV–VI) não foi tratada; a ordem relativa da *Ética a Nicômaco* e da *Ética a Eudemo* (Kenny, Rowe) fica em aberto e afeta qual dos dois tratados representam os passos de V a VII citados.
Biografias divergentes (*Stanford Encyclopedia* × *Internet Encyclopedia*)	(1) a idade de chegada à Academia e o tempo nela: “cerca de dezessete anos” e permanência até a morte de Platão em 347 (SEP) × “vinte anos de estudo”, ou seja, 367–347 (IEP, citando Diógenes Laércio, V, 9); os dois concordam em 347 como saída; (2) a saída de Atenas em 347: por ocasião da morte de Platão (SEP) × motivos discutidos (Chroust, 1967) e depois Atarneu sob Hérmias, onde, em três anos, teria se casado com Pítias (IEP); a SEP põe dois anos em Lesbos, com Teofrasto, e o casamento lá; (3) Pítias: sobrinha de Hérmias (SEP) × “sobrinha ou filha adotiva” (IEP); (4) Herpílis, de Estagira (talvez): estatuto discutido (escrava, liberta, esposa ou concubina, conforme o testamento, se autêntico); (5) o filho Nicômaco como possível editor da *Ética a Nicômaco* (IEP); (6) a saída de Atenas em 323: “talvez por acusação de impiedade” (IEP, citando Diógenes Laércio, V, 5), e a anedota de que não queria que Atenas pecasse duas vezes contra a filosofia, lenda repetida (SEP); (7) a morte em Cálcis em 322, de causas naturais (SEP), aos 63 anos (IEP, Diógenes Laércio, V, 10); (8) Nicômaco, o pai, como médico do rei Amintas: Diógenes Laércio, V, 1, fonte de confiabilidade questionada (IEP); (9) a cronologia relativa das Éticas e a tese de cada intérprete (Kenny 1978, 1979, 1992; Rowe 1971) ficam [tese a confirmar]; o capítulo 1 (1.1) dá as duas versões onde divergem e não escolhe; Jaeger (1934) relativiza a unidade do *corpus*, e o estudo não adota a periodização.
A numeração VI, 7/VI, 8 de Vallandro e Bornheim	(1) a edição de Vallandro e Bornheim numera VI, 7 o trecho que a numeração de Bekker põe em VI, 8 (*Ética* 1141b15–17, “reconhecer os particulares”); o capítulo 1 (1.6, item 18) escreve “VI, 8 (na edição, VI, 7)”, o capítulo 2 (2.6, item 18) escreve “Vallandro e Bornheim numera livro VI, cap. 7”, o capítulo 4 (4.5, item 9) escreve “a edição numera VI, 7”, e o capítulo 3 (3.3, item 13) cita só “VI, 8”: harmonizar a nota nos quatro pontos; o Prólogo também a declara; (2) a numeração dos demais capítulos do livro VI na mesma edição (VI, 5, 1140a26–b6; VI, 13, 1144b28–32) e de outros livros não foi conferida página a página, porque a paginação da digitalização não foi conferida; (3) o vocabulário português varia entre edições: *phronesis* (“sabedoria prática”), *akrasia* (“incontinência”), *mesotes* (“mediania” e “meio-termo”): o estudo usa o de Vallandro e Bornheim e nomeia o grego na primeira ocorrência.

Tipo	O que falta
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada deste quadro. As marcas “confirmar” são de edição, de página e de leitura, e nenhuma decisão do fundador as resolve; só a abertura da edição, do livro ou do artigo as fecha. Registram-se apenas, para que não se confundam com elas: (1) as onze perguntas abertas de 6.3, (g), (j), (k) e (ag) a (an), são doutrinais e esperam o fundador; não alteram nenhuma marca deste quadro; (2) nenhuma das decisões de 17/10, 19/10 e 23/10 foi tomada sobre Aristóteles (as sobre o X respondem a Platão, as sobre o IX a Ricoeur, as de 19/10 a Levinas, as de 17/10 a Hegel); o estudo apenas pergunta se a leitura vale; (3) o Estudo IX (5.2) remeteu a virtude de Aristóteles à questão (u), cuja letra e cuja resposta (decisão n.º 2 de 23/10 sobre o Estudo IX) não a cobrem; a pergunta pela virtude é nova, (ag); (4) o VII e o VIII não nomeiam Aristóteles; o IX e o X o nomeiam em poucos lugares; o cânon e os escritos nunca o nomeiam, e a lista dos Tratados (“Agostinho, Tomás, Heráclito, estoicos, personalismo”) não o inclui; (5) “alma” ocorre duas vezes na letra do cânon (“manter a alma flexível”, Pilar III, Prática; Catecismo, 16), e “hábito” uma vez, negativa, no Tratado da Luz Interior; “amigo” ocorre nos escritos e não no Cânon; (6) “O rio não é programa político” é do Tratado das Águas Comuns, e não do Cânon; (7) as Fichas dos Estudos I a VII são resumos de estudo, e não cânon; (8) os arquivos de decisões de 19/10 e de 23/10 sobre o X e os Prólogos divergem em palavras; cita-se o arquivo; (9) só o fundador altera a doutrina.

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens de Aristóteles foram conferidas no grego da edição Oxford (Bywater/Ross, via Perseus), com o inglês à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-en], [V-es] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[tese a confirmar]	65	39	26
[leitura do estudo]	59	55	4
[v-gr; tradução do estudo]	58	35	23
[V-en; tradução do estudo]	48	27	21
[v-gr; v-en; tradução do estudo]	36	23	13
[V-pt]	33	18	15
[V via secundária]	24	13	11
[hipótese do estudo]	21	21	0
[V]	21	0	21
[paráfrase; … a confirmar]	19	9	10
[V-en]	19	8	11
[paráfrase]	18	3	15
[v-lat; v-en; tradução do estudo]	8	4	4
[inferência do estudo]	7	7	0
[… a confirmar]	7	3	4
[v-lat; tradução do estudo]	6	3	3
[V-es]	5	3	2
[v-gr; v-en: rackham; tradução do estudo]	3	0	3
[v-gr; v-en; v-es; tradução do estudo]	2	1	1
[tradução do estudo]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	39	3273
1. Aristóteles em sua melhor forma	101	5199
2. Onde nos tocamos	101	3773
3. Onde nos separamos	125	5228
4. Aristóteles e as casas que já visitamos	80	3795
5. Prévias: autores que virão	58	2703
6. Síntese, fórmula e questões abertas	33	2998

Capítulo	Citações	Palavras
Total	537	26969

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII, VIII e IX; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.